



Mestrado em Treino Desportivo

Orientador:

Mestre João Paulo Costa

Prof. Doutor Nuno Loureiro

Relatório de Estágio: Intervenção, Observação e Análise numa Equipa Profissional de Futebol

Novembro, 2015

Estagiário: Rui Tomás Faustino Pinto da Mota

Índice

Índice de Quadros	5
Índice de Ilustrações	6
Índice de Esquemas.....	7
Índice de Gráficos.....	7
AGRADECIMENTOS	8
Resumo.....	10
Abstract	11
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
2.1 O Jogo de Futebol.....	15
2.2 Lógica Interna e Natureza do Futebol.....	16
2.3 Ser Treinador	18
2.4 A Importância e os objetivos da Observação e Análise de Jogo	19
2.5 Sistemas de Observação	21
2.6 Fases da Análise do Jogo.....	21
2.7 Observação e Análise de Jogo em Futebol	23
2.8 O OBSERVADOR	29
2.8.1 Quem observa?.....	29
2.8.2 Como observar?.....	29
2.9 Métodos de Registo.....	30
2.10 Quando se observa	31
2.11 O que se observa?.....	31
2.12 Enquadramento operacional	35
3.DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS.....	38
3.1 Objetivos da Intervenção Profissional.....	38
3.1.1 Objetivos Formativos.....	38
3.1.2 Objetivos Específicos.....	38
3.2 Objetivos a atingir com a equipa / jogadores.....	39
3.2.1 Objetivos Competitivos	39
3.2.2 Relações Sociais a estabelecer durante o Estágio	40
4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO	41
4.1 Análise do Contexto.....	41

4.1.1 Clube e Envolvimento	41
4.1.2 Historial do Sporting Clube de Portugal	41
4.1.3 As conquistas, seu palmarés	44
4.1.4 O Estádio, a sua História e Evolução	44
4.1.5 Academia Sporting	46
4.1.6 Organigrama Sporting Clube de Portugal - Futebol Profissional	48
4.1.7 Equipa Técnica e seu Staff	50
4.1.8 Constituição do Plantel	50
4.2 Competições	52
4.2.1 Campeonato – Liga Zon Sagres.....	53
4.2.2 Taça da Liga	54
5. Análise da atividade desenvolvida (Funções e Tarefas).....	55
5.1 - Reunião Equipa Técnica (1) – “Análise do próximo Adversário”	56
5.2 - Análise do Jogo Anterior da nossa Equipa.....	56
5.3 - Compacto de vídeo do nosso jogo.....	58
5.4 - Apresentação Equipa (+/-) (Preleção 1).....	58
5.5 - Planear a Observação do próximo Adversário	60
5.6 - Reunião Técnica 2 – “Análise do último jogo”	61
5.7 - Análise Indireta do Adversário.....	62
5.9 - Reunião Técnica 3 – Definição das temáticas abordar na última preleção (Preleção N.º 2)	73
5.10 Elaborar apresentação para a preleção 2.....	73
5.11 - Preleções.....	74
5.12 - Treinos	74
5.13 – Observação Direta da equipa adversária	75
5.14 - Jogo Sporting Clube de Portugal	76
6. Análise Golos Marcados e Sofridos ao longo da Época.....	80
6.2.1 Golos Marcados	82
6.2.2 Golos Sofridos	87
7. Conclusões.....	93
8. Dificuldades.....	95
9. Recomendações.....	96
9. Bibliografia.....	98
Anexos.....	100
Anexo 1 – Calendário de jogos da Liga Zone Sagres, Taça de Portugal e Taça da Liga	101

Anexo 2 - Codificação retirada do programa Sportscore da Análise da Equipa.....	103
Anexo 3 - Apresentação (retirada do programa Sportscore) para a preleção 1.....	103

Índice de Quadros

Quadro 1 - Classificação da análise de jogo adaptado de Oliveira 1992	27
Quadro 2 – Classificação da análise de jogo adaptado de Sarmiento 2014.....	28
Quadro 3 – Constituição da Equipa técnica e staff.....	50
Quadro 4 – Jogadores provenientes da Equipa B que participaram em treinos ou jogos da Equipa A do Sporting Clube de Portugal	52
Quadro 5 – Reajustamento do Plantel na reabertura do mercado de transferências em Janeiro 2014.....	52
Quadro 6 – Resumo competitivo da Época 2013/2014.....	55
Quadro 7 – Plano do Microciclo relativo às tarefas de Estágio.....	55
Quadro 8 – Quadro de Resumo das principais tarefas desenvolvidas pelo gabinete ao longo da época 2013/2014.....	78
Quadro 9 – Critérios de avaliação para análise dos golos marcados e sofridos no decorrer da época 2013/2014.....	79
Quadro 10 – Algumas considerações do campeonato referente ao desempenho das equipas ao longo do campeonato.....	91
Quadro 11 – Microciclo tipo de um observador numa equipa de alta competição.....	96

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 – Desenho experimental: Suas Fases.....	39
Ilustração 2 – José Alvalade, membro fundador do Sporting Clube de Portugal.....	41
Ilustração 3 – Evolução do Símbolo Sporting Clube de Portugal	43
Ilustração 4 – Equipamento oficial, época 2013/2014	44
Ilustração 5 – Antigo Estádio José Alvalade e o actual Estádio Alvalade XXI	46
Ilustração 6 – Instalações da Academia do Sporting em Alcochete	47
Ilustração 7 – Organigrama da estrutura profissional do Sporting Clube de Portugal	49
Ilustração 8 – Foto e Constituição do Plantel profissional do Sporting Clube de Portugal, Época 2013/2014.....	51
Ilustração 9 – Classificação Final da Liga Zon Sagres Época 2013/2014.....	53
Ilustração 10 – Classificação Final da fase de Grupos da taça da liga, época 2013/2014.....	54

Índice de Esquemas

Esquema 1 – Sequência da apresentação da análise da nossa equipa no último jogo.....	59
Esquema 2 – Sequência da apresentação da análise da equipa adversário.....	60
Esquema 3 – Metodologia de trabalho na análise Indireta do próximo Adversário ..	64

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Momento do Jogo que resultaram nos Golos Marcados.....	81
Gráfico 2 – Períodos do jogo dos Golos Marcados.....	82
Gráfico 3 – Ação que antecede o momento de finalização dos Golos Marcados.....	83
Gráfico 4 – Corredor de jogo onde ocorreu a criação da situação de finalização nos Golos Marcados.....	84
Gráfico 5 – Zona de Finalização onde ocorreu os Golos Marcados.....	84
Gráfico 6 – Ação de Finalização que resultou nos Golos Marcados.....	85
Gráfico 7 – Momento do Jogo que resultaram nos Golos Sofridos	86
Gráfico 8 – Períodos do jogo dos Golos Sofridos.....	87
Gráfico 9 – Ação que antecede o momento de finalização dos Golos Sofridos.....	88
Gráfico 10 – Corredor de jogo onde ocorreu a criação da situação de finalização nos Golos Sofridos.....	89
Gráfico 11 – Zona de Finalização onde ocorreu os Golos Sofridos.....	90
Gráfico 12 – Ação de Finalização que resultou nos Golos Sofridos.....	90

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de etapas, umas mais importantes do que outras, mas com perseverança, determinação e sacrifícios tanto de quem as executa como de quem as assiste consegue-se atingir os nossos objectivos. É nesse sentido que gostaria de agradecer a um conjunto de pessoas e instituições sem as quais hoje não seria possível estar aqui.

Aos meus orientadores académicos, **Prof. João Paulo Costa** e **Prof. Nuno Loureiro**, agradeço todo o empenho, disponibilidade e partilha sem os quais não teria encontrado o meu caminho para aqui chegar.

Ao Sporting Clube de Portugal e respetiva equipa técnica **Prof. Leonardo Jardim**, **Mister António Vieira**, **Prof. Nelson Caldeira**, **Prof. Miguel Moita**, **Mister Nelson Pereira**, aos nossos Jogadores e Staff Técnico um muito obrigado pela partilha, aprendizagem, disponibilidade e companheirismo que sempre demonstraram ao longo da época.

À Escola Superior de Desporto e todos os seus docentes e pessoal não docente um muito obrigado por me ajudarem a crescer e aprender de uma forma diferenciada.

Aos meus estimados colegas e AMIGOS do “Gang do Futebol” **Prof. Alexandre Santos**, **Prof. João Paulo Costa**, **Prof. Nuno Loureiro**, **Prof. Eduardo Teixeira**, **Prof. Mauro Moderno**, **Prof. Emanuel Pinheiro** e **Prof. Nuno Coito** um especial agradecimento pela partilha, amizade, entusiasmo, paixão e por estarem sempre disponíveis para me ajudarem.

A todos os meus Alunos e Jogadores, obrigado pela oportunidade de me fazerem aprender e crescer.

Aos meus amigos obrigado por me apoiarem e incentivarem em todos os momentos.

À minha família obrigado por me terem disponibilizado sempre aquele apoio e sorriso nos momentos menos bons e estarem sempre por perto.

À Minha **Mãe**, **Pai**, **Irmã**, **Avó** e **Tio** por me terem ajudado a crescer, sempre com toda a vossa disponibilidade e carinho de forma a que pudesse dedicar-me aos meus sonhos, mesmo que isso implica-se a possibilidade de estarmos menos tempo juntos. Se aqui cheguei foi por tudo o que me deram e proporcionaram. Obrigado por me ensinarem a lutar pela conquista da vida.

Aos meus filhos Gonçalo e Tiago por me tornarem num ser Humano completo, por me fazerem sentir uma pessoa Especial.

À minha Esposa **Dora** e Amiga de longa data, obrigado por estes 19 anos de dedicação, amor, sacrifício, companheirismo, respeito, força, motivação, perseverança, por sempre acreditares em mim, por tudo o que representas para mim, ou seja, tudo...

“Sucesso é Conseguir o que você quer. Felicidade é gostar do que você conquistou”

Dale Carnegie

Resumo

O presente relatório tem como objetivo revelar todo o trabalho desenvolvido num departamento de observação e análise de jogo de uma equipa de Alto Rendimento. Refletindo sobre os seus objetivos, as suas tarefas, as suas estratégias e mecanismos de ação. Tendo como ponto de partida um conjunto de objetivos e metas estabelecidas.

O estágio foi realizado na equipa AA do Sporting Clube de Portugal (Equipa profissional da I Liga Portuguesa), onde o grau de exigência, enriqueceu esta experiência, tornando este momento formativo num desafio bastante aliciante.

Após uma revisão da literatura que procura estabelecer as principais funções de um treinador, onde se insere a temática de observação e análise de jogo são descritas um conjunto de tarefas e funções inerente ao trabalho desenvolvido num gabinete de observação e análise de jogo.

Faz parte ainda deste documento um estudo que procura caracterizar os golos marcados e sofridos ao longo do campeonato dessa época, com o objetivo de compreender e identificar estes momentos do jogo, de forma a auxiliar o Treinador na evolução da equipa.

Por fim é apresentada uma proposta de um microciclo tipo de um Observador de alta competição, tendo em conta a ideologia do autor.

Palavras-Chave: Futebol, Alto Rendimento, Metodologia de Observação e Análise Desportiva.

Abstract

This report aims to reveal all the workflow in a game analysis department of a High Performance Team. Reflecting on their goals, their tasks, their strategies and action mechanisms. Taking as its starting point a set of aims and goals.

The internship was held at the Sporting Clube de Portugal First Team (Premier Portuguese League), where the level demand, enriched this experience, making this formative moment a very exciting challenge.

After a literature review that seeks to establish the coach's main tasks, which includes the theme of game analysis.

Still part of this document a study was developed that aims to characterize the goals scored and conceded during the championship, in order to understand and identify these game moments, to assist the coach in the evolution of the team. Finally it is presented a proposal of an Analyst Department weekly workflow taking into account the author's ideology.

Keywords: Football, High Performance, Sports Analysis Methodology.

1. INTRODUÇÃO

O Relatório de Estágio insere-se na Unidade Curricular de Estágio, que decorre no 3º e 4º semestre do curso de Mestrado em Desporto, variante Treino Desportivo, na especialidade de Futebol.

O estágio teve como principal objetivo, oferecer a possibilidade de aplicar todos os conhecimentos adquiridos durante este ciclo de formação. Este momento formativo teve a duração de uma época desportiva e consiste no relato da atividade profissional, nomeadamente, todo o trabalho desenvolvido no dia-a-dia, desde o seu planeamento, sua operacionalização e reflexões produzidas.

Para Garganta (2004), o futebol é sem dúvida o fenómeno mais marcante do final do século XX e princípio do século XXI. O mesmo autor, afirma em 1997, que o futebol ocorre num contexto de imprevisibilidade e casualidade, no qual as equipas em confronto, disputando objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada momento, ações reversíveis de sinal contrário (ataque-defesa), alicerçadas em relações de oposição – cooperação.

O desenvolvimento das ciências do desporto atingiu maturidade para gerar um conjunto de conhecimentos aplicáveis ao Futebol, tendo vindo a manifestar-se um aumento do interesse na diminuição do fosso entre a teoria e a prática e o aumento da consciência do valor da abordagem científica do Futebol (Reilly, Bangsbo, & Hughes, 1997).

A intervenção desenvolvida no decorrer do estágio foi concretizada de duas formas: uma operacional onde será relatada toda atividade prática relacionada com a intervenção com e junto da equipa técnica, atuando como elemento Técnico do Departamento de Observação e Análise de Jogo. E outra componente mais descritiva, caracterizadora e reflexiva através da qual pretende-se efetuar uma análise e reflexão sobre o tratamento de toda a informação obtida através das observações e análises dos adversários, seu tratamento, formas de transmissão, definição do plano tático-estratégico e sua operacionalização ao longo do microciclo competitivo. Posteriormente será efetuada uma análise do próprio jogo (confronto direto), visando efetuar uma reflexão sobre os possíveis aspetos de melhoria identificados, quer ao nível da observação, tratamento, elaboração do plano tático-estratégico e da sua operacionalização.

O presente relatório tem como objetivo revelar todo o trabalho desenvolvido num departamento de observação e análise de jogo de uma equipa de Alto Rendimento. Refletindo sobre os seus objetivos, as suas tarefas, as suas estratégias e mecanismos de ação. Tendo como ponto de partida um conjunto de objetivos e metas estabelecidas.

O estágio foi realizado na equipa AA do Sporting Clube de Portugal (Equipa profissional da I Liga Portuguesa), onde o grau de exigência, enriqueceu esta experiência, tornando este momento formativo num desafio bastante aliciante. O relacionamento com todos os elementos da equipa

técnica, jogadores, equipa médica, dirigentes, diretores e restante Staff foi constante, onde foi necessário capacidade de adaptação a cada momento.

Este relatório será composto por diferentes partes, nomeadamente por definição dos objetivos propostos, os caminhos percorridos para dar resposta a esses mesmos objetivos (estratégias de intervenção profissional), um breve enquadramento teórico, uma análise e caracterização sucinta do contexto, uma descrição concisa das tarefas que foram desenvolvidas (metodologias e estratégias), suas reflexões e recomendações.

Gostaria de salientar que a atividade desenvolvida no clube teve início no dia 1 de Julho de 2013, data em que se iniciou a preparação da equipa para a época 2013/14 e terminou no dia 30 de junho de 2014.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo iremos efetuar um breve enquadramento teórico, ao longo do qual pretendemos tratar algumas das temáticas que abordaremos ao longo do nosso Relatório de Estágio. Neste capítulo iremos efetuar um breve enquadramento teórico, ao longo do qual pretendemos abordar os seguintes conteúdos temáticos: O jogo de futebol; O Rendimento em Jogos Desportivos Coletivos; A lógica interna e Natureza do Futebol; A importância e objetivos da observação e análise de jogo; Sistemas de observação; Fases da Análise do Jogo; Observação e análise de jogo no futebol; Ser Treinador; Conteúdos da Análise de Jogo; O Observador; A equipa técnica e suas funções; O Observador e o enquadramento operacional numa Equipa Técnica.

2.1 O Jogo de Futebol

O futebol é uma modalidade desportiva com longa existência e cuja popularidade no mundo atingiu valores bastante significativos, não só quanto à quantidade de espectadores, mas também ao número de praticantes.

Desta forma, essa popularidade e consequente procura acarreta como consequência um maior rigor por parte dos seus intervenientes – clubes, diretores técnicos, treinadores, atletas, entre outros – pela construção e implementação de linhas de orientação no sentido de construir bases sólidas ao processo no desenvolvimento da modalidade. A par desta evolução surge a influência de novas metodologias de ensino e meios, sendo, por isso, necessário um constante enriquecimento de conhecimentos.

De acordo com Garganta (1997), o Futebol, na sua expressão multitudinária, não é apenas um jogo desportivo coletivo, ou espetáculo desportivo, é também um meio de educação física e desportiva, um campo de aplicação da ciência e uma disciplina de ensino.

A modalidade desportiva de maior impacto na sociedade é, segundo Castelo (1992), o Futebol, sendo resultado da sua popularidade e da sua universalidade.

O Futebol é um jogo fácil de entender, baseando-se principalmente no que se refere aos objetivos, às variadas formas de intervir sobre a bola e, às relações básicas entre colegas e adversários nas fases ofensiva e defensiva (Castelo, 2009).

Castelo (2009), considera o Futebol como um jogo desportivo coletivo, onde os jogadores encontram-se agrupados em duas equipas numa relação de adversidade, numa luta incessante pela conquista da posse da bola, em respeito das leis do jogo, com o objetivo de a introduzir na baliza adversária, o maior número de vezes, e evitá-los na sua própria baliza, com vista à obtenção da vitória.

O jogo de futebol apresenta um grau de complexidade elevada, na medida em que a sua reversibilidade exige dos jogadores uma constante alternância de papéis e funções de ataque-defesa e defesa-ataque e de missões táticas a cumprir, quer sejam as dos próprios jogadores, quer sejam as dos seus companheiros (Garganta, 1997; Castelo, 2009).

O Futebol é um jogo de cooperação e oposição, onde as equipas formam duas entidades coletivas que, planificam e coordenam as suas ações para agir uma contra a outra, cujos comportamentos são influenciados pelas relações antagónicas de ataque-defesa (Castelo, 2009).

2.2 Lógica Interna e Natureza do Futebol

Qualquer investigação em Futebol deve apresentar a definição do próprio jogo, e por consequência do entendimento da sua lógica interna.

Vários autores entendem o Futebol como um sistema, sendo que este sistema comporta e integra vários elementos em simultâneo.

Gréhaigne (2001) considera o Futebol como o macrosistema resultante da ação de organizações elementares. A lógica interna do jogo é determinada, segundo o autor, pela ação e interação dos diferentes níveis do macrosistema.

Para Castelo (1996), o rendimento da equipa depende em primazia dos aspetos técnico-táticos. "Ao observarmos o jogo de futebol chegamos à conclusão do elevado grau de complexidade que os comportamentos técnico-táticos dos jogadores em si encerram (...)".

O futebol é um fenómeno que se projeta numa cadeia de estados, os quais têm carácter de ordem e desordem, estabilidade e instabilidade, equilíbrio e desequilíbrio, uniformidade e variabilidade, previsibilidade e imprevisibilidade, etc. O contexto em que decorre o jogo, confere-lhe uma lógica interna própria (produto da interação dos regulamentos do jogo e as soluções operacionais de carácter estratégico, tático, técnico, físico, etc.) que se distingue de todas as outras modalidades desportivas, para a resolução de cada contexto situacional de jogo.

Castelo (2005 e 2009) considerou o jogo de Futebol como um sistema que resulta e é constituído por seis subsistemas, regidos na sua interação pela lógica do jogo.

a) Subsistema Cultural: Um dos aspetos básicos de qualquer organização, seja qual for a sua aplicabilidade, é que esta não poderá existir, desenvolver-se e aperfeiçoar-se se não conter um conjunto de valores e finalidades partilhados por todos os seus membros. Na mesma e precisa dimensão a organização de uma equipa não se poderá manter se os seus jogadores não

adquirirem uma visão coletiva da forma como as decisões, atitudes e comportamentos são efetuados com o objetivo de estabelecer uma coerência interna.

b) Subsistema Estrutural: Exprime o dispositivo tático que determina o arranjo posicional dos jogadores dentro do espaço de jogo, ajudando-os a compreenderem e a operacionalizarem as suas funções táticas no plano individual e coletivo.

c) Subsistema Metodológico: Representa a sincronização comportamental dos jogadores e o ritmo de execução das suas ações táctico-técnicas, tornando-as racionalizadas e sequenciais para as fases fundamentais do jogo, enquadrados num dispositivo estrutural de base denominado sistema de jogo.

d) Subsistema Relacional: Corresponde a uma linguagem comum tácita pertencente à equipa (princípios de jogo), a qual é suportada por linhas orientadoras do pensamento tácito dos jogadores tendo em vista a resolução táctico-técnica dos vários contextos situacionais do jogo.

e) Subsistema Táctico-técnico: Assegura os procedimentos mais eficazes e eficientes para solucionar os problemas que derivam das situações de jogo.

f) Subsistema Estratégico-Tático: Expressa uma planificação que analise, define e sistematiza as diferentes operações inerentes à construção e desenvolvimento de uma equipa.

Costa (2005) considera que o jogo de Futebol apresenta um grau de complexidade elevada, na medida em que a reversibilidade implica, dos jogadores, uma alternância constante e momentânea dos papéis e funções de ataque-defesa e defesa-ataque e de missões táticas a cumprir, quer sejam as dos próprios jogadores, quer sejam as dos seus companheiros (citando Garganta, 1997; Castelo, 2003). Essa complexidade é explicada por fatores como o elevado número de jogadores em campo, a sua relação de forças e a variabilidade de papéis solicitado a cada momento aos jogadores de ambas as equipas (Garganta & Araújo, 2002).

Garganta (1996) refere várias características como pertencentes a um jogo de Futebol. A interatividade, dado que os jogadores atuam num relação de reciprocidade; globalidade, na medida em que o valor coletivo pode ser maior ou menor que a soma das partes; organizado, uma vez que a estrutura e funcionalidade decorrem das relações de cooperação e oposição; e por fim, complexo, dada a profusão existente entre todos os elementos.

A presença da bola, segundo Costa (2005), reúne atacantes e defesas à sua volta, num mesmo espaço (centro de jogo) e num determinado momento, separados por objetivos divergentes, os quais regem ações dependentes.

Segundo Garganta (1997) no Futebol ocorre uma luta incessante pelo tempo e espaço, dentro dos constrangimentos impostos pelo regulamento, no sentido de que sejam realizadas as tarefas

pretendidas. Deste modo, as ações que ocorrem durante o jogo não são divididas equitativamente entre as duas equipas que se defrontam.

A complexidade do jogo, existente em todas as suas fases, leva a que as competências para o jogar decorram de imperativos ditados pela necessidade de, em resultado da descontinuidade e aleatoriedade das ações, encontrar as respostas mais adequadas a diferentes configurações (Garganta, 1997.)

Pinto (1996), citado por Costa (2005) considera que a relação contraditória e permanente impõe mudanças rápidas e alternadas de atitudes e comportamentos de acordo com o objetivo do jogo em geral e com os objetivos específicos de cada situação. Retiramos então que uma equipa de Futebol é um sistema adaptativo complexo (Garganta, 1997).

Costa (2005) considera que a tática de um jogo de Futebol provém dos seus objetivos, que podem ser, segundo Teodorescu (2003), imediatos (da ação do jogo) e de médio e longo prazo, ou seja, os que dizem respeito à conquista da vitória na competição propriamente dita.

Segundo Castelo (2009), no futebol, tal como na escrita, ler um texto não chega, é preciso compreendê-lo, perceber uma situação de jogo não é suficiente, é preciso ir mais longe, procurando o seu sentido e significado, sem o qual, as intervenções dos jogadores estarão enviesadas relativamente aos objetivos que se pretendem atingir.

2.3 Ser Treinador

Araújo (1994) refere que a profissão de treinador exige um conhecimento multidisciplinar, tornando-se, evidentemente, imprescindíveis os conhecimentos inerentes à tática, à técnica e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize, bem como o domínio da pedagogia e metodologia de ensino e a necessidade expressa de ser um especialista no estimular do interesse e a motivação dos que consigo aprendem e treinam. A sua função implica a tomada de decisões, organizadas com base em indicadores e segundo critérios que obedecem a uma certa organização e em diferentes domínios, como a organização do treino, a liderança, o estilo e formas de comunicação (com os jogadores, dirigentes, árbitros, jornalistas), opções estratégicas e táticas decorrentes da observação e análise do jogo, da gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoções, entre outras.

Para se desempenhar a função de treinador, não é suficiente ter sido jogador/atleta dessa modalidade, pois reconhecemos, que fazer como se viu fazer, não é certeza de desempenhar com eficiência essa função, que cada vez mais exige conhecimentos diversificados e atualizados de

diversas áreas de conhecimento, nomeadamente nas áreas da metodologia e pedagogia do treino (Costa, 2005).

Araújo (1994) refere que o treinador tem a obrigação de estar permanentemente atualizado, participando em programas/ações de formação, investigando e fazendo autoestudo, com o propósito de promover a formação integral dos atletas e cumprir o papel de agente promotor de evolução da sua modalidade desportiva.

Cada vez mais, é reconhecida a importância do papel do treinador na formação integral dos seus jogadores/equipa. Sendo mesmo, por demais evidente, o aumento de elementos que compõem as equipas técnicas, com diferentes especialistas (competências), em que o líder deverá ser capaz de as otimizar em prol da formação/rendimento dos seus jogadores, tal como refere Weineck (1986) o treinador deve conceber, planificar, executar e avaliar os procedimentos de treino, coordenar uma equipa de intervenientes, desenvolver estratégias e organizar a descobertas de talentos, formular as necessidades a colocar em matéria de pesquisa, cooperar na formação dos quadros, concebendo os programas e produzindo documentos didáticos, conceber, organizar e promover a atividade desportiva, e seguir a evolução dos conhecimentos.

Pretende-se, cada vez mais, que o treinador seja um gestor de toda a sua estrutura técnica (colaboradores diretos), sendo capaz de os motivar, objetivando assim a maximização das competências de cada um deles, na sua especialização, para que desta forma consigam potenciar todas as capacidades dos jogadores/equipa.

Atendendo ao tipo de funções e tarefas que iremos realizar, de seguida, darei ênfase à particularidade da Observação e Análise de Jogo.

2.4 A Importância e os objetivos da Observação e Análise de Jogo

Sendo o jogo de futebol um jogo de confronto e altamente complexo, criou-se a necessidade de o observar e analisar primeiramente no seu contexto competitivo e mais tarde no contexto de treino, de forma a otimizar o rendimento desportivo das equipas.

Assim nos últimos anos a Análise de Jogo tem sido alvo de investigação, assumindo-se como um aspeto cada vez mais importante na procura da maximização do rendimento desportivo.

Segundo Pinto e Garganta (1989), citado por, Neto e Matos (2008), a Análise das características particulares do jogo, a verificação das suas tendências evolutivas e as repercussões destas na orientação metodológica de processo treino desportivo, constituem aspetos determinantes para a elevação do nível de jogo.

A Análise de Jogo é assumida por treinadores e investigadores como meio de rentabilização do processo de treino e das competições bem como de aprofundamento do conhecimento do jogo. Através da mesma, tentam assim otimizar os comportamentos dos jogadores e da equipa em competição a partir das informações do jogo (Neto & Matos, 2008).

O treinador procura perceber o que é necessário para que a sua equipa seja bem-sucedida e posteriormente procura induzir através de exercícios, os comportamentos desejados, no sentido dos mesmos permitirem materializar a conceção de jogo definido (Garganta, 2002).

A Análise de Jogo pode ser considerada a união entre o treino e a competição, melhorando assim a performance. Segundo Neto e Matos (2008), isto demonstra que a competição depende do treino e vice-versa, assumindo aqui a Análise de Jogo um papel muito importante de ligação dos dois momentos.

Para Costa (2005) a construção do treino deverá decorrer da informação retirada do jogo. A caracterização da estrutura da atividade e a análise do conteúdo do jogo revelam uma importância e influência crescentes na estruturação e organização do treino.

Segundo Neto e Matos (2008) a observação de jogo contribui assim, cada vez mais, para o conhecimento e entendimento do jogo auxiliando a conceptualização de exercícios específicos de treino. Desse modo a observação do jogo é cada vez mais importante para o processo de treino e para o rendimento, quer individual, quer coletivo.

Segundo Costa (2005), o jogo é um momento no qual a capacidade tática e o desenvolvimento dos jogadores mais se manifesta e concretiza. Deverá partir-se, através da observação, para a análise e interpretação das inter-relações que se estabelecem durante o mesmo, e portanto da referida capacidade tática explicitada no terreno pelos seus intervenientes.

No Futebol, a observação coletiva em movimento é extremamente complexa pois necessita uma recompilação numerosa de dados sobre os aspetos físicos, técnicos e táticos. Nos desportos coletivos o rendimento dos jogadores é influenciado por diferentes fatores como o meio, companheiros, adversários, entre outros, como tal, a observação dos jogadores em movimento torna-se extremamente complexa (Neto & Matos, 2008).

Por vezes existe uma certa resistência à Análise de Jogo, por parte, de alguns treinadores mais experientes, baseada na visão tradicional de que treinadores experientes, podem observar um jogo sem qualquer sistema de apoio à observação e dessa forma retêm com precisão os elementos críticos do jogo. Segundo Franks e Miller (1986) citado por Neto & Matos (2008), os treinadores de futebol mais experientes e de nível internacional, apenas retêm 30% dos elementos que mais influenciaram o sucesso num jogo.

2.5 Sistemas de Observação

Tendo em conta a baixa taxa de retenção por parte dos treinadores no decorrer do jogo, surgiu a necessidade de estudar o jogo após o seu término de forma reforçar a compreensão dos eventos nele sucedidos através da observação. De forma a oferecer uma maior qualidade da mesma, mas principalmente para garantir uma maior fiabilidade da observação surgiram os sistemas de observação.

Ao longo dos tempos os investigadores e treinadores foram criando e desenvolvendo sistemas de observação. Tem havido uma grande evolução ao nível dos sistemas utilizados, procurando-se uma maior adaptação aos objetivos pretendidos.

Segundo Garganta (2001), podemos estabelecer de uma forma sintética, uma cronologia relativa ao desenvolvimento dos instrumentos utilizados na Análise de Jogo: Sistemas de notação manual (papel e lápis); Combinação da notação manual com o relato oral para ditafone; Utilização do computador para registo, armazenamento e tratamento de dados; Utilização do computador para registo simultâneo dos dados, à medida que se realiza a observação direta ou diferida; Introdução de dados no computador através de voz; Sistema AMISCO.

Nos últimos anos tem surgido novos softwares, cada vez mais complexos e eficazes na análise do jogo. A maioria dos grandes clubes mundiais tem programas que ajudam os treinadores a retirar o máximo rendimento das suas equipas.

Segundo Garganta (1999) os investigadores têm recorrido a três eixos de análise: análise centrada no jogador, análise centrada nas ações ofensivas e análise centrada no jogo. Ortega (2002) considera que Análise de Jogo se concretiza na análise da dimensão energética, dimensão técnico-tática individual, dimensão tática grupal, dimensão tática de equipa, dimensão estratégica e dimensão tempo.

2.6 Fases da Análise do Jogo

A observação e análise do jogo deve ser dividida em 3 fases (Neto & Matos, 2008):

Fase de Preparação, que é aquela a efetuar antes do jogo;

Fase da Observação propriamente dita, que se efetua durante o jogo;

Fase da Análise propriamente dita, que se efetua após o jogo.

A *Fase de Preparação* – Antes do Jogo é considerada como etapa da pré-observação, em que tudo se define. É nesta fase que se limita as condicionantes inerentes à observação que se irá realizar:

Definição dos itens específicos a observar;

Opção pelas condições e instrumentos a utilizar na observação (maquina de filmar, fichas de observação, etc.).

Quando a observação for realizada por um treinador assistente, deverá ter nesta fase uma reunião com o técnico principal, no sentido de lhe serem transmitidos aspetos e pormenores específicos do que se pretende observar para o jogo em questão.

Depois de definidos os aspetos anteriores, deve-se preparar os instrumentos a utilizar:

Construção de fichas de observação, estabelecendo as tarefas sobre as quais recairá a observação, bem como a simbologia a utilizar.

Em caso da utilização de vídeo, tem de assegurar a sua operacionalidade, escolhendo o local de filmagem, o ângulo de filmagem, segurança, tranquilidade e se possível o isolamento do contacto com os adeptos. O observador que filma o jogo não deve apenas focalizar-se no centro de jogo, de forma a detetar o que sucede fora do centro de jogo, que a maioria das vezes acaba por ser o mais importante (detetar pontos fortes e fracos do adversário).

Neto e Matos (2008) referem que a recolha de informação deve ter em conta uma dimensão alargada de elementos para uma consistência requerida. Assim, pode-se identificar com maior rigor se as ocorrências acontecem por casualidade ou se por movimentos padrão.

Quando o observador chega ao local do jogo deve arranjar um bom lugar, num ponto relativamente alto em relação ao terreno de jogo, que lhe garanta uma boa perspetiva de tudo o que neste se passa. Deve assegurar-se de que todo o material está pronto a ser utilizado. Desse modo, a chegada ao recinto do jogo deverá acontecer com antecedência, em relação à hora prevista para o início do jogo. O observador deverá sentar-se sozinho ficar ou com o observador ajudante, de modo a ficar distante dos adeptos ou pessoas que possam desviar a atenção do jogo e verificar se todos os instrumentos de observação a utilizar estão operacionais.

No que se refere à *Fase da Observação* – Durante o jogo, para Neto e Matos (2008), a observação propriamente dita começa quando as equipas iniciam o aquecimento. O observador deve anexar no dossier respetivo, uma possível previsibilidade de êxito por parte dos jogadores – equipa e também deve familiarizar-se com os seus oponentes, retirando informações sobre o meio envolvente, espaço de jogo, bola, público, tempo, árbitro e ver a brochura do jogo quando

distribuída. De seguida começa a observação propriamente dita, incluindo o respetivo registo da informação recolhida de acordo com o protocolo estabelecido na fase anterior de pré-observação.

Quanto à *Fase da Análise* – Após o final do jogo, o observador deve usar todos os procedimentos capazes de congrega a recolha de elementos de forma séria e descomprometida. Nesta fase o observador deve começar, imediatamente, a escrever o relatório da sua observação, enquanto todas as informações estão presentes na sua memória (Neto & Matos, 2008).

Quando a observação é efetuada pelo treinador principal, a leitura do relatório torna-se mais fácil, dada a identificação com o contexto do jogo, com a terminologia utilizada, com o material utilizado e com os objetivos dessa mesma recolha. Deste modo será mais fácil retirar as devidas conclusões dessa análise.

Quando essa observação é destinada a outro treinador, o observador deve elaborar um relatório de forma abrangente, referindo toda a informação relevante para apresentar ao treinador principal. O relatório final deve ser claro e objetivo, podendo e devendo ser objeto de reapreciação perante eventuais dúvidas ou desajustamentos referidos.

2.7 Observação e Análise de Jogo em Futebol

Vários autores têm estabelecido uma ligação entre os estudos ecológicos e a observação e análise do jogo de Futebol, na medida em que a análise do jogo dedica-se ao estudo cuidadoso da competição, ambiente “natural” no qual os jogadores produzem as suas ações tático-técnicas, de modo a quantificar e qualificar a efetividade das suas ações, em todos os seus domínios (Queiroz, 1986; Maçãs, 1997; Silva, 1998; Mombaerts, 2000; Gréhaigne, 2001).

Segundo Neto e Matos (2008), o estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores, foi um processo conquistado no tempo, sendo, no entanto, difícil afirmar de uma forma efetiva o momento do aparecimento da observação como atividade científica tal como é hoje reconhecida.

A análise de jogo, entendida como estudo do jogo a partir da observação da atividade dos jogadores e das equipas, tem vindo ao longo dos tempos, a construir um argumento de crescente importância nos processos de preparação desportiva (Garganta, 2001).

Garganta (1999) refere que as fórmulas de investigação foram evoluindo para a denominada análise do tempo/movimento, através da qual se procurou identificar, de forma detalhada, o número, tipo e frequência das tarefas motoras realizadas pelos jogadores ao longo do jogo.

Segundo Sarmiento (1987), apenas a observação sistemática pode conferir uma análise rigorosa e, como tal, constituir-se como um instrumento de medida válido relativamente ao que se observa.

Apesar do referido, é necessário definir os propósitos da observação para que a análise sistemática seja viável. A observação permite assim explicitar um modelo conjectural do jogo, que define uma série de categorias e indicadores de observação (Garganta, 1997).

A observação sistemática pode ser utilizada como instrumento de controlo e avaliação da prestação dos jogadores e das equipas, bem como salientar-se os factos que contribuem para o rendimento, tornando possível identificar e caracterizar as tendências evolutivas do jogo (Queiroz, 1986; Castelo, 1992; Claudino, 1993; Castelo 1996; Maças, 1997; Mombaerts, 2000; Gréhaigne, 2001).

Silva (1998), citado por Costa (2005), refere que através dos dados recolhidos podemos aproximar o treino da competição, como também retirarem-se dados que permitam ao treinador concluir sobre que aspetos necessitam de ser melhorados.

O transfere que se pretende que seja preconizado da observação do jogo para o treino baseia-se no princípio da especificidade, ou seja, o exercício de treino deve se caracterizar pelo elevado grau de concordância e identidade com a lógica interna do jogo, quer na sua estrutura, quer na sua natureza (Castelo, 2003).

Os primórdios da observação e análise de jogo em Futebol procuraram caracterizar aspetos quantitativos físicos. Estes, apresentam como maior contributo as distâncias percorridas e a forma como foram percorridas, no entanto, vários autores questionaram estas observações na medida em que pouco contribuíam para a compreensão do jogo (Garganta, 2001). A tática, segundo Costa (2005), passou a ser entendida como o fator fulcral para a compreensão dos jogos desportivos coletivos.

Costa (2005) verificou que os estudos na observação e análise tácita envolvem dificuldades provenientes do número de praticantes que em simultâneo atuam e alteram as condições momentâneas do jogo, e portanto, da enorme imprevisibilidade e variabilidade das ações a observar.

Garganta (1997) considera que a observação tem contribuído para um maior conhecimento e entendimento do jogo de Futebol, ou seja, existe uma melhoria paralela da conceptualização de exercícios específicos de treino.

A prática da observação e análise de jogo leva a um maior conhecimento sobre a modalidade estudada, não se devendo “(...) duvidar que a linha teórica decorre de uma meticulosa observação da prática do jogo (Moreno, 2001; citado por Costa, 2005).

Para que se verifique o referido, ou seja, um maior e melhor conhecimento da lógica estrutural da modalidade, devem ser observadas equipas de rendimento superior. A compreensão do desenvolvimento do jogo e da relação de forças produzida passa invariavelmente pela identificação de comportamentos que testemunham a eficiência e eficácia dos jogadores e das equipas nas diferentes fases do jogo (Garganta, 1997).

Costa (2005) identifica a análise das grandes competições como campeonatos do Mundo e Europa, e consequentemente das equipas que mais se destacam pela eficácia e eficiência das ações que efetuavam em jogo, desenvolveram-se padrões de jogo que identificassem os fatores associados ao sucesso das equipas.

Nos últimos anos, a análise de jogo centrou-se mais na análise qualitativa, relativamente a anos anteriores, em que a análise era maioritariamente quantitativa. Neste momento a observação e análise do jogo tornou-se um instrumento indispensável na avaliação e conhecimento do rendimento em futebol.

A primeira função da análise de jogo é o fornecimento de informação sobre a performance individual, grupal e/ou coletiva ao treinador (Neto & Matos, 2008). Para Garganta (1997), análise de jogo permite um aporte de informação útil para o treino, aprofundar a conceção do jogo, promover o nível de participantes e do jogo, bem como o melhorar a preparação das competições.

Observar, analisar, tratar e comparar dados relativos aos futebolistas é um tema complexo, mas quando se pretende qualificar o trabalho pelo plano tácito e estratégico é uma tarefa ainda mais complexa, visto que surgem, a cada jogo/competição, novas variáveis, novas soluções e propostas metodológicas por parte dos jogadores e treinadores na resolução dos problemas encontrados (Neto & Matos, 2008).

Segundo o mesmo autor, a análise às competições de alto rigor qualitativo, estão dependentes de pormenores, só possíveis de ser detetados por um observador que tenha “olho clínico”.

Segundo Peseiro, Santos, e Costa, J. (2000) a observação é o ato ou efeito de observar. Nas ciências dos factos, é o momento preliminar da investigação que consiste na consideração atenta de um facto para o conhecer melhor.

A Análise é ação ou resultado da ação de analisar. Decomposição de um todo nos seus elementos (Peseiro, Santos & Costa, 2000).

Para Sarmento (1990) "A observação é um sistema de recolha de dados tendo por domínio as condutas exteriorizadas, as condutas que têm um suporte visível, verbal ou motor". Isto exige o recurso a técnicas de observação sistemática;

A construção e o uso de instrumentos de observação sistemática, proporcionam aos investigadores um meio de armazenamento de dados, verticais e/ou horizontais (isolados e/ou extensivos), que permitem o seu estudo e tratamento (Moutinho, 1993).

Para este processo ser credível é necessário prezar um conjunto de etapas, enumeradas por Sarmiento (1991):

Definição do objeto a observar: "Consiste em escolher as ações que se pretendem observar, ou seja, as ações sobre as quais irá recair a observação";

Definição dos critérios de observação: "Consiste em escolher os parâmetros a observar";

Definição da «medida» de observação: "aplicação de valores mensuráveis à observação realizada, de forma que as diferentes respostas possam ser confrontadas em função dos acordos e desacordos verificados";

Estabelecimento dos «itens» de observação: "Consiste em estabelecer os «itens» concretos para a observação (...)";

Observação propriamente dita: "(visualização), durante a qual se visiona o objeto pretendido";

Tratamento dos resultados: "indica necessariamente a verificação das hipóteses formuladas inicialmente, o que implicará o adequado tratamento estatístico"

Moutinho (1993) encara as estatísticas de jogo como instrumentos de descrição e avaliação quantitativa e/ou qualitativa das ações de jogo, de carácter individual e/ou coletivo, alicerçados num sistema de observação, com o objetivo de determinar níveis de rendimento em jogo.

É conveniente, salvaguardar uma questão de princípio, relativamente à quantificação matemática do jogo, referindo que "a pessoa que recolhe os dados, neste caso, de um jogo de futebol, não poderá nunca limitar-se a amontoar números como simples realidades «frias» e desprovidas de conteúdo". Deverá assumir um papel mais alargado, de forma a possibilitar uma intervenção fundamentada nos factos concretos. Para isso terá que saber observar, ou seja, recolher os factos de forma relacionada e inteligível e, ao mesmo tempo, saber problematizar, ou seja, construir todas as hipóteses explicativas" (Neto, 1993).

Classificação da análise do jogo quanto ao tipo, adaptado de Oliveira (1992)

TIPO DE ANÁLISE	DIREÇÃO
Análise dos Resultados	Comparação entre vencedores e vencidos; Estudo da evolução dos resultados no jogo ou competição; Estudo das classificações obtidas em competição e sua evolução.
Análise das Prestações	Estudos dos fatores de rendimento (capacidades motoras, características funcionais que determinam as capacidades motoras, técnica, tática, qualidades psicológicas).
Análise das Cargas	Estudo das repercussões fisiológicas e psicológicas da competição; Estudos das repercussões do efeito acumulado das cargas de competição no estado de preparação; Determinação da carga máxima de competição; Estudo do efeito das cargas de competição em crianças e jovens.
Análise das Condições da Competição	Estudo dos materiais utilizados na competição; Estudo dos locais de competição (infraestruturas e equipamentos); Estudo dos comportamentos do público e dos agentes desportivos envolvidos na competição; Estudo dos regulamentos e dos condicionamentos que a sua aplicação impõe;
Análise dos Comportamentos	Estudos das estratégias utilizadas em competição; Estudo dos planos, decisões e ações táticas; Estudo das ações técnico-táticas.

Quadro. 1 – Classificação da análise de jogo adaptado de Oliveira 1992.

Segundo Ortega (2002), citado por Neto e Matos (2008), a Análise de Jogo divide-se na dimensão energética, dimensão técnico-tática individual, dimensão tática da equipa, dimensão estratégica e dimensão tempo.

Segundo Garganta (1998), a Análise de Jogo direciona-se na análise da atividade física, na análise quantitativa da técnica e análise quantitativa e qualitativa dos comportamentos dos jogadores e equipas, relativamente ao espaço e tempo de jogo.

Segundo Franks e McGarry (1996), citado por Peseiro, Santos, e Costa (2000), a função da análise do jogo é fornecer ao treinador informação sobre o desempenho da equipa e/ou indivíduos, ou seja, descrever o desempenho ao nível da análise comportamental, codificando as ações de indivíduos ou grupos, em termos técnicos, que sejam relevantes para jogadores e treinadores.

A análise do jogo remete-se ao estudo da competição, de modo a qualificar e quantificar a efetividade das suas ações, em todos os seus domínios, realçando os factos e comportamentos importantes que contribuem para o seu rendimento, identificando e caracterizando as suas tendências evolutivas e servindo como um verdadeiro instrumento de controlo e avaliação da prestação dos jogadores e das equipas (Castelo, Queiroz (Ano). O objetivo da análise de jogo tem seguido por uma vertente mais pragmática e utilitária (procurada pelos treinadores para dar resposta aos problemas do dia a dia) onde a objetividade, sistematização e profundidade, estão condicionados e por outra de natureza mais científica onde o rigor e a validade são características essenciais, mas com processos morosos que relegam para médio ou longo prazo a sua aplicabilidade (Santos, Spínola & Almeida, 2006).

Num estudo recente de Sarmento (2014) que tinha como objetivo elaborar uma revisão sistemática da literatura e ao mesmo tempo organiza-la, sobre o tema Analise do Jogo no Futebol Masculino, tendo igualmente o objetivo de identificar os tópicos mais comuns dos vários estudos, de forma a caracterizar as suas metodologias e sistematizar as várias tendências evolutivas. Nesta revisão revela que os estudos estão divididos nos seguintes tipos de análise:

TIPO DE ANÁLISE	DIREÇÃO
Análise Descritiva	Estudo sobre os padrões de actividade do jogador. Caracterização do esforço físico no futebol.
Análise Comparativa	Relação entre a posição/função do jogador e a sua performance. Diferenças na performance dos jogadores em função do seu nível competitivo. Relação entre os padrões físicos e as acções do jogo. Relação ente o resultado do jogo e os dados estatísticos do jogo.
Análise Preditiva	Determinar quais as formas de jogo mais eficazes. Identificar os dados estatísticos que possibilitam descriminar o resultado do jogo.
Análise de Contexto	Estudos das variáveis contextuais. Estudos comparativos das partes do jogo em relação às variáveis fisiológicas (rendimento técnico sobre influencia da fadiga) Estudos sobre o efeito de jogar fora ou em casa (diversas variáveis) Estudos que relacionam o resultado/tempo do jogo com o nível do adversário.

Quadro. 2 – Classificação da análise de jogo adaptado de Sarmento 2014.

2.8 O OBSERVADOR

2.8.1 Quem observa?

Segundo Neto e Matos (2008), a aptidão de observar é feita por aprendizagem crescente, que pode e deve ser continuamente estudada e aperfeiçoada, sendo a experiência um documento único que não se estuda na escola, mas na vida.

O modo como organizamos a observação, os conhecimentos sobre o jogo e a experiência, são fatores que permitem assinalar as particularidades de uma ação.

Tal como foi referido anteriormente, a observação e análise de jogo, quando é realizada pelo treinador principal é mais exata, visto ele observar aquilo que deseja. Hoje em dia é difícil o treinador principal conseguir fazer a observação e análise de adversários, devido ao acumulado de tarefas de ordem organizacional. Neto e Matos (2008), referem que devido à especialização que se verifica no futebol e com a importância atribuída à observação e análise de jogo, as equipas começam a requisitar especialistas nesta área no sentido de elaborar relatórios minuciosos sobre as equipas adversárias. As suas informações servirão de base para planificação dos treinos e dos jogos, logo estes profissionais precisam de aliar um nível de conhecimento notório e capacidade suficiente para executar um trabalho deste tipo.

Mombaerts (2001), refere que ao observador é exigida uma boa capacidade de memorização, sem se deixar influenciar por condicionamentos prévios. Para observar, é necessário seguir a competição sem se deixar absorver pelas emoções. O olhar do observador deve ser diferente do olhar do espectador comum.

A observação e análise deverá ser sempre realizada pelo mesmo técnico, para se alcançar maior exatidão e credibilidade nas informações recolhidas, e evitar confusões de ordem terminológica, tão frequente na área desportiva (Neto & Matos, 2008).

Segundo o mesmo autor, o observador de futebol pode saber matemática, estatística, ser um treinador avançado no uso das novas tecnologias, mas o essencial é saber de Futebol. Para além desse conhecimento deverá ter motivação, frieza, nível atencional elevado, capacidade de memorização e concentração na tarefa. O observador ideal deverá ser possuidor de competência para a pesquisa, dedicação, honestidade e uma crescente necessidade de evolução.

2.8.2 Como observar?

Damas (1980) e Proença (1982) consideram existir dois métodos de observação: direto e diferido, enquanto Sarmento (1994) e Neto e Matos (2008) consideram 3 métodos: direto, diferido e misto.

Observação em direto – in loco

Esta observação é quando o observador se desloca ao local do jogo, de modo a observar o jogo ao vivo. Como foi referido em cima, esta observação pode ser realizada pelos observadores, treinador ou treinador adjunto. Além do conhecimento da forma de atuar da equipa, também se pode recolher as características logísticas e meio envolvente.

Observação em diferido

Quem realiza este tipo de observação não necessita de estar presente fisicamente no jogo. Esta observação é realizada através de meios tecnológicos, como por exemplo, DVDs. Desta forma a análise é mais detalhada, em especial nos esquemas táticos e nas características individuais dos jogadores.

Observação mista

Este tipo de observação, consiste na utilização conjunta dos dois métodos anteriormente referidos. Este tipo de observação é o mais rigoroso e é aquele que permite uma melhor identificação das características do adversário. Obriga a uma observação ao vivo e outra por utilização de material tecnológico que permite a observação posterior do mesmo fenómeno.

2.9 Métodos de Registo

Hercher (1983) e Maia (1987), citado por Neto e Matos (2008), apresentam quatro métodos de registo de informação:

Observação em registo livre, que é um método de observação casual ou sistemático, em que o observador regista o que sensibiliza. Não tem definição antecipada de parâmetros a observar (Proença, 1982).

Observação em registo escrito, tem parâmetros definidos que permite uma eficácia na compreensão e análise da situação em causa (Proença, 1982). O registo é feito através da técnica de papel e caneta, com recurso a manual de fichas de observação ou a computadores.

Observação com registo acústico, é recolhida através de um aparelho de áudio e logo com a folha de registos, para registar os dados relevantes.

Observação com registo ótico, utiliza meios como o vídeo, o DVD, e o computador.

Este último torna a observação mais rigorosa, visto permitir manipular a imagem e facilmente identificar os parâmetros definidos como objetivos de observação. A ficha de observação, associada às imagens de vídeo, poderão dar uma consistência objetiva dos dados observados, justificando uma interpretação mais qualificada quer em termos técnicos como pedagógicos (Neto & Matos, 2008).

2.10 Quando se observa

Segundo Neto e Matos (2008), a observação do adversário deve ser feita o mais próximo possível da jornada em que irá encontrar o adversário em questão. As informações retiradas da observação só terão validade se forem registadas num espaço curto de antecedência do jogo.

Quando se realiza uma única observação no início do campeonato e apenas se joga com essa equipa adversária passado alguns meses, essa observação não é muito racional, visto a equipa observada poder ter alterado a sua forma de jogar por diversas situações: novo treinador, inclusão de um novo jogador, lesões de algum jogador, níveis motivacionais elevados ou reduzidos por consequência do(s) jogo(s) anterior.

É necessário ter em consideração que, muitas vezes, as equipas utilizam sistemas, métodos e ações estratégico-táticas totalmente distintas, consoante os jogos se disputem no seu próprio terreno ou no terreno das equipas adversárias (Neto & Matos, 2008). Por essa razão ouvimos alguns treinadores de alta competição dizer que a observação deve ser realizada no contexto real à qual iremos disputar o jogo.

2.11 O que se observa?

Neto & Matos (2008) referem que a análise do jogo apenas é praticável se os propósitos da observação estiverem definidos, ou seja, é necessário que a informação a recolher seja selecionada de modo a possibilitar posteriormente a intervenção dos técnicos de uma forma útil.

A observação deve incidir sobre indicadores que permitam explorar os pontos fracos e contrariar os pontos fortes da equipa adversária (Castelo, 1996).

Alguns estudos realizados ao longo dos tempos, procurando aprofundar o conhecimento do próprio jogo (descrição, identificação, caracterização dos modelos de jogo, assim como o perspetivar as suas tendências evolutivas), perseguiram os seguintes objetivos:

Avaliação do rendimento dos jogadores e das equipas;

Descrição e caracterização do perfil energético-funcional do jogo, do jogador e/ou de funções no jogo através de indicadores de direta observação e exteriorizáveis;

Avaliação das características fundamentais das equipas e jogadores, dando a conhecer ao jogador e treinador informação sobre desempenhos anteriores e o fornecimento de dados sobre modelos de desenvolvimento previsíveis;

Descoberta de indicadores e definição de critérios para o planeamento de treino;

Descrição e avaliação dos comportamentos do jogo;

Análise das estruturas elementares do jogo e a determinação da sua eficiência;

Estudo do funcionamento interno dos diferentes sistemas de organização tática coletiva, no sentido do reconhecimento e da caracterização de modelos de jogo;

Descoberta da estrutura das regularidades internas do jogo;

Construção e aplicação dos meios sistemáticos de avaliação e controlo da prestação competitiva;

Recolha de informação sobre as formas de organização adversária, tendo em vista a construção do plano de jogo;

Criação de uma base de dados para construção de padrões de jogo e otimização das estratégias de jogo;

Explicação das relações entre as variáveis do jogo e o sucesso;

Projeção dos perfis de jogo para promover performances de sucesso (transformar a análise do jogo de descritiva, numa função prescritiva);

Delineação de performances de sucesso.

No âmbito dos aspetos estratégicos e táticos, têm sido motivo de estudo:

- os sistemas táticos;
- as ações de jogo no decorrer das duas fases (ataque e defesa).

Nos aspetos técnicos, têm sido motivo de estudo :

- os diferentes elementos técnicos no contexto do jogo;
- o nível de execução;
- a taxa de sucesso na sua utilização.

Sobre a atividade física desenvolvida no jogo, os estudos têm-se dirigido sobre:

- a avaliação fisiológica de algumas funções;
- a quantidade de trabalho por unidade de tempo;
- as distâncias percorridas e a sua intensidade;
- número de saltos;
- tempo e número de ações; etc...

Moutinho (1993) designa os conteúdos de análise da seguinte forma:

- Dimensão Tática;
- Dimensão Energética;

- Dimensão Motora;
- Dimensão Psicológica.

Mombaerts (1991) considera-os como :

- Elementos de ordem atlética;
- Elementos de ordem técnica;
- Elementos de ordem tática.

Duas dimensões na análise da Atividade Técnico-Tática conforme a sugestão de Franks (1985):

1. Análise Quantitativa, que se preocupa com a enumeração dos acontecimentos (ações de jogo - nº de ações com e sem finalização, duração das ações ofensivas, tempo de posse de bola, duelos, etc..)
2. Análise Qualitativa, que se preocupa com a procura da compreensão e descrição das regularidades dos fenómenos globalmente tomados (identificação e caracterização dos modelos de jogo; e análise de determinados níveis estruturais do jogo - ações com finalização por exemplo).

Neste sentido Garganta (1997), aponta uma evolução das investigações direcionadas para a análise qualitativa, de forma a caracterizar:

- A organização do jogo a partir das características das sequências de ações (unidades táticas) da equipa;
- Os processos (sequências) que conduzem a determinados produtos (finalização, golo);
- As situações que, originando ou não golo, provoquem rutura ou perturbação no balanço ataque/defesa;
- As quantidades da qualidade das ações de jogo.

Garganta (1997) refere que apesar da uniformização dos métodos utilizados continuamos a encontrar diferenças em alguns estudos. Os autores têm referido como causas de tais divergências: o estilo de jogo praticado; o nível competitivo; os aspetos táticos particulares; a função no sistema tácito da equipa; e as condições de envolvimento.

A Análise Qualitativa é associada aos aspetos de natureza tácita do jogo e a indicadores técnico-táticos que identifiquem padrões de jogo.

Mombaerts (1991) apresenta em conteúdos da análise do jogo a finalização, a estratégia de competição e a observação do jogo praticado pela equipa em função de:

- Ocupação do espaço de jogo;
- Circulação da posse de bola;
- Recuperação e perda da posse de bola (os duelos).

Greghaine (1992) refere quatro grandes temas da abordagem das ações ofensivas que procedem o golo:

1. Análise centrada que procedem o golo;
2. Análise centrada sobre a equipa;
3. Análise centrada sobre o estudo de jogos;
4. Análise centrada sobre a finalização.

Peseiro, Santos e Costa (2000) referem que a conceção de um plano tácito-estratégico é sustentada fundamentalmente pelo conhecimento da equipa adversária. A recolha das informações sobre a equipa adversária, só será eficazmente possível, através da observação/análise (direta ou indireta) que incida essencialmente nos seguintes aspetos:

- O sistema de jogo de base (colocação de base dos jogadores no terreno de jogo);
- A forma geral de organização do ataque e da defesa (compensações, combinações, coerência de movimentação, etc.);
- A conceção de jogo da equipa (agressividade, eficácia, entreajuda, ritmo, etc.);
- Os jogadores fundamentais na organização da equipa (nas fases ofensiva e defensiva);
- As soluções das situações de bola parada (esquemas táticos);
- As atitudes e comportamentos sociopsicológicos dos jogadores e da equipa no seu conjunto em situações de adversidade e o seu comportamento em relação à equipa de arbitragem;
- Prever possíveis alterações ou variantes que poderão surgir no jogo, por parte da equipa adversária
- Analisar as condições e circunstâncias em que se vai desenrolar o jogo (necessidade ou não de ganhar, as condições climatéricas, o árbitro, o público, o nível de rivalidade, etc.).

Nenhuma equipa tem a possibilidade de conhecer todas as circunstâncias que determinam a elaboração de uma boa estratégia. E mesmo que as conheça, nunca terá a possibilidade de as tratar todas de uma forma específica e particular, havendo assim a necessidade de sustentar as disposições na generalidade e no provável, pois no jogo existem sempre inúmeras contingências impossíveis de prever (Castelo, 1994).

Segundo Peseiro, Santos e Costa (2000) deveremos conhecer profundamente a equipa adversária (sistemas de jogo, métodos de jogo, jogadores influentes, esquemas táticos, etc.) através:

- Fichas de observação e avaliação
- Observação através de meios audiovisuais
- Comentários da imprensa desportiva
- Troca de impressões entre os treinadores
- Observações diretas pelos treinadores ou seus colaboradores
- Esta comparação irá permitir-nos determinar:
- A estrutura da equipa (posições e funções dos jogadores);
- Organização ofensiva e defensiva (métodos de jogo predominantes);
- Ações técnico-táticas individuais simples e complexas predominantes;
- Estrutura e conteúdos do microciclo de treino;
- Escolha dos jogadores que vão disputar o jogo;
- Comportamento global da equipa.

2.12 Enquadramento operacional

Segundo Neto e Matos (2008), no futebol profissional as equipas técnicas tem diferentes colaboradores, onde a observação das equipas adversárias é normalmente, uma tarefa executada por um treinador adjunto, havendo várias estratégias na forma como processar a sua apresentação:

Há treinadores que recebem na segunda-feira anterior ao jogo, uma grelha com as informações elaboradas a partir do vídeo, feitas por um dos treinadores adjuntos;

Outros treinadores preferem que um dos seus treinadores adjuntos prepare uma montagem em vídeo com os principais movimentos ofensivos e defensivos, com as transições defensiva e ofensiva, com os jogadores em maior evidência e com esquemas táticos de equipa adversária.

“Desde a apresentação escrita em relatórios ou dossiers coletivos ou individuais, visualização de vídeos, apresentações em PowerPoint, reuniões, palestras no treino e/ou antes do jogo e

planeamento do treino com base na informação recebida das equipas adversária, tudo pode ser utilizado para tentar aumentar a qualidade de prestação desportiva dos jogadores e da equipa, ou seja, elevar o rendimento, aumentando a eficácia e a competência, nomeadamente, na função de contrariar o opositor” (Neto & Matos, 2008).

Além do habitual relatório escrito, os treinadores pretendem que seja elaborado um relatório em DVD, de forma a captar melhor a atenção dos atletas. Deste modo o treinador pode detetar e realçar as fraquezas ou debilidades da equipa adversária através do meio visual. Segundo Castelo (1994), a estratégia terá de ser sempre secundada pela tática. O plano estratégico ou tácito elaborado deve aproveitar as limitações do adversário, contrariar as suas virtudes ou habilidades. As estratégias para o jogo serão aplicadas nos treinos, contra situações idênticas às dos jogos, analisando a sua eficácia e remodelando sempre que os resultados não forem os esperados (Neto & Matos, 2008). Peseiro, Santos, e Costa (2000) refere que a conceção de um plano tácito-estratégico é sustentada fundamentalmente pelo conhecimento da equipa adversária.

As equipas profissionais normalmente realizam estágios antes da competição, sendo este um momento para os jogadores se concentrarem no jogo. Muitos treinadores aproveitam esse tempo para dar a conhecer aos jogadores a equipa adversária, e as estratégias a utilizar.

Nenhuma equipa tem a possibilidade de conhecer todas as circunstâncias que determinam a elaboração de uma boa estratégia. E mesmo que as conheça, nunca terá a possibilidade de as tratar todas de uma forma específica e particular, havendo assim a necessidade de sustentar as disposições na generalidade e no provável, pois no jogo existem sempre inúmeras contingências impossíveis de prever (Castelo, 1994).

José Mourinho dá grande importância ao conhecimento do adversário. Após a análise de um conjunto de jogos in loco e de alguns vídeos, André Vilas Boas condensava a informação mais pertinente e fazia chegar um relatório, complementado com um DVD aos jogadores. André Vilas Boas, citado por Oliveira, Amieiro, Resende e Barreto (2006), disse que para conhecer um adversário em profundidade, são precisos 4 ou 5 jogos, para se perceber se as coisas acontecem por acaso ou se são, de facto, movimentos padrão, dinâmicas da equipa. A partir do momento em que as dinâmicas, coletivas e individuais, são identificadas, parte-se para a preparação dos treinos, com a simulação das principais situações de jogo identificadas no adversário. Deve ser tudo com conta, peso e medida, porque, apesar de ser um trabalho de observação e síntese exaustiva, minuciosa e fundamental, nunca se deve esquecer que o essencial é sempre o padrão de jogo da própria equipa, ou seja, a identidade como equipa.

Pacheco (2005), refere que José Mourinho tinha por hábito, antes de cada jogo, elaborar um DVD compacto em que revelava ações ofensivas, ações defensivas, transições defensivas e ofensivas, assim como os esquemas táticos do adversário. Em primeiro lugar o visionamento e análise é realizado por parte da equipa técnica, e de seguida, era analisado na presença dos jogadores. Mourinho e toda a sua equipa técnica, elaboravam e forneciam a cada um dos jogadores que entrava em estágio um relatório sobre os mais pequenos detalhes relativamente aos adversários, desde técnico-táticas (como corriam, como fintavam, como cruzavam e como rematavam) até à personalidade de cada um ou como reagiam às adversidades.

Os treinadores dão mais ou menos importância ao adversário consoante a capacidade e valorização da equipa adversária. Segundo Neto (2007), citado por Neto e Matos (2008), “a informação do adversário deverá merecer atenção em reuniões para o efeito no decorrer da semana, de acordo com a importância do jogo bem como da capacidade e valorização da equipa adversária, devendo sobrevalorizá-la à medida que se aproxima o jogo no caso de teoricamente for mais fraca. Pelo contrário, no caso da equipa adversária apresentar níveis competitivos superiores, dever-se-á elaborar uma referência bastante pronunciada em relação aos mesmos no decorrer da semana; mas, com a aproximação do jogo, dever-se-á aumentar os níveis de confiança da nossa equipa, sempre de uma forma positiva e encorajadora, não esquecendo a equipa adversária mas também evitar recorrer a tudo que possa exponenciar o que de resto é por demais conhecido”

3.DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

Castelo (2004) refere que o Futebol é hoje o que nunca foi e que podemos afirmar que “o Futebol de amanhã não será aquilo que hoje conhecemos”. Como tal, resta-nos definir claramente metas a atingir, objetivos a alcançar e que meios e estratégias nos irão conduzir ao sucesso.

3.1 Objetivos da Intervenção Profissional

3.1.1 Objetivos Formativos

Saber aplicar os conhecimentos e revelar capacidade de compreensão e resolução de problemas em situações novas e não familiares, em contextos alargados e multidisciplinares;

Revelar capacidade para integrar conhecimentos, lidar com questões complexas, desenvolver soluções;

Ser capaz de comunicar as conclusões, utilizando as metodologias abordadas no processo de formação específico da área profissional do Desporto;

Adquirir novas competências que permitam uma aprendizagem ao longo da vida, de um modo fundamentalmente autónomo;

Revelar conhecimentos que permitam e constituam a base de desenvolvimentos e ou aplicações originais, em contexto de investigação, nas Ciências do Desporto aplicadas ao ambiente profissional;

Conhecer a área científica do Desporto, bem como especializar o conhecimento nas vertentes aplicadas da investigação e da intervenção.

3.1.2 Objetivos Específicos

O objetivo principal passa por preparar, de modo eficaz, a equipa e os jogadores para a competição. Para que o objetivo seja alcançado, a procura de situações de transferência do treino para a competição, e vice-versa, facilita a obtenção de boas performances, aquando do confronto direto. Assim sendo é inquestionável que a planificação estratégica e a sua consequente operacionalização tática assume um papel determinante neste contexto.

Realizando uma análise em três momentos, do antes, ao após, passando pelo momento da competição, pretendemos descrever as “formas de jogar” e as “ideias de jogo das equipas adversárias”. Nesse sentido, o “Antes” será concretizado, descrito e analisado através do recurso ao enquadramento das observações e às próprias observações propriamente ditas. O conjunto de itens que serão definidos permitirá, posteriormente, uma comparação entre todas as equipas.

Os mesmos itens permitirão uma análise e comparação direta ao longo do jogo/competição – confronto direto das forças. Posteriormente, será realizada uma análise pós-jogo, comparando o que aconteceu no jogo, com: i) Relatório de observação realizado; ii) Plano Tático – estratégico, sua operacionalização em treino; iii) Aplicação do Plano Tático-estratégico em jogo/competição.

Desta forma, pretendemos analisar e refletir sobre a importância atribuída à informação resultante da observação e análise da equipa adversária, ao nível da sua implicação na definição do plano tático e estratégico para o confronto direto. Assim como, a forma e meios como é operacionalizado, nas unidades de treino, na semana(s) anterior (es) à competição.



Ilustração 1 - Desenho experimental: suas fases

Para tal realizaremos constantes análises e reflexões escritas que se pretendem dar ao treinador, proporcionando-lhe mais uma ferramenta útil que o irá ajudar na sua tarefa.

Para além de todo o trabalho produzido diariamente e de todas as tarefas que estão diretamente relacionadas com a função, será organizado um dossier com toda a informação e trabalho produzido, que culminará com a elaboração do relatório final de estágio.

O relatório final do processo de desenvolvimento do Estágio, será fundamentado em termos técnico-científicos, onde se irá refletir sobre o que foi feito e apresentar sugestões de melhoria que visem o desenvolvimento da atividade profissional.

3.2 Objetivos a atingir com a equipa / jogadores

3.2.1 Objetivos Competitivos

Atendendo a todo o seu historial, e apesar do momento que o clube atravessa, o Sporting Clube de Portugal é um crónico candidato a vencer as provas nacionais.

O principal objetivo competitivo está diretamente relacionado com a performance no campeonato, ou seja, garantir o acesso à Liga dos Campeões, para a próxima temporada. Devido ao encaixe financeiro que lhe estará associado.

Outro dos objetivos será o de chegar o mais longe possível nas Taças (Portugal e da Liga).

Tratando-se de um clube com historial formativo, outro dos objetivos, será promover os jogadores do plantel de modo a que o número de internacionais e de internacionalizações aumente, originado assim, uma valorização económica de todos os jogadores.

Em consonância, pretende-se promover os jovens da equipa B, para que possam no futuro fazer parte dos quadros profissionais do clube e/ou resultarem em transferências com valor económico considerável.

3.2.2 Relações Sociais a estabelecer durante o Estágio

Embora não fosse o primeiro ano em que trabalha-se neste clube, um dos principais objetivos que estabelecemos para este estágio centra-se na cordial ligação que espero fomentar com a entidade acolhedora, com todos os seus representantes e colaboradores.

Estar também atento a todas as ligações que surgiam em torno da minha atividade, nomeadamente à relação com o presidente do clube, com o diretor desportivo, com o treinador principal, com todos os elementos da equipa técnica, funcionários do clube, adeptos e simpatizantes. Havia que ter também especial atenção para a relação com os jogadores, embora já conhecendo grande parte do grupo de trabalho, havia a necessidade de procurar sustentar toda a empatia já existente e criar sinergias com os novos jogadores.

4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO

Tal como já foi referido, o contexto de intervenção foi numa Equipa profissional da I Liga Portuguesa (Liga Zon Sagres) na qual foram desempenhadas as funções de elemento Técnico do Departamento de Observação e Análise de Jogo em estreita e permanente relação com a equipa técnica.

4.1 Análise do Contexto

4.1.1 Clube e Envolvimento

O presente estágio foi realizado no Sporting Clube de Portugal, na sua equipa profissional de Futebol. A equipa competiu nas seguintes competições: 1ª Liga Profissional “ Liga Zon Sagres”; Taça de Portugal e Taça da Liga.

Como é conhecido no domínio publico partimos para esta época com um contexto de desconfiança face à estrutura profissional pelo resultado negativo alcançado na época anterior, 7º classificado, registando-se como a pior de sempre na história do clube. Para esta nova época teríamos como objetivos não só garantir uma classificação que nos permitisse o acesso à Liga dos Campeões (2º ou 3º classificado) mas também a responsabilidade de dignificar o clube através de uma postura séria e empenhada, procurando apresentar com regularidade uma forma de jogar atrativa condizente com a grandeza deste clube.

4.1.2 Historial do Sporting Clube de Portugal

Em 1906, José Alvalade profetizou o conhecido desejo de transformar o Sporting num «grande clube, tão grande como os maiores da Europa». Embora oficialmente reconhecido a partir de 1 de Julho de 1906, a verdade é que o Sporting Clube de Portugal, como inspiração clubista, surgiu quatro anos antes, quando um grupo de amigos fundou o “Sport Club de Belas”, o qual, por adversidades várias, viria a dar origem ao Sporting.



Ilustração 2 – José Alvalade, Membro fundador do Sporting Clube de Portugal

Tudo começou nos alvares tão românticos como turbulentos do século XX, em 1902, quando um grupo de jovens veraneantes em Belas, então um bucólico e ainda distante subúrbio de Lisboa, decidiram fundar um club e disputar um jogo de foot-ball (assim se designava a modalidade) em Seteais integrado nas festas populares de Sintra. Foi um jogo muito animado e com frequência considerada distinta – figuras da família real estiveram presentes – disputado entre o Sport Club de Belas, a designação que os desportistas em férias tinham dado à sua coletividade e um grupo de Sintra. Vitória por 3-0 do Belas, no qual se destacavam os irmãos Gavazzo, Francisco e José Maria, entre outros desportistas de então, todos eles qualificados pela imprensa como “elementos de boas famílias”, como então se dizia. O Diário de

Notícias informou sobre o acontecimento relatando que «num círculo compacto assistiam mais de quatro mil pessoas, cheias de animação e de interesse».

O Sport Club de Belas foi um sonho de Verão que se esfumou terminadas as férias, mas não morreu. O jogo em Sintra, realizado em 26 de Agosto de 1902, foi marco único; porém, os ideais que motivaram os intervenientes continuaram bem vivos. Os jovens veraneantes, pouco mais do que adolescentes, regressaram ao quotidiano lisboeta sonhando com os ecos dos sports no estrangeiro, principalmente França e Inglaterra, mantendo-se em contacto pois muitos deles partilhavam a área residencial do Campo Grande e frequentavam tertúlia na Pastelaria Bijou, que ainda hoje existe na Avenida da Liberdade. Foi aí que, quase dois anos depois da experiência de Belas, em 1904, os jovens amantes do desporto e do convívio ao ar livre decidiram voltar ao terreno e fundar o Campo Grande Football Club. Outros dos convivas daquele Verão de 1902 nos subúrbios tinham anteriormente metido mãos à obra e fundado o Clube Internacional de Futebol, o histórico CIF agora com as suas instalações em Monsanto.

A sede do Campo Grande Football Club ficou instalada num quarto do segundo andar do Solar dos Pinto da Cunha, edifício que continua a definir a esquina entre a Alameda das Linhas de Torres e o Campo Grande. Além dos irmãos Gavazzo, participaram na reunião fundadora o jovem José Holtreman Roquette (José Alvalade),

José Stomp e outros entusiastas da prática desportiva. O Visconde de Alvalade, José Alfredo Holtreman, avô de José Alvalade, patriarca da família então já a caminho dos 70 anos, foi designado presidente, a título honorífico, pelo seu apoio desinteressado e a sua capacidade natural de entender e incentivar os anseios e espírito de iniciativa do neto e respetivos amigos.

Futebol, esgrima, ténis, corridas, saltos, festas sociais e piqueniques foram as principais atividades dinamizadas pelo novo clube durante os primeiros dois anos de existência.

Em 1906 os ambientes turvaram-se e gerou-se uma divisão entre os membros que defendiam uma coletividade vocacionada para festas e atividades de convívio social e outros que insistiam na dedicação à vertente desportiva. Explica Júlio de Araújo, mais tarde presidente do Sporting, historiando o processo da fundação, que «dia-a-dia se acentuavam duas tendências: a dos rapazes de Lisboa, que desejavam a sede na Baixa; outra, a dos do Campo Grande, que a pretendiam naquele local, como seria justo e aconselhável». Além disso, de acordo ainda com a narrativa de Júlio de Araújo, «o desentendimento prevaleceu não somente quanto à sede, mas também quanto à forma de ser do Clube, visto que os de Lisboa, ao contrário dos do Campo Grande, mais se interessavam pelas festas do que pelas práticas desportivas».

Da turbulência nasceu uma cisão. José Gavazzo demitiu-se, acompanhado por mais cerca de duas dezenas de membros. Um deles foi José Alvalade que, sem demora, anunciou: «Vou ter com o meu avô e ele me dará dinheiro para fazer outro Clube».

Decisão que foi recompensada. O Visconde de Alvalade tutelou a criação do novo clube, depositou nas mãos do neto uma importante quantia em dinheiro, disponibilizou os terrenos para o campo de jogos na sua própria quinta – o Sporting ainda hoje continua a “morar” na mesma zona – e ficou como presidente da Direção e como “Sócio Protetor”.

Em 14 de Abril de 1906 a recém-criada coletividade adotou a designação provisória de Campo Grande Sporting Club. A 1 de Julho do mesmo ano, por sugestão de António Félix da Costa Júnior, passou a chamar-se Sporting Clube de Portugal. Em Julho de 1920, por proposta de Nuno Soares Júnior, a Assembleia Geral adotou a data de 1 de Julho de 1906 como a da fundação oficial do Sporting.

Nesses dias de 1906 ficou traçado o caminho: futebol sim, mas ecletismo também, correspondendo à vocação atlética multidisciplinar de alguns dos seus fundadores. Eles eram ao mesmo tempo dirigentes e atletas, jogavam futebol, faziam atletismo, praticavam ténis, tração à corda, esgrima, críquete, ginástica, hóquei em campo.

O Símbolo

Em 1907, D. Fernando de Castelo Branco (Pombeiro) autorizou que o leão rampante do seu brasão fosse utilizado como símbolo do Sporting, desde que não sobre fundo azul. «... Não de oiro



armado de vermelho em campo azul, como nos Pombeiros, mas de prata armado em preto, em campo verde, como correspondia às límpidas, firmes e esperanças intenções dos seus fundadores», recorda Júlio de Araújo. O verde fora, de facto, sugerido pelo Visconde de Alvalade, simbolizando a sua esperança no novo clube. Desde a fundação, a 1 de Julho de 1906, o Sporting já teve seis emblemas, nos quais o leão e o verde estiveram sempre presentes.

Ilustração 3- Evolução do Símbolo

Equipamento oficial época 2013-2014

Para a presente época desportiva as camisolas oficiais são as seguintes:



Ilustração 4 - Equipamento oficial

4.1.3 As conquistas, seu palmarés

O futebol sempre foi o primeiro desporto no reino do leão. Começando em Francisco Stropm, passando pelos míticos cinco violinos, por Osvaldo Silva e Hilário e a maravilhosa equipa que venceu a Taça das Taças, continuando com Vítor Damas e Yazalde, Jordão, Manuel Fernandes ou António Oliveira, passando por Futre, Balakov, Figo, Pedro Barbosa, Schmeichel, Jardel e João Viera Pinto, terminando em Cristiano Ronaldo, Quaresma, Nani e João Moutinho, o Sporting contou com alguns dos melhores jogadores que já pisaram um relvado em Portugal.

Campeão Nacional de Futebol por 18 ocasiões, vencedor da Taça de Portugal por 16 vezes e vencedor de 8 Supertaças, além de uma Taça dos Vencedores das Taças (1963-64), foi vice-campeão na Taça UEFA de 2004-05, o Sporting apresenta um currículo que o transforma num dos grandes do futebol nacional, mas também um clube respeitado em toda a Europa e mundo fora.

É, ainda, detentor da maior goleada de sempre numa competição europeia (16x1 ao Apoel Nicósia de Chipre), tem a maior goleada da história do Campeonato Nacional (14x1 ao Leça) e são também os responsáveis pela vitória mais expressiva de sempre da Taça de Portugal (21x0 ao Mindelense).

4.1.4 O Estádio, a sua História e Evolução

Em 1917 o Sporting mudou de instalações. José Alvalade fizera construir o Stadium de Lisboa, em 1914, mas divergências quanto à sua utilização entre o fundador e a Direção eleita em 1916 levaram os responsáveis sportinguistas em exercício a procurar outra solução. Arrendaram um terreno nas vizinhanças, no Campo Grande 412, e aí construíram um estádio sob projeto do arquiteto António do Couto, que foi a casa do Sporting durante 30 anos. A vida do recinto, porém,

prolongou-se por mais algumas décadas pois foi utilizado pelo Benfica, com solidariedade do Sporting, quando se mudou das Amoreiras. Ficou popularmente conhecido pela “estância de madeira”. Em parte do terreno onde existiu assenta hoje a área sul do Estádio José Alvalade.

Em 1956, a 10 de Junho, o Sporting inaugurou o Estádio José Alvalade, um feito que assinalou a grande vitalidade, a dinâmica e a capacidade de mobilização do Clube e dos seus dedicados associados, que se desdobraram em iniciativas e sacrifícios para que tal obra gigantesca fosse possível. O Sporting tinha regressado às origens, ao Stadium ou Estádio do Lumiar em 1937, arrendado em muito boas condições e depois reconstruído em 1947. Foi o cenário das récitas das equipas dos “Cinco Violinos”, que rapidamente se tornou pequeno para a extraordinária envergadura do Clube à medida que se aproximava dos seus primeiros 50 anos de vida. A necessidade de um novo estádio tornou-se premente logo no início da década de cinquenta e acabou por ser uma realidade em 1956, assentando sobre a área do antigo Stadium. Foi batizado com o nome do fundador que teve sempre como preocupação a qualidade das instalações do Clube, José Alvalade. Aliás a designação já fora adotada anteriormente, a partir de 1947, ao remodelado Estádio do Lumiar. O sócio nº 1 do Sporting ao tempo da inauguração do grandioso Estádio era José Maria Gavazzo, um dos fundadores e um dos jovens veraneantes de Belas em 1902.

Mais tarde, em 1983, por ação da presidência de João Rocha, concretizou-se outra das ambições sportinguistas em termos de instalações – o “fecho” do Estádio através da construção da chamada Bancada Nova, que substituiu o peão herdado do recinto anterior. A 6 de Junho de 1960, o Sporting foi declarado Instituição de Utilidade Pública.

Em 1996 o Sporting iniciou um novo ciclo de vida, por ação de José Roquette e outros dirigentes caracterizados por uma dinâmica transformadora como Miguel Galvão Teles, Dias da Cunha e Ernesto Ferreira da Silva. Aprovou Estatutos adequados à realidade dos tempos modernos, lançou as bases de um grupo empresarial, criou uma Sociedade Desportiva de Futebol, SAD, admitida na Bolsa logo desde 1998. Além disso, o Clube assumiu e dinamizou medidas no sentido de estabelecer a transparência no desporto e nas relações deste sector de atividade com as instâncias fiscais e de segurança social.

No âmbito do processo transformador o Sporting avançou de maneira determinada, e ainda antes de Portugal se abalançar na candidatura à organização do Euro 2004, para a modernização de infraestruturas.

As ações integradas neste novo ciclo ficaram conhecidas como “Projeto Roquette”, entendido globalmente como uma dinâmica de modernização do Clube em três frentes: a desportiva, com racionalização e valorização de meios através de formas atualizadas de funcionamento; a patrimonial, capaz de proporcionar a transformação de bens inertes em estruturas desportivas e

multifuncionais rentáveis; e a organizacional, caracterizada pelo funcionamento de todo o Clube de forma inovadora, conjugando a dedicação com a profissionalização de acordo com as condições reais, valorizando o presente sem hipotecar o futuro.

Ainda em 1998 o Sporting iniciou todo o processo de idealização e construção de um estádio de nova geração, ao nível dos melhores do mundo, que veio a ser inaugurado em 6 de Agosto de 2003 numa noite emocionante e inesquecível para todos os sportinguistas.

Em torno do novo Estádio cresceu entretanto o Complexo Alvalade XXI, que reforça a sua multifuncionalidade. A zona onde o Sporting nasceu, se engrandeceu e onde continua a viver foi valorizada, deste modo, com o Edifício Visconde de Alvalade, que alberga a maioria dos serviços do Clube e respetivas empresas; o Edifício Multidesportivo, “casa” do ecletismo que o Sporting continua a manter desde a fundação; o Alvaláxia, centro comercial, cultural e lúdico por onde passam milhares e milhares de pessoas por dia, e não apenas em dias de jogos de futebol; uma Clínica Médica; um Health Club; um Centro de Dia, expressão solidária do Sporting através dos “Leões de Portugal”; e o Mundo Sporting, o novo museu do Clube, o lugar onde sportinguistas e adeptos do desporto podem sentir ao vivo cem anos de uma história fabulosa.



Ilustração 5 - Antigo Estádio José Alvalade e o atual Estádio Alvalade XXI

4.1.5 Academia Sporting

No âmbito das mudanças, os responsáveis sportinguistas, com José Roquette à cabeça, definiram como objetivo manter e reforçar o alto nível competitivo das equipas e atletas do Sporting, designadamente o futebol, a modalidade mais querida dos sportinguistas. Em 2002 entrou em funcionamento a Academia Sporting, no concelho de Alcochete, um empreendimento a que corresponde um grande esforço para aprofundar a capacidade e a qualidade desde sempre revelada pela famosa escola de talentos do Sporting e que proporciona excelentes condições de trabalho ao futebol profissional.

Trata-se da mais moderna e mais bem equipada estrutura do género na Europa, num lugar tranquilo, com ambiente e clima recomendáveis para a preparação de equipas de futebol. Vocacionado para treino, estágio e formação, o complexo tem condições e está homologado para competições de futebol adequadas às suas características.



Ilustração 6 - Instalações da Academia Sporting

A Academia Sporting dispõe de cinco campos de futebol com relva natural e dimensões de 110 X 70 metros, um campo com piso sintético de 90 X 70 metros e um recinto coberto equipado com piso sintético de 60 x 40 metros.

O campo relvado principal tem o apoio de bancadas com capacidade para mil espectadores, parcialmente cobertas.

O Centro de Futebol do Sporting está servido por ginásios dotados com a mais moderna aparelhagem para manutenção e desenvolvimento da forma física, tanques de hidromassagem com jacuzzi, salas de massagem, centro médico e balneários no edifício central e sob as bancadas do campo principal.

As vastas dimensões do espaço onde foi construída a Academia permitem a utilização de aproximadamente 120 mil metros quadrados de matas como espaços de lazer e zonas de crosse.

A Academia Sporting dispõe de um bem apetrechado edifício central, construído de raiz, com 11 mil metros quadrados e arquitetura tradicional portuguesa enquadrada na paisagem. Foi estruturado de forma muito funcional adaptada às exigências da alta competição e da formação no futebol. O edifício tem 91 quartos totalmente equipados, com varanda, 18 dos quais duplos com casa de banho privativa disponíveis para alugar. No edifício funcionam dois refeitórios, um dos quais em regime de self-service, e salas de estar cómodas, decoradas com muito bom gosto e equipadas com jogos. As instalações hoteleiras incluem cozinha e rouparia.

As amenidades do clima proporcionam ainda o aproveitamento de esplanadas e espaços de convívio comuns adjacentes ao edifício para os momentos de repouso e lazer. O edifício central

da Academia Sporting está dotado com um moderno, cómodo e funcional auditório com 70 lugares e capacidades multimédia.

O complexo desportivo do futebol do Sporting dispõe de sala de conferência de imprensa equipada com as funcionalidades adequadas às exigências da moderna sociedade de informação.

O espaço da Academia integra áreas de estacionamento para atletas e visitantes e garagem em condições para acolher autocarros.

4.1.6 Organigrama Sporting Clube de Portugal - Futebol Profissional

De seguida expomos o organigrama do clube, onde fica expressa o tipo de estrutura e de ligações existentes:



Direcção Futebol Profissional

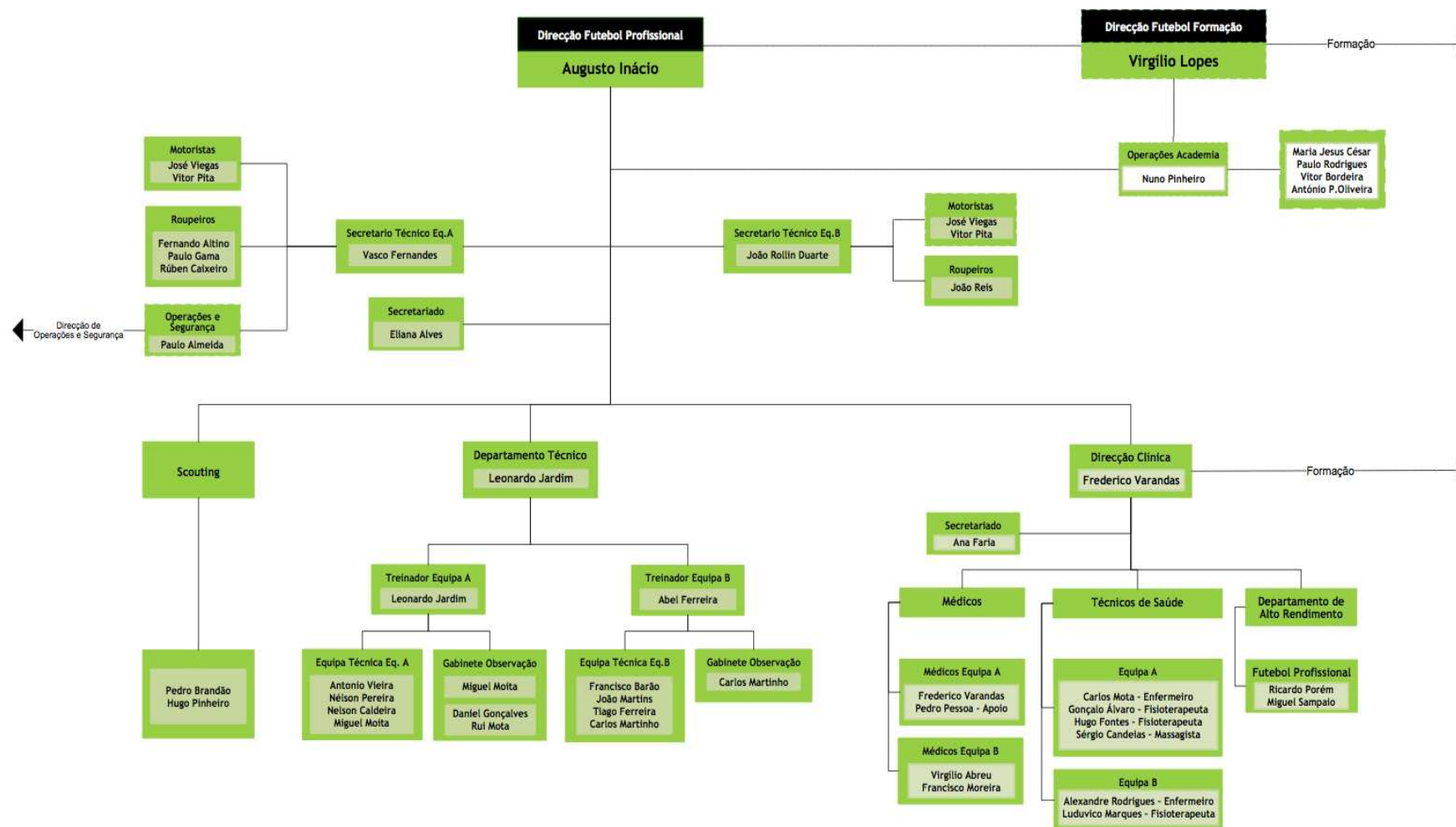


Ilustração 7 – Organograma da Estrutura Profissional do Sporting Clube de Portugal

4.1.7 Equipa Técnica e seu Staff

A equipa técnica é liderada pelo Prof. Leonardo Jardim. E, tem uma estrutura de apoio técnico e administrativo, composta por um conjunto vasto de especialistas profissionais.

EQUIPA TÉCNICA	FUNÇÃO	FORMAÇÃO (Académica e Técnica)
Leonardo Jardim	Treinador Principal	Licenciado Treinador UEFA PRO
Nélson Caldeira	Treinador Adjunto	Mestre em Treino Desportivo Treinador UEFA PRO
António Vieira	Treinador Adjunto e Preparador Físico	Licenciado Treinador UEFA BASIC
Miguel Moita	Treinador Adjunto e Observador	Licenciado Treinador UEFA BASIC
Nélson Pereira	Treinador de Guarda Redes	Licenciado Treinador UEFA PRO
DEPARTAMENTO DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DE JOGO	FUNÇÃO	FORMAÇÃO (Académica e Técnica)
Daniel Gonçalves	Observador e analista	Licenciado em Treino Desportivo Treinador UEFA Basic
Rui Mota	Observador e analista	Licenciado em Treino Desportivo Treinador UEFA Basic

DEPARTAMENTO MÉDICO	FUNÇÃO
Frederico Varandas	Diretor Clínico da Sporting SAD e das Modalidades; Médico da equipa A
Pedro Pessoa	Responsável pelas cirurgias ortopédicas
Francisco Moreira	Médico Equipa B
Gonçalo Álvaro	Fisioterapeuta Equipa A
Hugo Fontes	Fisioterapeuta Equipa A
Carlos Mota	Fisioterapeuta Equipa A
Sérgio Candeias	Massagista Equipa A

Quadro. 3 – Equipa técnica e staff.

4.1.8 Constituição do Plantel

A equipa foi composta por 21 jogadores, sendo 2 guarda-redes mais jogadores provenientes da equipa B. De salientar que houve no decorrer da época existiu sempre uma relação direta entre a equipa A e a equipa B, sendo que o treinador e respectiva estrutura técnica utilizou ao longo da época 13 jogadores da equipa B, sempre que necessário, de forma a dar resposta às lacunas pontuais do plantel da equipa A (lesões, castigos, etc), mas também para possibilitar o crescimento e desenvolvimento (treinos e competição) de jogadores com perfil de no futuro poderem pertencer à equipa A.



PLANTEL				
POSIÇÃO	Nº	NOME	ALTURA (m)	PESO (kg)
GUARDA-REDES	1	<u>Rui Patrício</u>	1,90	85
	22	<u>Marcelo</u>	1,90	89
DEFESAS	2	<u>Welder</u>	1,81	75
	3	<u>Maurício</u>	1,85	83
	4	<u>Jefferson</u>	1,76	78
	5	<u>Rojo</u>	1,86	82
	15	<u>Eric</u>	1,91	86
	30	<u>Iván Piris</u>	1,72	68
	41	<u>Cédric</u>	1,72	67
MEDIOS	6	<u>Vitor</u>	1,69	69
	8	<u>André Martins</u>	1,69	63
	10	<u>Gérson Magrão</u>	1,81	71
	14	<u>William</u>	1,87	87
	21	<u>Fito Rinaudo</u>	1,75	76
	23	<u>Adrien</u>	1,75	72
AVANÇADOS	11	<u>Diego Capel</u>	1,73	71
	17	<u>Montero</u>	1,76	74
	18	<u>Carrillo</u>	1,80	73
	28	<u>Wilson</u>	1,79	76
	92	<u>Cissé</u>	1,84	73
	9	<u>Slimani</u>	1,88	79,5

Ilustração 8 – Foto e Constituição do Plantel (in http://www.sporting.pt/Futebol/Fut_Prof/futsen_plantel_1314.asp)

Do plantel da época passada ficaram 11 jogadores (Rui Patrício, Marcelo Boeck, Marcos Rojo, Cédric Soares, Eric Dier, Fito Rinaudo, Adrien Silva, André Martins, Diego Capel, André Carrillo e Wilson Eduardo) e entraram 10 jogadores.

Para além de uma equipa com muitos jogadores novos tínhamos também uma nova equipa técnica com ideias novas sobre o nosso modelo de jogo.

Posição	Nº	Nome	Tipo de Utilização
GUARDA-REDES	61	Meira	Treinos
GUARDA-REDES	69	Luis Ribeiro	Treinos
GUARDA-REDES	54	Stojković	Treinos
DEFESA	35	Ruben Semedo	Treinos e Jogos
DEFESA	40	Sambinha	Treinos
MÉDIO	42	Wallyson	Treinos e Jogos
MÉDIO	43	Filipe Chaby	Treinos e Jogos
MÉDIO	45	Iuri Medeiros	Treinos
MÉDIO	49	João Mário	Treinos
AVANÇADO	38	Cristian Ponde	Treinos
AVANÇADO	47	Ricardo Esgaio	Treinos e Jogos
AVANÇADO	93	Ousmane Dramé	Treinos e Jogos
AVANÇADO	87	Bétinho	Treinos

Quadro. 4 – Jogadores provenientes da Equipa B que participaram em treinos ou jogos da Equipa A do Sporting Clube de Portugal

Em Janeiro com a reabertura do mercado houve os seguintes reajustes no Plantel:

	Posição	Nº	Nome	Clube
ENTROU	AVANÇADO	7	Shikabala	Zamalek SC
	AVANÇADO	20	Héldon	Marítimo
SAIU	MÉDIO	21	Fito Rinaudo	Catania (Emprestado)
	AVANÇADO	25	Diogo Salomão	Desportivo (Emprestado)
	AVANÇADO	92	Salim Cissé	Arouca

Quadro. 5 – Reajustamentos do plantel na reabertura de mercado em Janeiro de 2014.

4.2 Competições

Na presente época desportiva, o Sporting Clube de Portugal, participou em 3 competições, nomeadamente na I Liga Portuguesa (Liga Zon Sagres), Taça da Liga e na Taça de Portugal.



(Anexo 1)

4.2.1 Campeonato – Liga Zon Sagres

Para o campeonato tínhamos como objetivo alcançar as competições europeias, nomeadamente o acesso à Liga dos Campeões, traçamos como meta ficar entre os 3 primeiros lugares, sabendo de antemão que teríamos pela frente uma árdua tarefa face aos resultados da época transata (7º classificado com 11 Vitórias, 9 Empates e 10 derrotas com 36 golos marcados e 36 sofridos), face às limitações financeiras para aquisição de jogadores impostas pela necessidade de uma reestruturação financeira do clube, como foi do domínio público e face à entrada de muitos jogadores novos assim como a sua estrutura técnica.

Contudo com muito trabalho, dedicação, empenho e união conseguimos alcançar o 2º Lugar da liga Zon Sagres, conseguindo assim o acesso direto à fase de Grupos da tão prestigiada Liga dos Campeões.

Temporada Regular			P	J	V	E	D	GM	GS	DG
1		Benfica	74	30	23	5	2	58	18	40
2		Sporting	67	30	20	7	3	54	20	34
3		FC Porto	61	30	19	4	7	57	25	32
4		Estoril	54	30	15	9	6	42	26	16
5		Nacional	45	30	11	12	7	43	33	10
6		Marítimo	41	30	11	8	11	40	44	-4
7		V. Setúbal	39	30	10	9	11	41	41	0
8		Académica	37	30	9	10	11	25	35	-10
9		Sp. Braga	37	30	10	7	13	39	37	2
10		V. Guimarães	35	30	10	5	15	30	35	-5
11		Rio Ave	32	30	8	8	14	21	35	-14
12		Arouca	31	30	8	7	15	28	42	-14
13		Gil Vicente	31	30	8	7	15	23	37	-14
14		Belenenses	28	30	6	10	14	19	33	-14
15		P. Ferreira	24	30	6	6	18	28	59	-31
16		Olhanense	24	30	6	6	18	21	49	-28

P - Pontos J - Jogos V - Vitórias E - Empates D - Derrotas GM - Golos Marcados GS - Golos Sofridos
DG - Diferença de Golos Forma - Prestação nos últimos jogos

Ilustração 9 – Classificação final da Liga Zon Sagres época 2013/2014 (in http://desporto.sapo.pt/futebol/primeira_liga/epoca-1314/classificacao/)

Terminamos a 7 pontos do Campeão SL Benfica com 67 pontos (melhor registo pontual das últimas 7 épocas), com 20 Vitórias (representa 67% dos jogos), 7 Empates (representa 23% dos jogos e 3 Derrotas (representa 10% dos jogos), com 54 golos marcados (o que dá uma média de 1.80 golos marcados por jogo) e sofremos 20 golos (o que dá uma média de 0.67 golos sofridos por jogo). No decorrer do campeonato marcamos em 83% dos jogos e sofremos em 50% dos mesmo.

4.2.2 Taça da Liga

Para a Taça da liga e Taça de Portugal tínhamos como objetivos chegar à final e chegando a essa meta claro está vence-la, contudo neste domínio não obtivemos os resultados pretendidos.

Na Taça da Liga calhamos na fase de grupos com FC Porto, Marítimo e Penafiel com o respetivo calendário e classificação:

1ª Jornada: 29.12.2013

Sporting C.P. 0 x 0 F.C.Porto

2ª Jornada: 14.01.2014

Sporting C.P.3 x 0 Marítimo

3ª Jornada: 25.01.2014

Penafiel F.C. 1x3 Sporting C.P.

#	Grupo B	PJ	V	E	D	G	P	Forma
1.	 FC Porto	3	2	1	0	7:2	7	V V E
2.	 Sporting	3	2	1	0	6:1	7	V V E
3.	 Marítimo	3	0	1	2	2:6	1	D D E
4.	 Penafiel	3	0	1	2	1:7	1	D D E

Ilustração 10 – Classificação final da fase de grupos da Taça Liga Zon Sagres época 2013/2014 (in <http://www.meusresultados.com/futebol/portugal/taca-da-liga-2013-2014/resultados/>).

Ficamos em 2º lugar com os mesmos 7 pontos do 1º classificado, acabando por sermos eliminados por diferença de 1 golo marcado (3º critério de desempate entre duas equipas).

4.2.3 Taça de Portugal

Na taça de Portugal ficamos pela 4ª Eliminatória, após apenas 2 jogos

3ª Eliminatória

Sporting C.P. 8 x 1 S.C. Alba

4ª Eliminatória

S.L. Benfica 4 x 3 Sporting C.P. (após prolongamento, 3x3 nos final dos 90 minutos)

Ao longo de toda a época realizamos 44 jogos, um total de 28 vitórias, 9 empates e 7 derrotas.

COMPETIÇÕES	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GM-GS
AMIGAVEIS/TORNEIOS	9	5	1	3	18-11
LIGA ZONA SAGRES	30	20	7	3	54-20
TAÇA DE PORTUGAL	2	1	0	1	11-5
TAÇA DA LIGA	3	2	1	0	6-1
TOTAL	44	28	9	7	89-37

Quadro.6 – Resumo Competitivo

5. Análise da atividade desenvolvida (Funções e Tarefas)

Ao longo do presente tópico serão descritas as tarefas que foram confinadas à função de elemento técnico do Departamento de Observação e Análise de Jogo, em estreita relação com a equipa técnica.

Na globalidade, as tarefas que foram incumbidas, são as seguintes:

Presença nas atividades da equipa, seu registo e análise em contexto de treino e de jogo;

Observação e análise das equipas adversárias;

Observação e análise dos jogadores internacionais e dos que estão “emprestados”;

Apresentação, análise e discussão das reflexões efetuadas com a equipa técnica.

De acordo com as tarefas semanais, o Microciclo Tipo é o seguinte:

Dia	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
Manhã	FOLGA	9.00h Treino - Reunião Equipa Técnica (1)	9.00h Treino - Reunião Equipa Técnica (2)	9.00h Treino - Análise Indireta	9.00h Treino - Relatório Adv	9.00h - Preleção (1) 9.30H Treino	Estágio
Tarde	FOLGA	-Análise do Jogo Anterior - Compacto do nosso jogo - Elaborar Apresentação Equipa (+ / -)	- Análise Indireta da Equipa adversária 16.00h Treino - Análise Indireta	-Relatório Adv	- Criação do Compacto da Equipa Adversária	-Reunião Equipa Técnica (3) - Elaborar Apresentação Equipa Adv	- Preleção (2) - Entrega de todo a Doc. do próximo adversário
Noite	FOLGA	-Planear Observações	- Análise Indireta	- Relatório Adv	Jogo a Observar	Jogo a Observar	JOGO SCP

Quadro. 7 –Plano de microciclo com as tarefas de Estágio.

Face ao exposto passo agora desenvolver de forma mais pormenorizada as tarefas semanais:

5.1 - Reunião Equipa Técnica (1) – “Análise do próximo Adversário”

Participar no debate do próximo adversário com toda a equipa técnica. Ajudar na definição do Plano Tático Estratégico e sua operacionalização no microciclo. Importante realçar que toda a documentação, em forma de compacto de vídeo, sobre o adversário é entregue no microciclo anterior de forma a que todos os elementos da equipa técnica a possam analisar.

Foi um dos momentos mais ricos e de maior desenvolvimento profissional. Nesta reunião estavam presentes todos os elementos da equipa técnica (Treinador principal, adjuntos e elementos do departamento de observação e análise de jogo).

Num 1º momento é exposto à equipa técnica todas as informações relevantes do próximo adversário no que respeita a sua forma de jogar (Organização Ofensiva, Transição Defensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva, Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos), Pontos fortes e fracos, Equipa tipo, alternativas, jogadores castigados ou indisponíveis, última sequência de jogos e propostas para a definição do plano tático-estratégico para esse jogo. Esta apresentação era efetuada pelo elemento que faz a ponte entre a equipa técnica e departamento tendo em conta as ideias definidas pelo departamento. No decorrer da mesma eramos solicitados a complementar com diversas informações a sua intervenção.

Num segundo momento e tendo como pontapé de saída a sugestão do departamento do plano tático-estratégico, abria-se uma discussão aberta a todos os elementos presentes onde cada um partilhava o seu ponto de vista sobre o mesmo e partilhava as suas ideias sobre a sua análise do adversário. É neste momento de partilha que foi possível aprender os diferentes pontos de vista de cada elemento, perceber a variabilidade nos critérios de observação assim como as várias perspetivas que cada um de nós observa e retira do jogo. Sem dúvida que este momento permitiu olhar para o jogo de forma mais criteriosa e estar mais atento a um conjunto de pormenores do mesmo. No decorrer da mesma fui retirando notas sobre os vários aspetos observados no jogo de forma a aperfeiçoar a capacidade de análise e observação do jogo.

Por último e face às conclusões retiradas da discussão era estabelecido um plano estratégico para o próximo adversário e em função disso estabelecíamos as temáticas a desenvolver nas unidades de treino onde o plano tático-estratégico fosse treinado.

5.2 - Análise do Jogo Anterior da nossa Equipa

No futebol, a construção do treino deverá decorrer da informação retirada do jogo, pelo que a caracterização da estrutura da atividade e a análise do conteúdo do jogo revelam uma importância e influência crescentes na estruturação e organização do treino (Costa, 2005).

Este ponto será porventura o segundo momento mais importante do nosso microciclo de trabalho, tendo em conta que o primeiro será análise direta do nosso jogo (onde ainda podemos ir a tempo de ajudar a nossa equipa a vencer o jogo).

Análise da nossa equipa torna-se fundamental para qualquer equipa, ainda mais para uma equipa da nossa dimensão e que independentemente do jogo mantém-se fiel à sua forma de jogar. Tendo em conta que grande parte do trabalho do microciclo competitivo recai sobre o desenvolvimento da nossa equipa e que as alterações estratégicas para o próximo jogo são bem menores do que o desenvolvimento do nosso modelo de jogo, torna-se essencial este tipo de análise. Com isto quer dizer que análise que é efectuada neste momento tem como principal objectivo identificar os momentos do jogo onde estivemos bem (+) e ao mesmo tempo perceber os erros que cometemos (-).

Recorrendo à análise indirecta do nosso jogo (filmagem técnica), dividimos o jogo nos seus 5 momentos (Organização Ofensiva, Transição Defensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva e Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos).

Esta análise tem por base situações recorrentes do jogo, ou seja, situações que se verificaram por mais que uma vez. Claro está que se existirem momentos que apenas tenham ocorrido uma só vez mas que achemos que são significativos para corrigir ou potenciar não deixaremos de os analisar e registar (golos, ocasiões de golo, remates, cruzamentos, etc). Importante realçar que análise é puramente qualitativa e temos como critérios de observação os itens pertencentes ao nosso modelo de jogo, que nos foram transmitidos e assimilados ao longo de todo o período preparatório.

Para esta análise utilizamos como ferramenta o Sportscore através do qual codificamos o jogos nos 5 momentos apresentados anteriormente, possibilitando não só o seu armazenamento mas também a criação de notas para depois debatermos com a restante equipa técnica.

Assim para cada momento do jogo retiramos os aspectos positivos e negativos ao longo do jogo, adicionando aos mesmos comentários que caracterizam o momento e em algumas situações sugestões de melhoria. Em alguns microciclos foi-nos solicitado que efectuassemos também uma análise individual.

Tendo em conta a minuciosidade do processo de análise e o tempo que tínhamos para o fazer, esta tarefa era dividida inicialmente entre os dois elementos do departamento e posteriormente por um dos adjuntos (aquando da saída do meu colega em Dezembro). Assim dividimos as tarefas onde um analisava a nossa parte Ofensiva e o outro a parte Defensiva (Processos, Transição e Esquemas Táticos). No final partilhávamos e debatíamos entre nós as conclusões que retiramos dessa mesma análise.

5.3 - Compacto de vídeo do nosso jogo

Após análise do mesmo e em conjunto com um elemento da equipa técnica fazíamos uma triagem das imagens que iríamos apresentar à equipa técnica de forma a realizarmos um relatório em formato de vídeo com uma duração média de 15/20 minutos. (Anexo 2)

Trata-se de um trabalho árduo e muitas vezes difícil de o realizar, pois muitas vezes face à quantidade de imagens significativas que tínhamos para passar uma ideia e com a preocupação em passar toda a informação à nossa equipa técnica acabávamos com relatórios muito extensos. Contudo à medida que o tempo foi passando e fruto dos constantes feedbacks dos mesmos sobre a forma e os critérios de análise que pretendiam para análise da nossa equipa tornou-se numa tarefa mais fácil.

Gostaria de reforçar uma questão fundamental para qualquer observador, não esquecer que nós temos de olhar para o jogo o mais aproximado possível da forma como o nosso treinador olha para ele. Quanto mais vamos conhecendo a forma como o Treinador analisa o jogo e os aspetos que considera mais pertinentes, mais importante se torna o nosso trabalho (dar importância ao que é valorizado).

5.4 - Apresentação Equipa (+/-) (Preleção 1)

Esta apresentação em forma de vídeo, realizada normalmente um ou dois dias antes da competição tinha dois objetivos, em 1º lugar fazer uma análise objetiva da prestação da equipa nossa equipa no último jogo e em 2º lugar transmitir as principais ideias do próximo adversário.

Após termos analisado com a equipa técnica as imagens de vídeo do nosso último jogo (compacto referido anteriormente) são então discutidas quais as imagens a passar aos jogadores. Esta apresentação tinha por base a divisória de momentos positivos e negativos, que depois eram subdivididos pelos 5 momentos do jogo e ações representativas do que de bom e menos bom fizemos nesses momentos, tendo como principal objetivo reforçar e corrigir comportamentos da nossa equipa. Como exemplo colocaríamos: ações ofensivas positivas – 1ª Fase de Construção – Laterais projetados.

Em cada clip de vídeo era identificada o momento do jogo, por exemplo transição ofensiva, e um pequeno texto onde vinha descrito de forma sucinta o que se pretendia com a aquela imagem, auxiliando assim o treinador na estruturação do seu raciocínio (um tipo de GPS) como também servia para elucidar, reforçar e captar maior atenção dos jogadores. Todas as apresentações tinham a seguinte sequência:

Aspetos Negativos:

1. Organização ofensiva --> 2. Transição defensiva --> 3. Organização defensiva --> 4. Transição ofensiva --> 5. Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Aspetos Positivos:

1. Organização ofensiva --> 2. Transição defensiva --> 3. Organização defensiva --> 4. Transição ofensiva --> 5. Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Esquema 1. – Sequência da apresentação da análise da nossa equipa no último jogo.

Gostaria de realçar o código de cores que utilizávamos no grafismo, aspetos negativos a vermelho e os positivos a verde para facilitar a identificação por parte dos jogadores. Deliberadamente iniciávamos análise do nosso último jogo com os aspetos negativos e acabávamos com os aspetos positivos de forma a valorizar e motivar os jogadores.

Seguidamente apresentávamos algumas imagens do próximo adversário dividindo o mesmo em aspetos a ter em atenção e aspetos a explorar. Tendo como ponto de partida o compacto de vídeo da análise do próximo adversário eram escolhidos as imagens que melhor expressavam as ideias que o treinador queria transmitir aos jogadores em termos dos pontos fortes do adversário, logo os aspetos que teríamos de anular ou ter em atenção e os seus pontos fracos, os aspetos que a nossa equipa deveria explorar. Sendo a nossa equipa uma equipa que procura manter a sua identidade a nossa abordagem relativamente à mensagem que era passada não só era cirúrgica (eram filtrados muitos dos critérios de análise para 3 ou 4 aspetos) como muito direcionada para os aspetos fortes e menos fortes da nossa equipa. Procurávamos encaixar esses mesmos aspetos com a nossa forma de jogar e características dos nossos jogadores, por exemplo “o lateral adversário tem normalmente pouca cobertura aquando da variação do centro do jogo – procurar rápidas variações do centro de jogo para permitir situações de 1x1 ou 2x1 com o lateral”. Mais uma vez para cada em cada clip de vídeo era identificada o momento do jogo, por exemplo Organização defensiva, e um pequeno texto onde vinha descrito de forma sucinta o que se pretendia com aquela imagem. Todas as apresentações tinham a seguinte sequência:

Aspetos a ter em Atenção:

1. Organização ofensiva --> 2. Transição defensiva --> 3. Organização defensiva --> 4. Transição ofensiva --> 5. Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Aspetos a Explorar:

1. Organização ofensiva --> 2. Transição defensiva --> 3. Organização defensiva --> 4. Transição ofensiva --> 5. Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Esquema 2. – Sequência da apresentação do próximo adversário.

Importa realçar que sempre que possível procurávamos fazer ligação entre análise da nossa equipa e o próximo adversário. De forma a acautelar situações onde não estivemos tão bem e que o Adversário possa ver uma oportunidade. Reforçando e destacando ao mesmo tempo os aspetos positivos para podermos explorar no próximo adversário. No fundo o que se pretende é uma comparação das nossas forças/fraquezas com as da equipa adversária.

Normalmente esta sequência de imagens tinha a duração entre 8 a 10 minutos, apenas editado com texto complementar para reforçar a ideia que o treinador pretendia com essa imagem.

(Anexo 3)

5.5 - Planear a Observação do próximo Adversário

Outra das tarefas incumbidas ao nosso departamento e a de preparar/planear a observação dos próximos adversários. Definir quais os jogos a observar de forma direta (in loco) e os de forma Indireta. Normalmente procurávamos analisar 3 a 4 jogos entre observação direta, indireta e mista. Para nos ajudar nas tomadas de decisão tínhamos em conta os seguintes aspetos:

Jogo em Fora ou Casa

Dificuldade do jogo face ao nosso próximo adversário (adversário com quem jogavam)

Tipo de Competição

Constituição da Equipa que jogou (no caso dos jogos indiretos)

Possibilidade de filmar em plano aberto

Estado climatérico em que o jogo decorreu

Estado do relvado

O desenrolar do jogo (resultado, expulsões, lesões, etc...)

Ao longo da época recorreremos aos 3 tipos de observação sendo que a que mais impacto tem na nossa opinião é a observação mista, pois após a observação direta (onde normalmente conseguíamos a recolha de imagens e uma 1ª ideia de jogo do adversário) poderíamos filtrar melhor todos os aspetos significativos do jogo (padrões de conduta coletiva, movimentações tipo, características dos jogadores e as características que nos levem a identificar uma filosofia de jogo e princípios orientadores de uma ideia de jogo). Através da análise indireta podemos também compilar um conjunto de imagens (compactos) que nos possibilitem depois passar aos jogadores e equipa técnica.

Normalmente a observação era feita em relação aos 3/4 últimos jogos do adversário, contudo sempre que necessário recorriamos a jogos posteriores.

Após a escolha dos jogos a observar de forma direta e indireta consultávamos o treinador no sentido de sabermos da sua concordância em relação aos mesmos. Houve situações onde o Treinador pediu para acrescentarmos um determinado jogo e outras onde pediu para substituir um jogo por outro. Mais uma vez este processo só tem fundamento se for direcionado para as necessidades do treinador e restante equipa técnica.

Depois de estabelecidos quais os jogos a observar em direto era feito um pedido dos mesmos via e-mail ao nosso secretário técnico de forma a que ele procedesse à solicitação dos convites para observarmos os jogos, onde também era solicitado a filmagem técnica dos mesmos.

5.6 - Reunião Técnica 2 – “Análise do último jogo”

Esta reunião tinha como principal objetivo discutirmos análise do nosso último jogo, participavam nela todos os elementos da equipa técnica e observadores.

A reunião tinha como ponto de partida o visionamento do compacto de imagens que o departamento fazia, ou seja, um resumo das ações mais significativas do nosso jogo divididas em situações positivas e negativas de acordo com o modelo de jogo estabelecido pelo treinador. No compacto eram definidas linhas de vídeo que representavam comportamentos nos vários momentos do jogo de forma organizada e sequenciada. Importante realçar que todos os elementos da equipa técnica já tinham visionado na íntegra o jogo, tendo também uma opinião formada do mesmo que depois nos ajudava à discussão de ideias.

No final da mesma eram também analisadas quais as imagens e reajustes que faríamos para apresentação aos jogadores (preleção 1).

Esta reunião foi muito importante não só para o aperfeiçoamento da nossa análise face aquilo que o treinador pretendia que analisássemos e retirássemos do jogo, proporcionando também um crescimento e aprendizagem na compreensão do jogo e as suas várias correntes e ideias de jogo. No fundo através dessa partilha o nosso olho tornara-se mais específico e treinado para além de existir espaço para expormos e confrontarmos ideias que nos possibilitam aprender e evoluir.

Foi notório que há medida que íamos tendo estas reuniões a nossa capacidade de filtrar a informação e imagens para o nosso treinador tornava-se mais precisa e eficaz, para de nos ajudar a reduzir o tempo de seleção de imagens.

5.7 - Análise Indireta do Adversário

Este trata-se da tarefa de estágio que mais tempo ocupava no microciclo e a que mais responsabilidade nos era atribuída.

Após termos definido quais os jogos que iríamos analisar em primeiro lugar tínhamos de garantir que todos eles se encontravam no mesmo formato para que depois de concluída a observação e na fase da criação do compacto as imagens fossem de melhor qualidade possível. Este passo levou algum tempo para que percebêssemos qual a forma de termos a mesma formatação para que todos os vídeos funcionassem bem com software de análise de jogo *Sportscore*. Acabamos por encontrar um conversor de vídeo designado *Elgato* que nos permite ter tudo dentro do mesmo formato.

Assegurado que tínhamos os jogos no mesmo formato iniciávamos a sua análise do mais antigo para o mais recente. Contudo antes elaborávamos um estudo prévio da equipa:

Constituição do Plantel;

Equipa tipo e alternativas;

Registo dos últimos 5 jogos (equipa inicial, substituições, castigos, lesões, alterações táticas, golos marcados e sofridos);

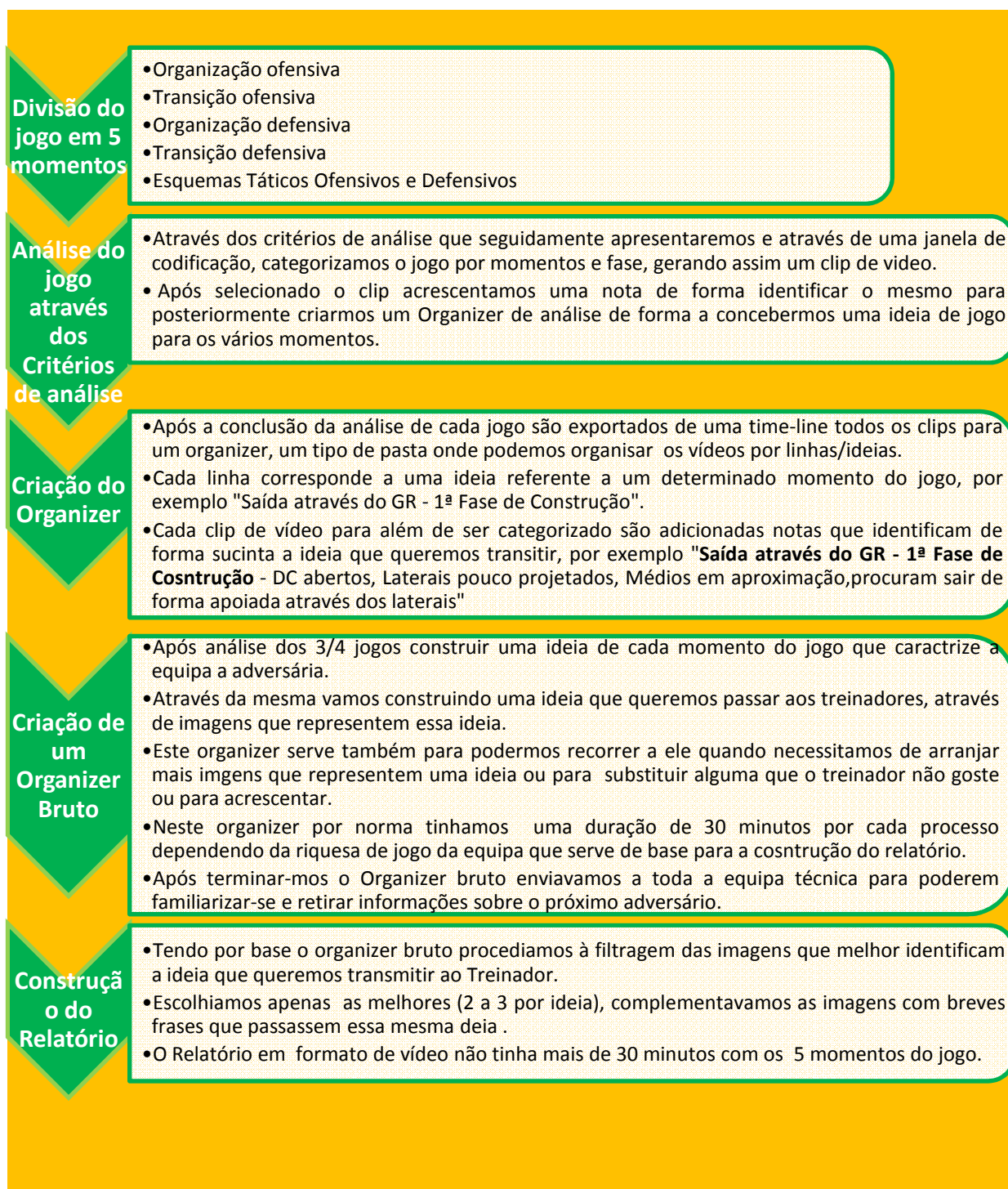
Sequência dos últimos resultados.

Toda análise é efetuada através do software de análise de jogo *Sportscore* através do qual é feita uma codificação/categorização segundo os nossos critérios de análise que nos permite após a conclusão do visionamento do mesmo termos apenas aqueles clips que achamos serem importantes para a nossa análise. Para analisarmos o jogo dividimos o jogo em 5 momentos:

Organização ofensiva, Transição ofensiva, Organização defensiva, Transição defensiva e Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos.

Durante o período que tive um colega no departamento dividíamos estes momentos entre os dois, ou seja, enquanto um fazia análise do Processo Ofensivo (Organização ofensiva, Transição ofensiva e Esquemas táticos ofensivos) ou outro fazia o Processo Defensivo (Organização defensiva, Transição defensiva e Esquemas táticos defensivos). Esta divisória tinha como principal objectivo uma maior rentabilização do tempo assim como um conhecimento aprofundado de cada processo, no final da análise cada um de nós passava toda a informação ao outro. Esta passagem servia em primeiro lugar para que o outro elemento tivesse por dentro do processo que não analisou diretamente e servia também como um ensaio para quando fazíamos a passagem de informação para a restante equipa técnica. Mais uma vez esta partilha de informação foi sempre muito positiva no aspeto da discussão de ideias pois existiam sempre alguns pontos de vista onde a visão do que a imagem refletia era destinta, com diferentes interpretações e possibilitava o acrescento de pormenores que o outro elemento não se tinha apercebido.

Passamos agora a revelar qual a metodologia de trabalho que seguimos na análise do adversário:



Esquema 3. – Metodologia de trabalho na análise indireta do próximo adversário.

Para melhor organizar a nossa observação criamos os seguintes critérios de análise, sendo que este conteúdo é muito abrangente, podendo ser dividido em muitos sub-conteúdos que necessitam de ser observados e analisados:

Organização Ofensiva

Sistema de jogo e variantes utilizadas;

Dinâmica da utilização de espaços (movimentações base dos jogadores, com e sem bola), nas várias fases do jogo (1ª e 2ª Fase de construção, Criação de situações de finalização e Finalização);

Métodos de jogo

Tipo de jogo (directo ou indirecto);

Se e como a equipa se adapta ao adversário (sobretudo perante equipas da nossa dimensão);

Saída do guarda-redes;

Posicionamento dos defesas, médios e avançados;

Zonas de desequilíbrio;

Dinâmica de corredores;

Jogo interior;

Tipos de passe em cada sector de jogo;

Situações em que a equipa tem iniciativa de jogo;

Mudanças de ritmo de jogo;

Jogadores que participam no processo ofensivo;

Circulações táticas e/ou combinações táticas;

Espaço utilizados preferencialmente;

Tentar prever o modo com o adversário vai contrariar o nosso modelo de jogo;

Caracterização por sectores;

Caracterização inter-setorial;

Jogadores referências no processo ofensivo;

Organizador de jogo;

Jogador responsável pela divisão de jogo;

Espaços e movimentações utilizados com e sem bola (corredor esquerdo/central/direito ou todos);

Tipo de cruzamentos e movimentações na zona de finalização;

Posicionamento final (sua relação com o equilíbrio defensivo)

Alterações no sistema de jogo através de trocas internas ou produzidas por substituições;

Alterações efetuadas de acordo com o resultado;

Organização ofensiva da equipa em superioridade ou inferioridade numérica;

Características individuais dos jogadores;

Transição Ofensiva

Tipo de atitude quando ganha a posse de bola;

Tipo de saída (apoiada, direto ou indireto);

Zonas preferenciais de saída;

Jogadores mais solicitados na saída e no decorrer da transição;

Número de jogadores envolvidos;

Utilização dos corredores (mudança de corredor após recuperar a bola);

No caso da recuperação defensiva do adversário (comportamentos);

Existe equilíbrio defensivo?

Tipo de transição que o guarda-redes utiliza quando recupera a bola (rápido e direto ou lento e sai a jogar);

Tipo de transição de acordo a zona onde recuperam a bola;

Zona predominante de recuperação de bola;

Tipo de transição quando o resultado é positivo ou negativo.

Organização Defensiva

Sistema de jogo e variantes utilizadas;

Dinâmica da ocupação de espaços (Zonas e corredores);

Métodos de jogo;

Mudanças do método de jogo consoante as zonas do campo;

Comportamentos nas várias fases do jogo (Início de construção pelo Gr, Construção pela defesa, como defendem os corredores);

Tipo de defesa (passiva ou ativa);

Tipo de marcação (Centrais e Laterais afundam, Médios arrastam, Extremos relacionam-se e controlam o lateral adversário, Ponta-de-lança pressiona centrais e médio defensivo;

Se e como a equipa se adapta ao adversário (sobretudo perante equipas da nossa dimensão);

Linhas defensivas (Alta, média ou baixa);

“Pressing” (onde e quando);

Número de jogadores atrás da linha da bola

Exploração do fora de jogo;

Tipo de defesa (em linha ou com libero)

Espaço entre sectores;

Jogadores que não participam no processo defensivo (equilíbrio ofensivo);

Colocação do guarda-redes;

Caracterização por sectores;

Caracterização inter-setorial;

Zonas e jogadores a explorar;

Como defendem nos cruzamentos;

Relação afetiva entre jogadores (responsabilidade, entre-ajuda, capacidade sacrifício, comunicação)

Alterações no sistema de jogo através de trocas internas ou produzidas por substituições;

Alterações efetuadas de acordo com o resultado;

Organização defensiva da equipa em superioridade ou inferioridade numérica;

Características individuais dos jogadores;

Transição Defensiva

Comportamentos quando perde a posse de bola;

Mudança rápida ou lenta de atitude;

Utilizam o “pressing” ou reagrupam?

Zonas de “pressing”;

Zonas mais vulneráveis para sairmos em transição;

Jogadores que pressionam;

Sector onde defende;

Espaço entre sectores;

Espaços entre jogadores;

Número de jogadores envolvidos;

Comportamento da última linha defensiva (retira profundidade, mantém ou aproxima);

Tipo de transição quando o resultado é positivo ou negativo.

Esquemas Táticos

Cantos Ofensivos

Jogadores que participam;

Posicionamento dos jogadores (toda a equipa);

Movimentações dos jogadores e Alternativas;

Jogadores de referência e os mais perigosos;

Zonas mais procuradas (sitio para onde a bola é enviada);

Tipo de Canto (Aberto, Fechado ou Curto);

Sinalética do executante;

Segundas vagas;

Quem bate e alternativas;

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Livres Laterais Ofensivos

Jogadores que participam;

Posicionamento dos jogadores (toda a equipa);

Movimentações dos jogadores;

Jogadores Alvo e os mais perigosos;

Zonas mais procuradas (sitio para onde a bola é enviada);

Tipo de livre (Aberto, Fechado e Combinado);

Sinalética do executante;

Segundas vagas;

Quem bate e Alternativas;

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Livres Frontais Ofensivos

Jogador que bate e alternativas;

Zonas de onde batem com maior sucesso;

Forma como a bola é batida (por cima da barreira ou para o lado do GR, folha seca, em forma de banana, em potência, com ou sem desvio);

2ªs bolas e respetivos posicionamentos iniciais.

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Lançamentos Laterais Ofensivos

Lançamentos no último 1/3 (bola direta para a área ou combinação);

Posicionamento dos jogadores (em zonas de finalização e próximos do executante);

Movimentações dos jogadores;

Jogadores referência;

Noutras zonas do campo (movimentos padrão).

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Cantos Defensivos

Jogadores que participam;

Posicionamento e comportamentos dos jogadores (toda a equipa);

Posicionamento alternativo em função do tipo de canto (Aberto, Fechado ou Curto)

Tipo de marcação;

Zonas e jogadores mais frágeis;

Segundas Vagas;

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Livres Laterais Defensivos

Jogadores que participam;

Posicionamento e comportamentos dos jogadores (toda a equipa);

Tipo de marcação;

Zonas e jogadores mais frágeis;

Número de jogadores na barreira e sua relação com o local da marcação do livre;

Posicionamento alternativo em função do tipo de Livre (Aberto, Fechado ou Combinado);

Comportamento e número dos jogadores da barreira.

Segundas Vagas;

Alternativas quando o resultado é positivo ou negativo.

Livres Frontais Defensivos

Comportamentos e número de jogadores na barreira;

Pontos fortes e fracos do GR;

Comportamentos de proteção ao GR.

Lançamentos Laterais Defensivos

Posicionamento dos jogadores (toda a equipa);

Tipo de marcação.

5.8 - Relatório do Adversário

Após termos finalizado análise indireta ficamos com uma ideia de jogo aprofundada do próximo adversário, ideia de jogo essa que tem de ser transmitida à restante equipa técnica de uma forma

resumida e organizada. Pretende-se com este relatório passar todo o conhecimento que extraímos da nossa observação para que rapidamente os restantes elementos se familiarizem o máximo possível com o próximo adversário para assim definir-se em plano de jogo.

Esta tarefa não é fácil uma vez que temos de condensar toda a informação que queremos passar num relatório em forma de compacto vídeo que não ultrapasse os 30 minutos com os 5 momentos de jogo.

Para tal recorremos ao compacto bruto do adversário, onde já temos as principais ideias estabelecidas, com as melhores imagens que melhor demonstram a ideia que queremos transmitir. Passamos então a filtrar apenas o essencial, imagens que representem com clareza as características do adversário.

De acordo com Araújo (1995), os treinadores quando recorrem à observação, ao registo e à análise prévia dos adversários procuram uma possível antecipação de eventuais surpresas que possam ser provocadas pelos adversários. Procurando as estratégias que possuam condicionar os pontos fortes das equipas adversárias e ao mesmo tempo encontrar soluções para explorar de uma forma eficaz os seus pontos fracos, possibilitando assim maximizar a percentagem de sucesso. Acrescenta Lopes (2005), ao afirmar que o “Scouting é uma modalidade particular de observação-análise que visa o objetivo de dotar o treinador de informações precisas sobre o adversário, que os capacitam para o desenvolvimento estratégico-tático de um jogo, tirando partido das informações recolhidas, ou seja, preparar a equipa para todas as ocorrências e com essa preparação desenhar soluções estratégicas que permitam resolver de uma forma cada vez mais eficaz os problemas de jogo”.

Partilhando da ideia destes autores procuramos escolher imagens que por um lado caracterizem a equipa adversária, mas que ao mesmo tempo seja possível confrontar as forças e fraquezas da nossa equipa com a equipa adversária. Há medida que fomos evoluindo na época esta capacidade de filtragem tornou-se cada vez mais linear com os requisitos pretendidos pela equipa técnica, ao ponto de muitas vezes sermos nós a escolher as imagens a mostrar aos jogadores, com o treinador apenas a dar alguns retoques ao que lhe era apresentado.

O relatório da equipa adversária é composto por 3 documentos: Compacto de Vídeo, Documento escrito denominado Caracterização Geral do Adversário e Compacto de Clips Individuais.

Compacto de Vídeo do Adversário

Dividido em 5 momentos com a seguinte sequência: Organização Ofensiva; Transição Defensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva, Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos (Cantos, Livres Laterais, Livres Frontais e Lançamentos de Linha Lateral). Cada momento é subdividido em ideias que caracterizam o adversário. Cada ideia teria 2 a 3 imagens complementada com notas

como reforço da mensagem que queríamos transmitir, por exemplo, **Transição Ofensiva – Saída rápida através dos Extremos** – Extremos disparam na frente, procuram profundidade nos movimentos; Importante controlar bem os Extremos no momento da perda.

Este compacto não ultrapassava os 30 minutos de forma a não saturar atenção dos nossos treinadores (não esquecer que previamente já tinha recebido um compacto de vídeo mais alongado – Organizer Bruto). Muitas vezes eram também solicitados os jogos que tínhamos analisado de forma a inteirarem-se melhor do Adversário.

Na nossa opinião este relatório em forma de vídeo complementado com texto possibilita uma maior captação de informação, uma vez que a imagem de vídeo reforça a mensagem/ideia que acabamos de transmitir de forma imediata. A facilidade que os treinadores tem de voltar atrás e tirarem as suas próprias opiniões e acrescentar mais informação potencia a discussão e partilha de informação.

Caracterização Geral do Adversário

Este documento servia de complemento ao relatório de vídeo, neste documento são passadas as seguintes informações:

Capa - onde deve constar a competição em que vamos jogar e os jogos que analisamos do adversário;

Caracterização Geral do Adversário – através de um pequeno texto eram colocadas informações gerais (momento da equipa, lesões, castigos, sequência dos últimos resultados, etc). Resumo das principais características do adversário no Processo Ofensivo e Defensivo (Organização e Transição), assim como as soluções aos problemas colocados, ou seja, a nossa conceção do plano tático estratégico para este jogo.

Fichas de jogo dos últimos 5 jogos com a seguinte informação: Sistemas de jogo utilizados representados graficamente com a utilização das caras dos jogadores para melhor identificação; Substituições e alterações que advém dela; Resultado e marcadores; Jornada e Data do jogo.

Equipa provável – baseado no estudo prévio da equipa adversária, assim como todas as informações recolhidas ao longo da observação, procurávamos antecipar a equipa que poderia jogar contra nós.

Alternativas – Seguindo a mesma metodologia da equipa provável, procurávamos transmitir à equipa técnica todas as possibilidades que o plantel tinha ao seu dispor e as várias posições que os diversos jogadores poderiam jogar. Aqui também eram assinalados os jogadores castigados e eventuais lesionados.

Previsão do tempo para o dia e hora do jogo – recorrendo à informação disponibilizada na internet procurávamos antecipar algum cenário que pode-se alterar o normal decorrer do jogo.

Dados Estatísticos – Em alguns relatórios foram colocados também dados estatísticos para complementar a informação adversária.

Individuais do Adversário

Mais uma vez recorrendo ao relatório em formato de vídeo, eram fornecidas informações individuais sobre os jogadores adversários. Sobretudo em termos de comportamentos técnico-táticos padrão. Por solicitação do treinador apenas eram analisados os Extremos e Ponta-de-lança da equipa adversária. Esta informação era também passada aos nossos jogadores do sector defensivo (Laterais e Centrais). Este relatório tem como principal objetivo a perceção dos movimentos tipo nas suas ações ofensivas sobretudo no último 1/3 do campo, ou seja, nas ações de criação de situações de finalização e finalização. De forma a anteciparmos eventuais problemas e formas de resolução dos mesmos.

Todos os documentos acima mencionados eram enviados através da plataforma *wetransfer* para todos os elementos da equipa técnica.

5.9 - Reunião Técnica 3 – Definição das temáticas abordar na última preleção (Preleção N.º 2)

Esta reunião tinha como objetivo a definição das temáticas abordar para a preleção no dia do jogo. Como ponto de partida tínhamos o relatório em formato de vídeo sobre análise do adversário. O que se pretendia era selecionar quais as imagens desse compacto que iríamos selecionar para apresentação em formato PowerPoint complementada com uma mensagem. À medida que íamos avançando no tempo já levávamos preparado para a reunião um rascunho da mesma que depois era completado em função das ideias do treinador.

5.10 Elaborar apresentação para a preleção 2

Após os termos da reunião técnica e com as diretrizes necessárias à sua elaboração, efetuávamos em formato de PowerPoint apresentação seguindo o guião que resultou da mesma. Esta apresentação contemplava normalmente os seguintes conteúdos:

Capa: equipa adversária, competição e jogos observados;

Equipa provável do Adversário;

Alternativas da equipa Adversária;

Caracterização do Adversário através de imagens editadas, divididas nos 5 momentos do jogo, com a mensagem que o treinador queria passar;

Mensagem final apelando sempre à união do grupo com várias imagens.

Após a conclusão da mesma, esta era passada ou treinador que depois revia a mesma e alterava o que pretendia.

5.11 - Preleções

Tínhamos como principal função a preparação prévia do auditório para a apresentação da mesma, tendo como preocupação verificar que todo o sistema audiovisual estava a funcionar corretamente e rever a própria apresentação. No decorrer da mesma auxiliar em alguma questão de conteúdo caso assim seja necessário.

5.12 - Treinos

Com o elevado volume de trabalho que tínhamos ao longo do microciclo não era possível estarmos presentes em todas as Unidades de treino pelo que procurávamos estar presentes nas unidades temáticas onde eram abordados os seguintes conteúdos: plano estratégico e modelo de jogo da nossa equipa (3 unidades de treino semanal). A nossa função passava por analisar os exercícios de treino de forma a poder ajudar a equipa técnica em momentos oportunos de correção, no sentido de alcançarmos os objetivos propostos para essa temática específica. Outras das tarefas que tínhamos no decorrer do treino era a passagem de alguma informação complementar através feedbacks individuais aos jogadores no sentido de terem sucesso nesses exercícios.

Por vezes houve a necessidade de filmarmos os vários treinos para posteriormente serem analisados (treino global e treino específico de GR).

Ao longo do Período Preparatório estivemos com maior frequência nas unidades de treino. Este aspeto foi crucial em diversos aspetos:

Aprendizagem do nosso modelo de jogo;

Familiarização do modelo de treino assim como a sua operacionalização face ao modelo de jogo (princípios, comportamentos, feedbacks face ao que pretende, interpretação e reação dos jogadores);

Observar e analisar a forma como o treinador olha para o jogo, critérios importantes para análise do jogo (comportamentos da nossa equipa) absorvidos pelos feedbacks dados aos jogadores no decorrer dos exercícios e observação dos mesmos;

Identificação dos jogadores a nível individual (suas capacidades e características);

Aprendizagem de meios de comunicação e liderança;

Identificação e estabelecimento de contactos com todos os elementos que auxiliam a equipa técnica (Staff técnico e Departamento médico).

Todo o trabalho desenvolvido na preparação da pré-época, por todo o staff técnico onde se inclui o departamento de observação e análise de jogo, teve uma intensa participação tendo facilitado a compreensão das novas ideias do treinador. Tendo sido realizados 8 jogos de preparação todos eles foram posteriormente analisados, para identificar as ideias chave do novo modelo de jogo (com recurso às imagens de vídeo) para serem apresentados aos jogadores. Muitas destas apresentações eram igualmente reforçadas com imagens retiradas no processo de treino em exercícios associados ao nosso modelo de jogo. Estas reuniões com os jogadores, num total de 10 sessões, permitia-lhes ter uma ideia mais clara do que era pretendido nos vários momentos do jogo. Foi notória a evolução do mesmo ao longo de todo período preparatório. Pensamos que esta metodologia foi muito importante para um ótimo arranque de campeonato com 5 vitórias (Arouca, Académica, Olhanense, Braga e Setúbal) e 2 empates (Benfica e Rio –Ave) com 19 golos marcados e 4 golos marcados em 7 jogos (17 pontos em 21 possíveis).

Para além da análise do jogo feita pelo nosso departamento realizávamos igualmente sessões de análise dos jogos com a restante equipa técnica de forma a reforçar e melhor interpretar as ideias de jogo do treinador. Ideias de jogo que foram transmitidas através de um documento técnico e debatidas em reuniões que antecederam o início da época de forma a estarmos inteiramente identificados com os nosso modelo de jogo e para os princípios fundamentais do mesmo.

5.13 – Observação Direta da equipa adversária

A observação direta é uma das formas de análise do adversário mais antiga e aquela que a maioria das equipas realizam com maior frequência.

Esta observação é feita quando o Treinador, Treinador Adjunto ou Observador, se desloca ao local do jogo, de modo a observar o jogo ao vivo. Além do conhecimento da forma de atuar da equipa, também se pode recolher as características logísticas e meio envolvente.

Para realizarmos uma Observação em Direto há um conjunto de procedimentos que temos de efetuar para garantirmos que tudo corre bem:

Selecionar quais os jogos que vamos observar em direto;

Informar o nosso secretário técnico quais os jogos que pretendemos observar ao longo do fim-de-semana, a fim deste solicitar os respetivos convites e se autorizam filmagem do mesmo;

Caso seja a 1ª observação que fazemos da equipa, elaborar um estudo prévio da mesma de forma a termos conhecimento dos jogadores (nome, número, posição e jogos efetuados), equipa tipo, treinador e últimos resultados;

Uma vez autorizada a observação por parte da equipa que organiza o jogo, programar a viagem (quem vai observar, plano de viagem para o local do jogo e tempo necessário para lá chegar);

Requisitar o carro para nos deslocarmos ao jogo;

Preparar todo o material necessário para observação (bloco de notas, camara de vídeo e tripé);

Chegar atempadamente ao jogo de forma a nos prepararmos convenientemente para a observação do jogo;

Observar o Jogo;

Elaborar relatório do jogo observado.

Ao longo da época foram muitas horas de viagem e muitos os quilómetros para realizar observações em direto. A grande maioria dos jogos observados foram realizados na zona norte do país o que em média significava 7 horas só para deslocações. O dia é quase todo utilizado para as viagens e para a observação. Como em Portugal os jogos são maioritariamente à noite, chegamos a casa muitas vezes depois das duas horas da manhã. Muitas vezes ainda temos de trabalhar, para na manhã seguinte o trabalho estar pronto a apresentar ao treinador.

5.14 - Jogo Sporting Clube de Portugal

Outra das tarefas que tínhamos ao longo da época era Análise direta da nossa equipa de forma a ajudar o Treinador no decorrer do jogo.

Em todos os jogos da nossa equipa levamos a cabo a mesma metodologia:

Antes do início do jogo

Preparar e montar todos os equipamentos para Análise do Jogo;

Rever o plano de Jogo e relatório do Adversário;

Analisar a ficha de jogo do Adversário e se necessário auxiliar o Treinador em alguma informação ou reajustamento;

Reforçar individualmente os jogadores dos aspetos relevantes do jogo adversário (tarefas, missões, posicionamentos, esquemas táticos, entre outros);

Observar o aquecimento do Adversário de forma a retirar alguma informação que nos possa ser útil (condição física, estado anímico, indicadores táticos, etc...)

No decorrer do jogo

Analisar o jogo (partilha de tarefas referentes à análise do jogo);

Filmagem do jogo;

Codificação e análise direta das imagens do jogo;

Recolha de informação para o intervalo;

Comunicação com o banco.

No final do Jogo

Informar o treinador dos indicadores relevantes do jogo;

Conversar com a equipa técnica de aspetos relevantes do jogo com auxílio das imagens;

Entregar todo o material do próximo adversário à equipa técnica.

Relativamente a esta metodologia algumas reflexões que gostaríamos de realçar:

Com o acumular de trabalho e com a necessidade de estarmos sempre adiantados relativamente ao próximo adversário (+/- uma semana), torna-se fundamental rever o relatório do Adversário assim como o respetivo plano de jogo. Este aspeto irá permitir-nos refrescar e enquadrarmos novamente com o adversário que vamos defrontar de forma a podermos auxiliar convenientemente o Treinador.

A partilha de tarefas no decorrer do jogo nomeadamente a divisão da análise da nossa equipa e análise da equipa adversária, assim como a confrontação com o plano de jogo favorece a filtragem de informação. Se por um lado um dos elementos avalia o comportamento da nossa equipa o outro procura perceber o plano de jogo da equipa adversária, alteração de comportamentos e comportamentos já identificados (Análise que antecede o jogo). Ambos com o objetivo de confrontarmos as suas forças e fraquezas de forma a passarmos essas informações ao Treinador para o auxiliar na sua intervenção no decorrer do jogo.

A possibilidade de recorrermos à codificação em direto do jogo, o que na prática nos possibilita acesso organizado às ações do jogo através do vídeo, permite ao observador rever ao pormenor qualquer situação do jogo. Através dessa análise podemos informar o treinador de forma precisa e

levar para o intervalo as imagens mais relevantes a fim do treinador poder ele próprio analisar e se quiser mostrar aos jogadores.

Dado a nossa posição no decorrer do jogo, plano mais elevado, possibilitamos ter uma visão privilegiada de todas as movimentações do jogo, assim como o preenchimento dos espaços de jogo.

Como é possível verificar muitas são as tarefas que foram desenvolvidas ao longo deste ao pelo nosso departamento, iremos em seguida revelar de forma sumária todas as atividades desenvolvidas por este departamento:

Tarefa	Especificação	Total da época (todas as competições e pré- época)
Análise indireta do Adversário	Análise de jogos do próximo adversário gravados in loco ou retirados da plataforma Wyscout.	127 jogos
Observação de jogo em direto	Observação, Análise e filmagens técnicas (sempre que permitido) da equipa adversária	59 jogos
Relatórios do Adversário	Para cada adversário foi realizado um relatório em formato de vídeo	35 compactos
Análise da nossa Equipa (direta e indireta)	Observação e Análise da nossa equipa em tempo real (análise, filmagem e codificação do jogo) e posteriormente no decorrer da semana análise indireta	35 jogos
Compacto Vídeo para Palestra de equipa n.º 1	Análise do último jogo da nossa equipa e Análise do adversário	35 compactos
Apresentação para Palestra de equipa n.º2	Apresentação do adversário e definição do plano tático-estratégico	35 Apresentações
Compactos adversário GR	Foram criados compactos para os nossos Gr com o informação específica das equipas adversárias para cada jogo	35 Compactos
Compactos das ações do Gr nos nossos Jogos	Para cada jogo foram retiradas e catalogadas todas as ações do nosso Gr em formato de vídeo	35 Compactos
Presença no Treino	Observação e análise do treino	97 Treinos
Filmagens de Treino	Filmagem de alguns exercícios de treino e treino específico de GR	24 Treinos

Reuniões Técnica	Reuniões com a equipa técnica	87 Reuniões
Reclamação de Arbitragens	Edição de compactos de vídeo para apresentar ao Conselho de Arbitragem	5 Reclamações

Quadro. 8 –Quadro Resumo das principais tarefas desenvolvidas ao longo da época 13/14.

6. Análise Golos Marcados e Sofridos ao longo da Época

Ao longo da época fomos arquivando em formato de vídeo uma base de dados dos golos que íamos marcando e sofrendo ao longo do campeonato. Este armazenamento tinha como objetivo procurarmos perceber a forma como ao longo do ano Marcamos e Sofremos o golos. Foi previamente acordado com a restante equipa técnica que realizamos esta análise no final de cada 10 jogos, ou seja, realizávamos esta análise apos a conclusão da 10ª, 20ª e 30ª jornada. Esta análise tinha como objectivo caracterizar a forma como marcávamos e sofriamos os golos (dentro dos parâmetros definidos com a restante equipa técnica). Tivemos como critérios de avaliação os seguintes parâmetros:

Golos	CrITÉRIOS de Avaliação	Parâmetro	Caracterização
	Momento do jogo	Organização Ofensivo	A nossa equipa encontra-se com bola e a equipa adversária está organizada defensivamente (assume o seu método de jogo defensivo)
		Transição Ofensiva	Após recuperação da posse de bola com a equipa adversária em processo de reequilíbrio defensivo (encontram-se em fase de se organizar defensivamente)
		Esquemas Tácticos	Golo consumado após Canto, Livre Direto, Livre Indireto, Lançamento de Linha Lateral ou Penalti.
	Tempo de Jogo	0 – 15 Minutos	Período do jogo em que o golo foi Marcado
		16 – 30 Minutos	
		31 – 45 Minutos	
		46 – 60 Minutos	
		61 – 75 Minutos	
		76 – 90 Minutos	
	Ação que Antecede a Finalização	Ação Individual	ação de um jogador que através de um encadeamento ações técnico-táticas individuais cria uma situação de finalização (drible, condução, Etc)
		Cruzamento	Ação técnica que antecede o momento de finalização
		Passe	
		2ª Bola	Ação que é proveniente de uma ação anterior que depois resulta em golo (ressalto, cruzamento, remate, intercepção, defesa incompleta do GR e esquema táctico)
		Esquemas Tácticos	Ação Direta de um esquema táctico
	Ação de Finalização	Remate com o pé	Ação técnica com a utilização do pé que produz golo
		Cabeceamento	Ação técnica com a utilização da cabeça que produz golo
		Outras Partes	Ação técnica com a utilização de outra parte do corpo que produz golo
		Auto-golo	Ação técnica do adversário que faz a bola entrar na sua própria baliza
	Zona da	Dentro da Grande Área	Ação de finalização que ocorre dentro

SOFRIDOS	Finalização	Fora da Área	dos limites da grande e pequena área
			Ação de finalização que ocorre fora da área
		Corredor Esquerdo	A Criação de situação de finalização decorreu no corredor Esquerdo
		Corredor Central	A Criação de situação de finalização decorreu no corredor Central
	Corredor de jogo onde ocorreu Fase II do ataque	Corredor Direito	A Criação de situação de finalização decorreu no corredor Direito
	Momento do jogo	Organização Defensiva	A nossa equipa encontra-se sem bola e assume o método de jogo defensivo
		Transição Defensiva	Após perda da posse de bola com a nossa a reequilibrar na tentativa de assumir o método de jogo defensivo
		Esquemas Táticos	Golo consumado após Canto, Livre Direto, Livre Indireto, Lançamento de Linha Lateral ou Penalti.
	Tempo de Jogo	0 – 15 Minutos	Período do jogo em que o golo foi Marcado
		16 – 30 Minutos	
		31 – 45 Minutos	
		46 – 60 Minutos	
		61 – 75 Minutos	
		76 – 90 Minutos	
	Ação que Antecede a Finalização	Ação Individual	Ação de um jogador que através de um encadeamento ações técnico-táticas individuais cria uma situação de finalização (drible, condução, Etc)
		Cruzamento	Ação técnica que antecede o momento de finalização
		Passe	
		2ª Bola	Ação que é proveniente de uma ação anterior que depois resulta em golo (ressalto, remate, interceção, defesa incompleta do GR)
		Esquema Tático	Finalização direta ou indireta após Esquema Tático
	Ação de Finalização	Remate com o pé	Ação técnica com a utilização do pé que produz golo
		Cabeceamento	Ação técnica com a utilização da cabeça que produz golo
		Outras Partes	Ação técnica com a utilização de outra parte do corpo que produz golo
		Auto-golo	Ação técnica de um jogador nosso que faz a bola entrar na sua própria baliza
	Zona da Finalização	Dentro da Grande Área	Ação de finalização que ocorre dentro dos limites da grande e pequena área
		Fora da Área	Ação de finalização que ocorre fora da área
	Corredor de jogo onde ocorreu Fase II da Defesa	Corredor Esquerdo	A Criação da situação de finalização do adversário decorreu no corredor Esquerdo
		Corredor Central	A Criação da situação de finalização do adversário decorreu no corredor Central
		Corredor Direito	A Criação da situação de finalização do adversário decorreu no corredor Direito

Quadro. 9 – Critérios de avaliação para análise dos golos sofridos e marcados ao longo da época.

6.1 Metodologia

Para Realizar esta análise procedemos à recolha dos 54 golos marcados e 20 golos sofridos no campeonato Zon sagres da época 2103/2014 da equipa do Sporting Clube de Portugal.

Utilizamos para efeito a o software de análise de jogo “Sportscore” a fim de codificar e classificar os parâmetros de análise referidos no quadro acima (Quadro 9 – Critérios de Avaliação para análise dos golos marcados e sofridos ao longo da época 2013/2014 da equipa do Sporting Clube de Futebol).

6.2 Resultados

Após a conclusão da época chegamos aos seguintes resultados:

6.2.1 Golos Marcados

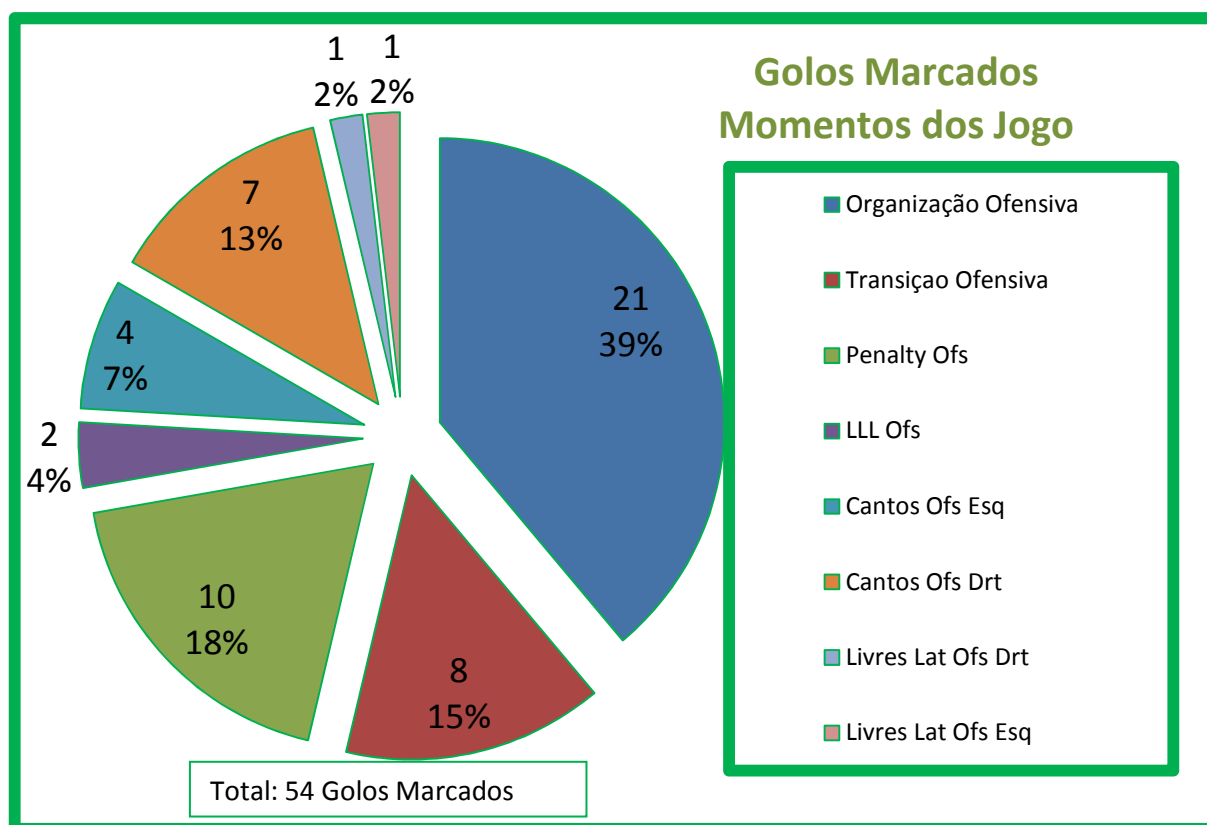


Gráfico 1 - Momentos do jogo que resultaram nos golos marcados.

Relativamente aos momentos através dos quais finalizamos com sucesso podemos verificar que foi através dos Esquemas Táticos que marcamos a maior percentagem de golos, 25 dos 54 o que corresponde a 46% dos golos marcados. Destes 25 golos, 11 foram de canto (7 do lado Direito e 4 do lado Esquerdo), 10 de penalti (apenas 1 falhado em toda a época), 2 de Lançamento de linha lateral e 2 de livre lateral. O 2º momento do jogo mais eficaz foi a Organização ofensiva com 21 dos 54 golos marcados,

correspondente a 39% dos mesmos. Naturalmente sendo uma equipa que assume o jogo e que passa grande parte do jogo em organização ofensiva, seria espectável este cenário, contudo através dele podemos tirar ilações positivas dessa mesma ideia de jogo que na prática vimos ser refletidas. Por último concretizamos 8 golos em Transição Ofensiva correspondente a 15% de todos os golos marcados. Seria interessante do ponto de vista evolutivo, analisar se existe algum padrão nestas transições ofensivas que resultaram em golo de forma a poder potencializa-las.

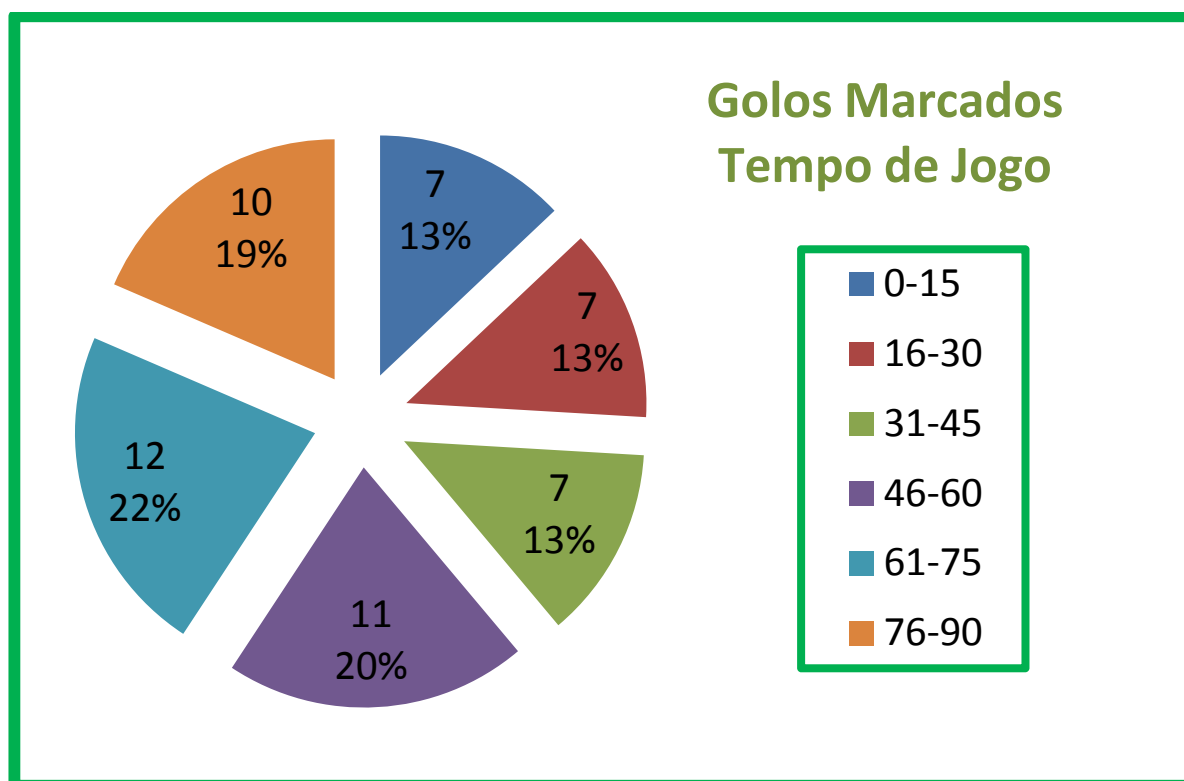


Gráfico 2 – Períodos de jogo dos golos marcados.

Ao analisarmos estes dados podemos desde logo verificar que as nossas 2ª partes foram de maior produtividade, marcamos 33 dos 54 golos nesse período (61%). Sendo o período entre o 61'-75' o mais eficaz com 12 golos(22%), seguindo-se o período entre o minuto 46 e 60 com 11golos (22%). O 3º período mais produtivo foi entre os 76' – 90' com 10 golos marcados (19%). Os períodos menos produtivos foram igualmente os 0'-15', 16'-30' e 31'-45' com 7 golos marcados em cada um deles (13%). Há vários aspetos que poderão explicar esta maior eficácia, gostaria contudo de reforçar um que tem haver com a nossa metodologia de trabalho ao nível da passagem de informação ao treinador e jogadores ao intervalo, onde são mostrados alguns vídeos retirados em direto no decorrer da 1ª parte que no nosso intender vão elucidar melhor os comportamentos ou ideia de jogo que pretendemos retificar ou potenciar na 2ª parte do jogo. Essas mesmas imagens ajudam também o Treinador em operacionalizar eventuais alterações

estratégicas. Muitas vezes tínhamos preparado um plano A e um plano B que através desta análise nos permitia auxiliar melhor o Treinador na tomada de decisão.

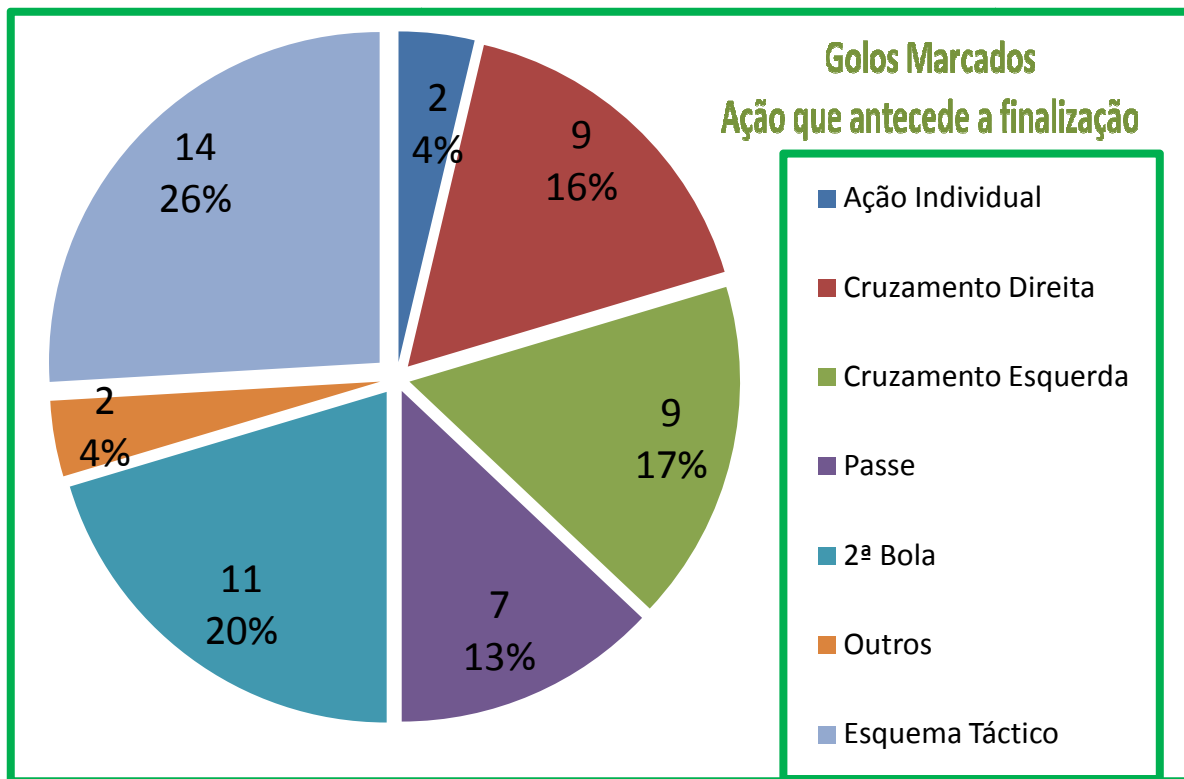


Gráfico 3 – Ação que antecede a finalização dos golos marcados.

Ao nível das ações que antecedem a finalização podemos analisar que são os cruzamentos as ações que melhor auxiliaram a finalização com 18 golos a resultarem de cruzamentos (32%). A 2ª ação mais determinante para marcamos golo foram os Esquemas Táticos que resultaram diretamente em 14 golos (26%). A 3ª ação mais eficaz que antecedeu o golo foram ações que resultaram da 2ª bola com 11 golos (20%). 4ª ação mais eficaz foi o passe com 7 golos (13%). Por 2 golos (4%) resultaram de Outras ações e 2 golos (4%) foram provenientes de ações individuais.

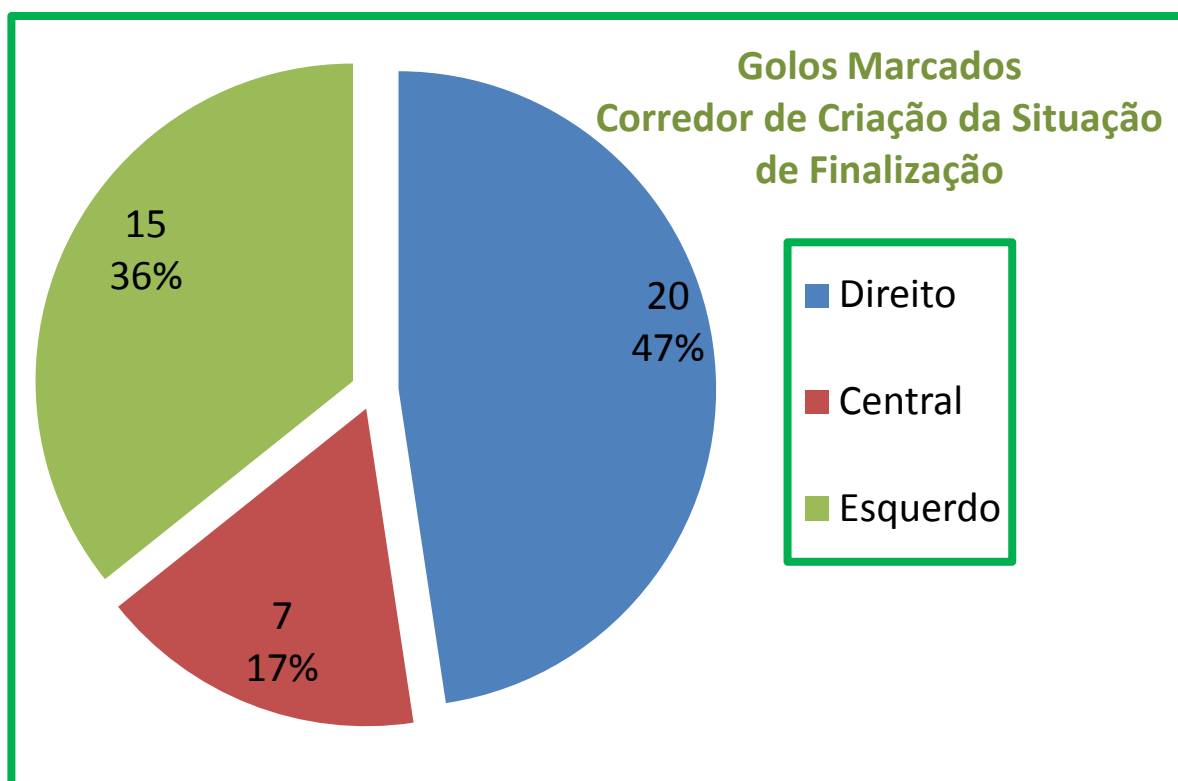


Gráfico 4 – Corredor onde se deu a criação da situação de finalização dos marcamos golos.

Esta informação poderá servir como ponto de partida para o início da próxima época, informação essa que será apresentada á nova equipa técnica de forma a poder inteira-los melhor de algumas características da nossa equipa.

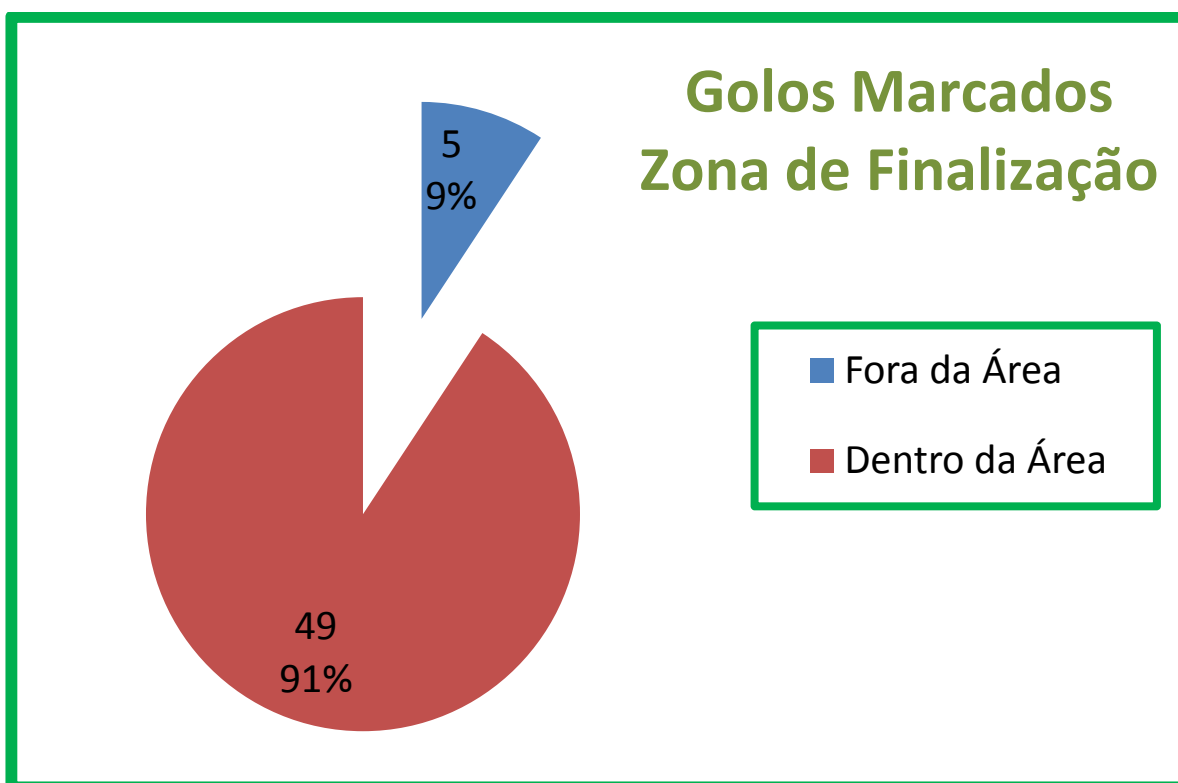


Gráfico 5 – Zona de Finalização onde ocorreu o golo.

No que respeita a zona onde ocorreu a finalização em 91% dos golos marcados (49) ocorreram dentro da pequena área e apenas 9% dos golos foram finalizados fora da grande área. Mais uma vez os princípios subjacentes do nosso modelo de jogo vem-se refletidos nestes dados, tendo em conta que tanto a fase II do ataque que tem como base cruzamentos através dos corredores laterais para serem finalizados dentro da área (Fase I do Ataque) potencia este tipo de ocorrências.

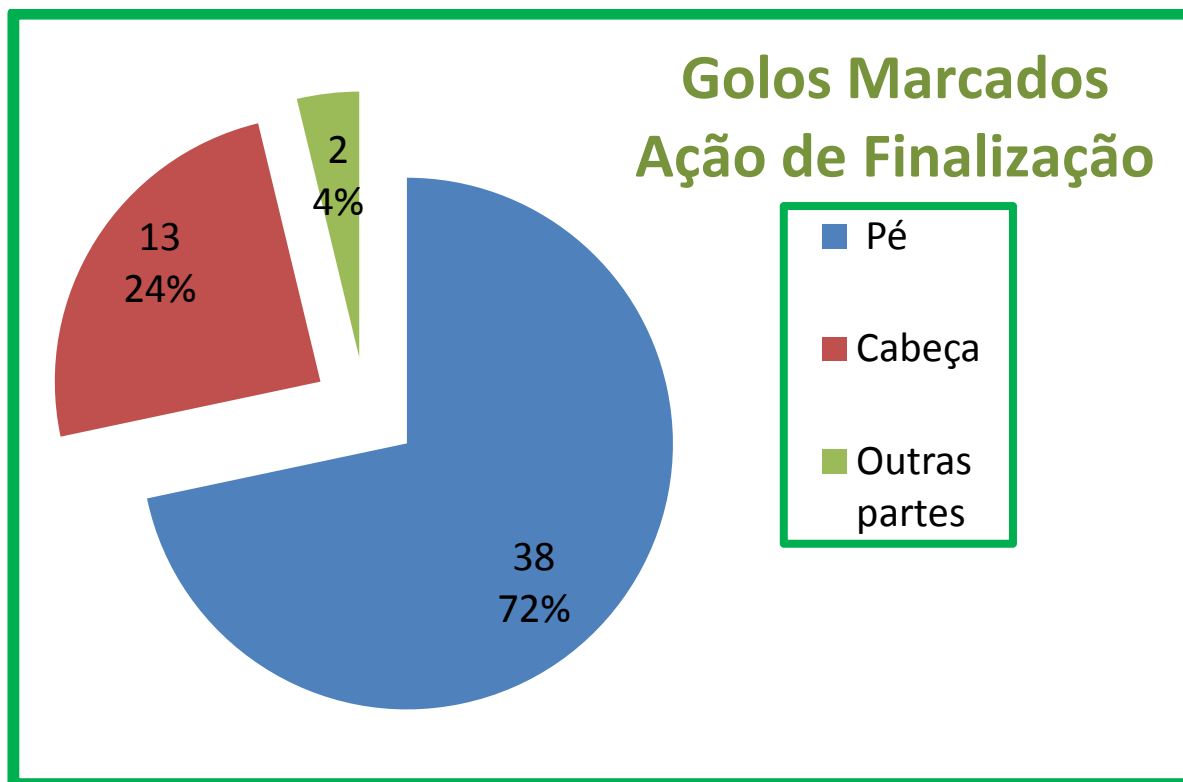


Gráfico 6 – Ação da Finalização que resultou em golo.

Relativamente à Ação da qual resultou o golo foi o remate com o pé foi a que teve maior resultado com 38 golos (72%) marcados através desta ação. Em seguida foi a ação de cabeceamento que nos proporcionou 13 golos (24%) e 2 golos (4%) foram marcados com outras partes do corpo.

De forma resumida podemos referir que a maioria dos nossos golos marcados foram através de Esquemas Táticos (25 dos golos o que corresponde a 46%), marcados no período entre os 61 e 75 minutos Táticos (12 dos golos o que corresponde a 22%), através de ações de cruzamento (18 dos golos o que corresponde a 32%), provenientes do corredor direito (20 dos golos o que corresponde a 47%), finalizados dentro da área (49 dos golos o que corresponde a 91%) com o pé (38 dos golos o que corresponde a 72%).

6.2.2 Golos Sofridos

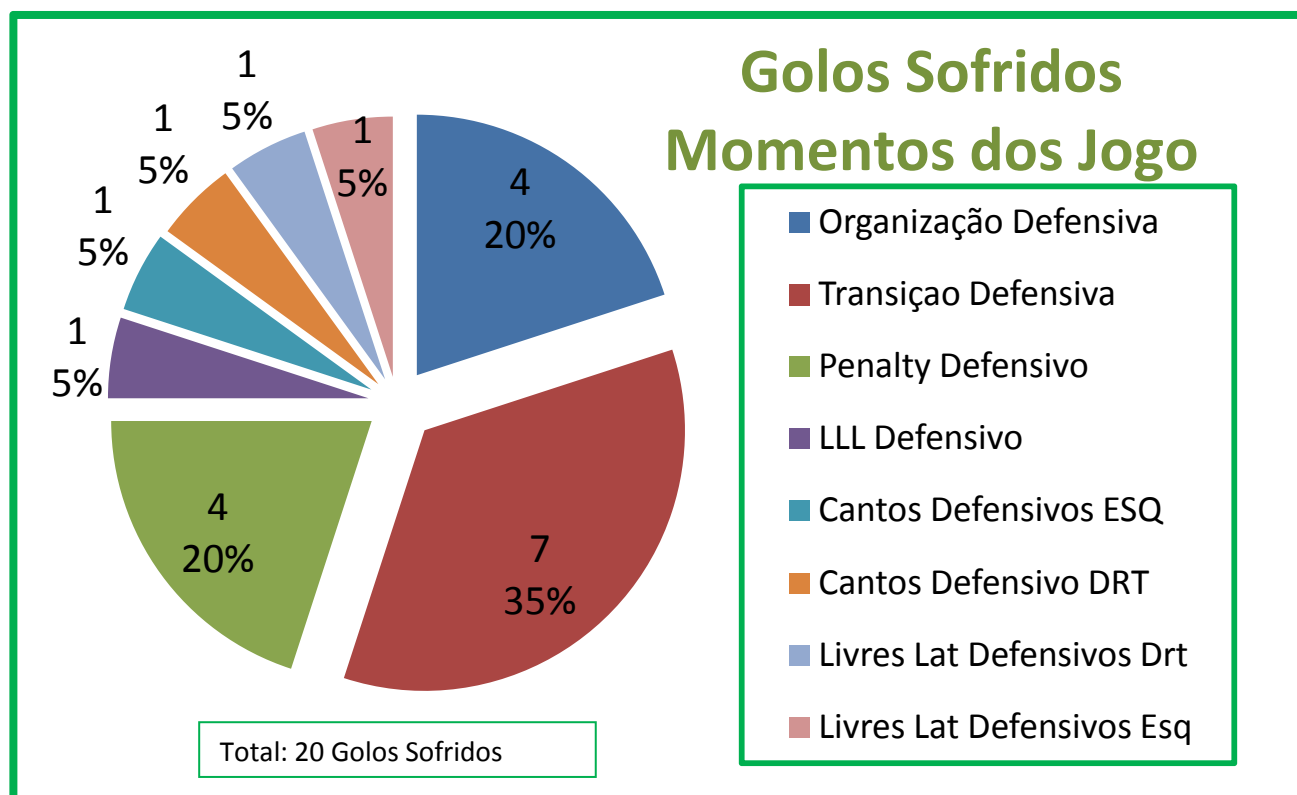


Gráfico 7 - Momentos do jogo que resultaram em golos sofridos.

Como podemos constatar foi através dos Esquemas Táticos que mais golos sofremos, 9 golos sofridos (45%), este resultado não será surpresa tendo em conta a importância que estes assumem no futebol moderno. Destes Esquemas táticos realçamos que sofremos 4 golos de penalty (corresponde a 20%), 2 golos sofridos de canto (10%), 2 golos sofridos através de livres (10%) e 1 golo sofrido decorrente de um Lançamento de linha lateral (5%). Se retiramos os 4 golos sofridos através da situação de grande penalidade (provavelmente a situação mais iminente de qual e para a qual apenas podemos contar com a participação direta de um elemento defensivo) podemos verificar que apenas sofremos 5 golos nos restantes Esquemas táticos, que são lances que representam entre 25% a 40% dos golos marcados no futebol (Ensum, Taylor & Williams, 2000; Grant, 2000), podemos refletir sobre a qualidade com defendemos este tipo momento. Os restantes golos foram sofridos através da transição defensiva, 7 correspondendo a 35% do total dos golos sofridos. Sendo a transição defensiva um momento muito curto, difícil de identificar e com algum grau de subjetividade face ao seu término, gostaria de relacionar este momento com os métodos de jogo ofensivos, ataque rápido e contra-ataque, que no domínio prático de muitos treinadores se denomina como transição. Daí consideramos como fator positivo termos apenas sofrido 7 golos através da nossa transição defensiva em 30 jogos. De qualquer forma gostaríamos também de reforçar que a nossa reação à perda da bola (início da transição defensiva) assim como os cuidados que tínhamos no equilíbrio ofensivo (posicionamentos ainda

com bola) eram um dos fatores que caracterizavam o nosso modelo de jogo e ao qual dávamos bastante importância tanto nos feedbacks aos jogadores, como nos exercícios de treino, como também quando analisávamos nossa própria equipa.

Por último o momento onde menos golos sofremos foi o da Organização Defensiva com apenas 4 golos, correspondendo a 20% dos nossos golos sofridos.

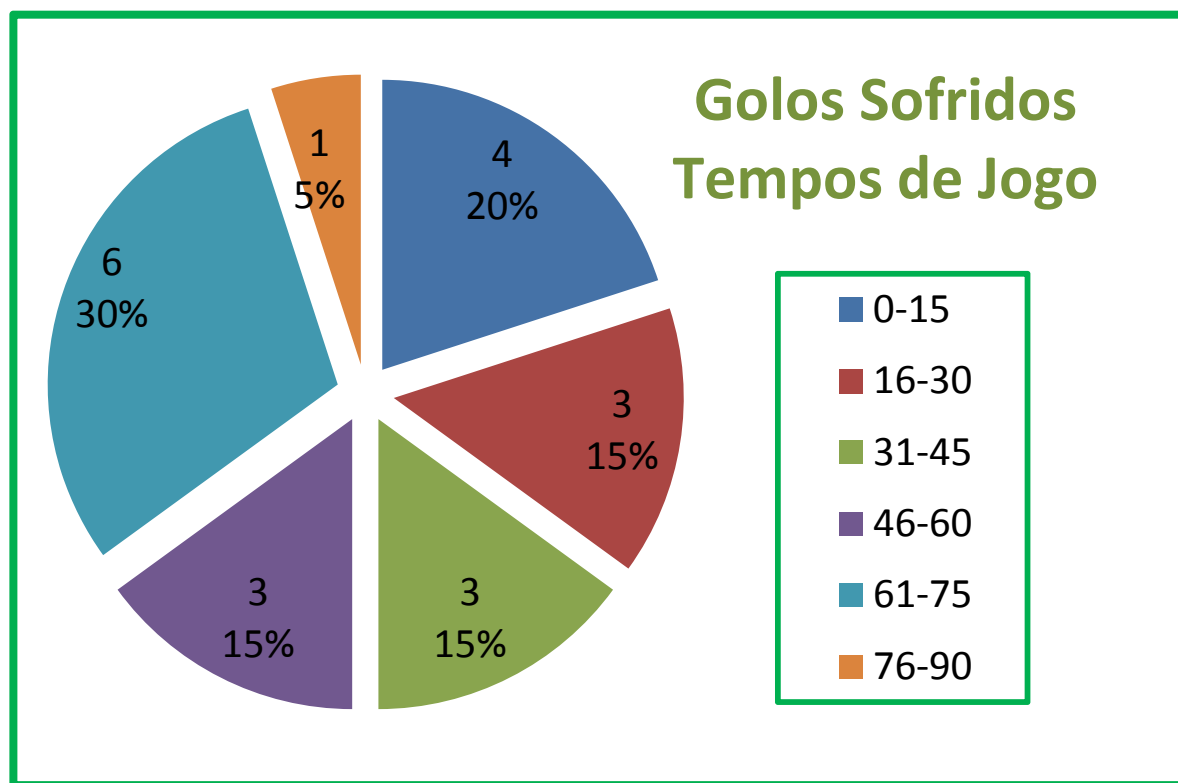


Gráfico 8 – Períodos do jogo dos golos sofridos.

Ao analisarmos os períodos do jogo onde sofremos maior número de golos podemos verificar que foi entre o minuto 61 e 75 com 6 golos sofridos (corresponde a 30% dos golos sofridos). Procuramos perceber a razão pelo qual este foi o período mais crítico sem ter chegado a uma conclusão final. O segundo período onde mais golos sofremos foi entre o minuto 0 e 15 (20%) com 4 golos sofridos. Os restantes golos dividiram-se nos seguintes períodos: 16-30 (3 golos sofridos 15%); 31-45 (3 golos sofridos – 15%) e 46-60 (3 golos sofridos – 15%). De destacar que o período onde menos golos sofremos foi o último período do jogo 76-90 com apenas 1 golo (5%), o que pode levar a reforçar a nossa condição física, assim como os níveis de concentração que tendem a diminuir ao longo do jogo.

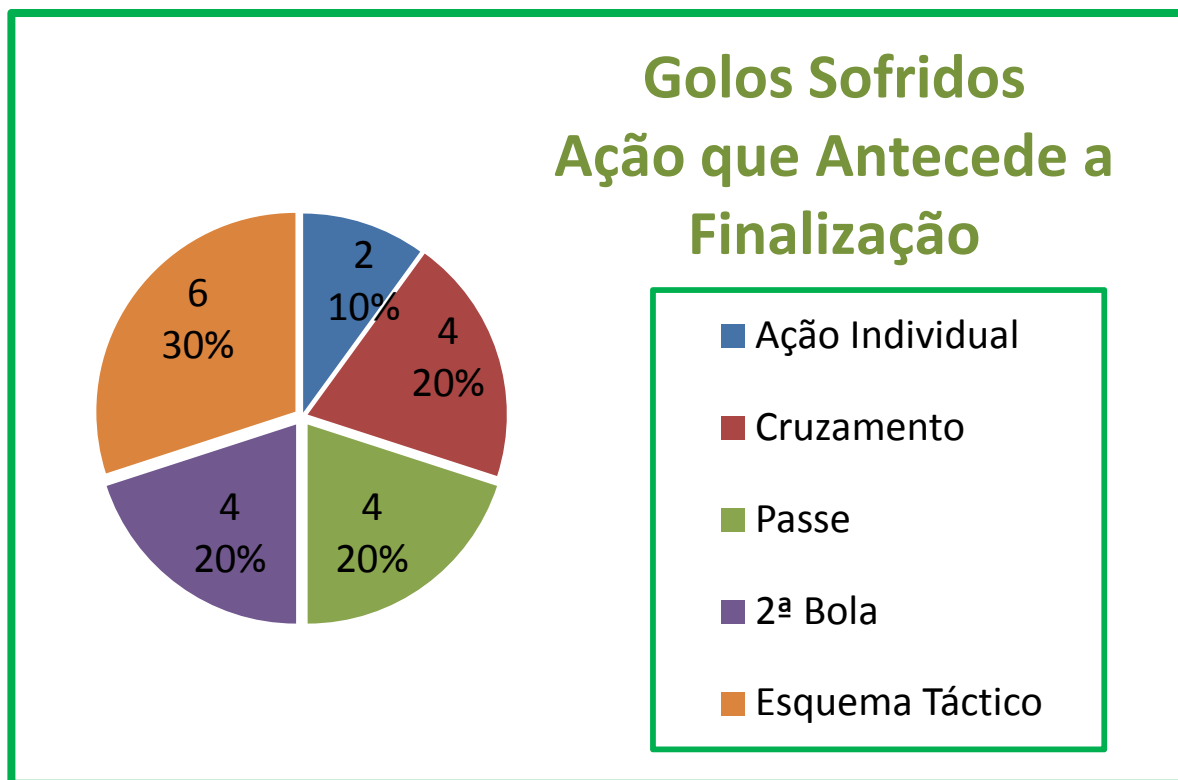


Gráfico 9 – Ação que antecede a finalização dos golos sofridos.

Relativamente às ações que antecederam o momento de finalização podemos verificar que ação mais penalizadora para a nossa equipa foram os Esquemas Táticos de forma direta (6 golos – 30%) o que face vai ao encontro das tendências evolutivas do jogo que referem que estes lances representam entre 25% a 40% dos golos marcados no futebol (Ensum, Taylor & Williams, 2000; Grant, 2000). As restantes ações que antecederam um golo sofrido foram: Cruzamento (4 golos sofridos – 20%); Passe (4 golos sofridos – 20%); 2ª Bola (4 golos sofridos – 20%) e Ação Individual (2 golos sofridos – 10%).

Penso que através desta análise podemos fazer algumas reflexões no sentido de através do treino otimizar estas debilidades. Contudo o nosso objetivo será sempre perceber como sofremos estes golos e caso haja uma grande discrepância numa determinada ação procurar formas de a neutralizar. Como é possível observar não existe uma acentuada predominância a em relação a uma ação específica.

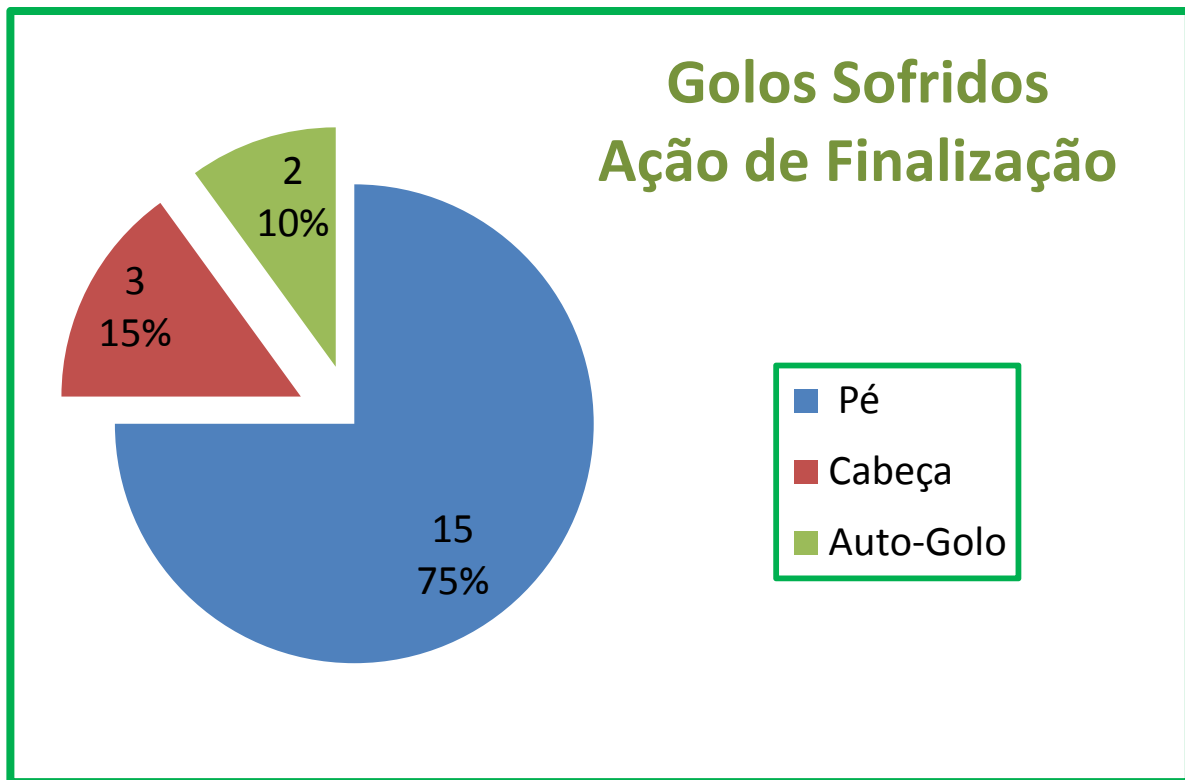


Gráfico 10 – Ação que antecedeu a finalização dos golos sofridos.

Ao analisarmos estes dados tínhamos como objetivo despistar a forma como sofríamos os golos em particular. Como seria espectável ação com maior número de golos foi ação de remate com o pé (15 golos o que corresponde a 75% dos golos sofridos), de seguida os golos através de remates com a cabeça (3 – 15%) e por fim ação involuntária de autogolo (2 golos – 10%). O que podemos daqui perceber é que fomos mais eficazes em anular o jogo aéreo do que pelo chão, contudo tendo em conta que este tipo de ação está claramente dependente da iniciativa do adversário e do seu tipo de jogo, estes dados tornam-se apenas informativos e de pouco interesse.

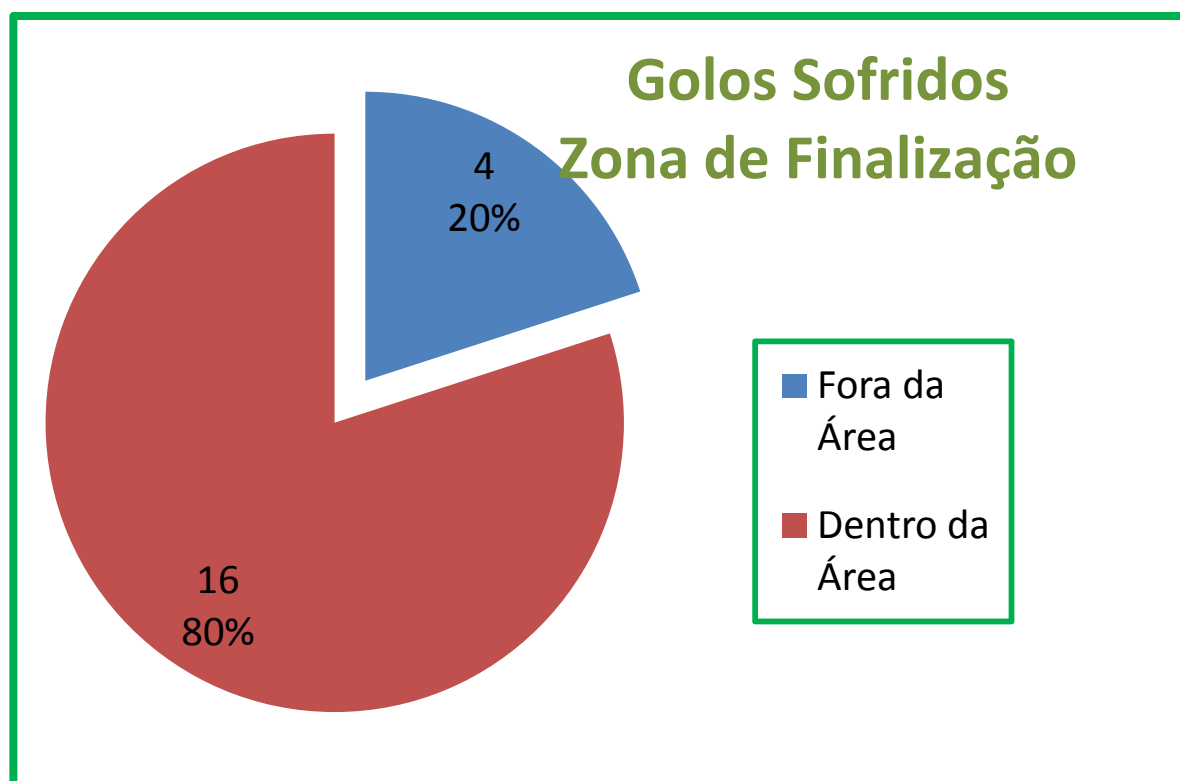


Gráfico 11 – Zona de finalização onde ocorreram os golos sofridos.

Relativamente às zonas de finalização dos golos sofridos a grande maioria, 80% (16 golos) foram dentro da pequena área e apenas 20% (4 golos) foram fora da área.

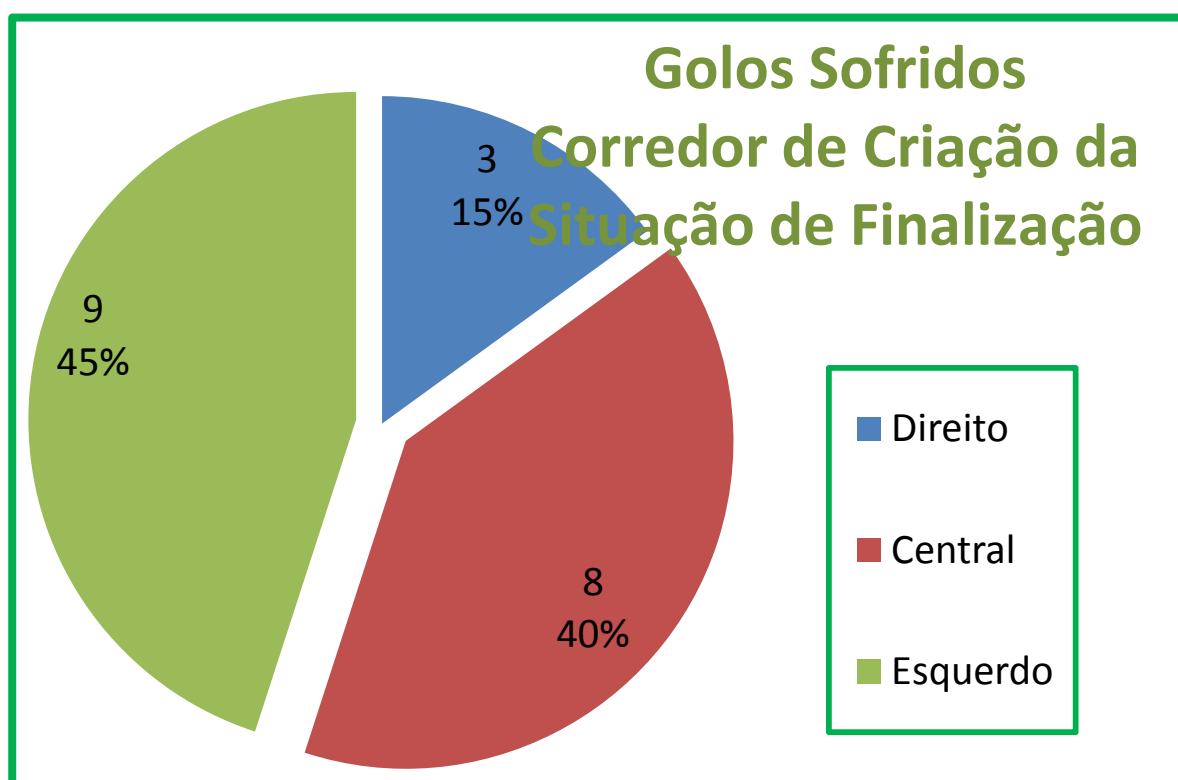


Gráfico 12 – Zona de finalização onde ocorreram os golos sofridos.

Através análise deste gráfico podemos verificar que 45% dos golos sofridos (9 golos) tiveram como corredor de criação da situação de finalização o corredor esquerdo, depois o corredor central com 40% dos golos sofridos (8) e apenas 15% (3 golos) provenientes do corredor direito. Relativamente a estes dados existem várias interpretações/reflexões/Interrogações que podemos fazer:

Articulação defensiva no corredor esquerdo não funcionou tão bem como pretendíamos (lateral mais ofensivo? Extremo com pouca participação ativa no processo defensivo? Falta de equilíbrio do médio centro?)?

Trata-se da forma de jogar do adversário que promove um maior volume de jogo por esse corredor?

As principais referências ofensivas da equipa adversária estavam nesse corredor?

A equipa adversária forçou esse corredor de forma estratégica, face análise da nossa equipa?

Há uma tendência do nosso campeonato por atacar por este corredor?

Através destas interrogações seria importante procurar dar respostas às mesmas através de uma análise profunda e individual de cada ocorrência de forma a termos certezas no lugar das interrogações. Este tipo de análise é na nossa opinião importante fazer a cada 5 jogos de forma a controlar e assegurar um melhor rendimento da nossa equipa.

Em suma podemos referir que a maioria dos golos sofridos foram através de Esquemas Táticos (9 dos golos o que corresponde a 45%), marcados no período entre os 61 e 75 minutos Táticos (6 dos golos o que corresponde a 30%), através da ação direta da marcação de um esquema tático (6 dos golos o que corresponde a 30%), provenientes do corredor esquerdo (9 dos golos o que corresponde a 45%), finalizados dentro da área (16 dos golos o que corresponde a 80%) com o pé (15 dos golos o que corresponde a 75%).

Relativamente às outras equipas do campeonato fomos:

3ª Equipa com mais golos Marcados – 54 Golos (Casa:28 / Fora: 26 / 1 golo a cada 50 minutos / 1.8 golos por jogo)	Equipa com mais golos Marcados: Benfica – 58 Golos (Casa: 30 / Fora:28 / 1golo a cada 47 minutos / 1.93 golos por jogo)
2ª Equipa com menos golos Sofridos – 20 Golos (Casa: 7 / Fora: 13 / 0.67 Golos por jogo)	Equipa com menos golos Sofridos: Benfica – 18 Golos (Casa: 6 / Fora:12 / 0.6 Golos por jogo)
2ª Equipa com mais Vitórias no Campeonato – 20 Vitórias (Casa:10 / Fora:10)	Equipa com mais Vitórias no Campeonato – Benfica – 23 Vitórias (Casa:12 / Fora:11)
2ª Equipa com vitórias por mais de 3 ou mais golos – 5 Vitórias	Equipa com vitórias por mais de 3 ou mais golos: Porto – 6 Vitórias

8ª Equipa com mais Empates – 7 Empates (Casa:4 / Fora:3)	Equipa com mais Empates: Nacional – 12 Empates (Casa:6 / Fora:6) Equipa com menos Empates: Porto – 4 Empates (Casa:1 / Fora:3)
2ª Equipa com menos Derrotas – 3 Derrotas (Casa:1 / Fora:2)	Equipa com menos Derrotas: Benfica – 2 Derrotas (Casa:0 / Fora:2) Equipa com mais Derrotas: Paços de Ferreira – 18 Derrotas (Casa:9 / Fora:9)
2ª Equipa com mais Vitórias Consecutivas – 6 jogos consecutivos a ganhar	Equipa com mais Vitórias Consecutivas: Benfica com 11 jogos consecutivos a ganhar

Quadro. 10 – Algumas curiosidades do campeonato referente ao desempenho das equipas (in www.zerozero.pt)

Relativamente ao quadro anterior gostaríamos de realçar que não grandes diferenças entre a equipa jogar em casa ou fora no que respeita o resultado do jogo (vitória, empate e derrota) e número de golos marcados. Quanto aos golos sofridos podemos constatar que também não houve muitas diferenças para os golos sofridos fora ou em casa. Este aspeto pode estar relacionado com a consistência que identificamos da nossa equipa ao longo da época, sem oscilação de resultados fora ou em casa. O facto de a nossa massa associativa estar em maioria na grande parte dos estádios onde jogamos também pode ser um fator relevante para esta consistência (curiosamente perdemos os dois jogos fora contra o 1º e 3º Classificados).

7. Conclusões

Fazendo uma análise geral e reflexão ao trabalho elaborado, posso realizar as seguintes constatações finais:

Realçar que todos os momentos de partilha que tivemos com os vários intervenientes neste processo do futebol de alto rendimento, não só serviram para aprendermos mas sobretudo para refletirmos sobre as várias temáticas que envolvem o futebol profissional.

Mais especificamente na área de observação e análise de jogo referir que trata-se de uma área de grande importância e com uma enorme margem de evolução face ao seu exponencial.

Ao longo da época muitos foram os problemas que nos surgiram e aos quais tivemos de dar resposta. A nossa capacidade para os compreender e resolver permitiu-nos adquirir novas aprendizagens, mas mais importante ainda a capacidade de perante um problema definir estratégias para as ultrapassar.

Outro dos desafios que nos foram colocando ao longo da época prende-se com a capacidade integrar novos conhecimentos e desenvolver novas soluções na área de observação e análise de jogo, sobretudo ao nível da nossa metodologia de trabalho.

Tendo como ponto de partida que todo o trabalho desenvolvido é para ser depois partilhado com a restante equipa técnica e jogadores a capacidade de comunicar as nossas análises, pontos de vista, conclusões permitiu-nos não só aumentar a capacidade de comunicação como a de utilizar e desenvolver diferentes metodologias.

Ao nível das competências adquiridas, realçar que através de todo o trabalho desenvolvido somos hoje, não só melhores profissionais na área de observação e análise (com um conjunto de aptidões mais refinadas), mas também nas várias áreas que constituem a função de um treinador (comunicação, gestão de recursos, planeamento, operacionalização, tomada de decisão, entre outras).

O resultado do desempenho que o observador tem no seio de uma equipa ajuda em muito a preparação de forma mais eficaz da equipa e jogadores para a competição. Contudo esta será tanto mais eficaz quanto maior for a relação treino-competição e competição-treino.

Constatar que através da análise da equipa e da análise da equipa adversária podemos reforçar e desenvolver de forma mais eficaz o nosso plano de tático-estratégico para um determinado jogo. O confronto das forças tendo por base uma análise rigorosa e bem sistematizada não só diminui o fator surpresa como contribui para uma maior segurança nas tomadas de decisão.

Ao nível dos resultados competitivos: conquistamos o 2º lugar no campeonato (melhor registo das últimas 7 épocas e qualificação direta para a fase de grupos da Champions league); chegamos à 4ª Eliminatória (perdemos no prolongamento com o Benfica, que viria a conquistar o Troféu) e na Taça da Liga ficamos em 2º lugar na fase de grupos com os mesmos pontos do 1º FC Porto.

Ao nível da observação do Adversário aquela que mais informação e melhor resultados nos forneceu foi a observação mista. A possibilidade de observar em direto e depois poder rever esse mesmo jogo através do vídeo faz consolidar ideias, permite retirar dúvida e desenvolver uma ideia de jogo da equipa adversária bem sustentada.

Um dos aspeto fulcrais na observação é a definição dos critérios de análise, de forma a permitir o observador olhar para o jogo com critério e assertividade. Este instrumento vai sendo construído à medida que o observador torna-se mais clínico na sua observação. Deve também reajustar esses critérios em função do seu treinador.

Verificamos que a utilização da imagem de vídeo para corrigir e potenciar comportamentos da nossa equipa torna-se uma ferramenta poderosa. Não só auxilia o jogador a compreender o que pretendemos como facilita muito também a passagem de informação por parte do treinador.

Na competição o recurso às imagens em tempo real é uma ferramenta fulcral para uma análise eficaz e bem sucedida. A possibilidade de recorrermos ao vídeo para melhor sustentarmos aquilo que acabamos de ver, possibilita verificarmos todos os pormenores de forma melhor sustentarem a nossa observação e análise.

O estudo elaborado pelo departamento onde procurarmos identificar e caracterizar os golos marcados e sofridos, do nosso ponto de vista é também uma ferramenta muito útil ao treinador. Através dessa análise identificamos não só os principais momentos que sofremos e marcamos golos (em ambas as situações através de Esquemas Táticos), como Período do Jogo, Corredor da criação de situação de finalização, Ação que antecede a finalização, Ação de finalização e Zona de Finalização. Podem ajudar o Treinador na perceção da forma como equipa marca e sofre golos, de forma a desenvolver estratégias que depois serão operacionalizadas no treino. Enquanto observador estes dados podem ser úteis não só para servirem de critérios de análise na Análise da própria equipa (Identificar comportamentos após estabelecer estratégias de melhoria ou de reforço) assim como a identificação dessas características nas equipa adversárias a fim de preparar melhor o futuro confronto.

Com o volume alucinante de jogos nas várias competições foram muitas as semanas e meses onde não houve espaço para a tão merecida folga, contudo tudo fizemos para contribuir para que através do nosso trabalho a nossa equipa tivesse todos os elementos necessários para a sua evolução e conhecimento aprofundado das equipas adversárias. A observação e análise de jogo ocupa hoje um lugar de destaque no fenómeno do futebol, o poder da imagem assim como a sua interpretação e reflexão são uma arma muito poderosa que contribui de forma inequívoca para o rendimento de uma equipa profissional. □

8. Dificuldades

O objetivo deste capítulo é transmitir algumas das dificuldades sentidas em algumas das tarefas de um observador:

Número de horas despendidas em deslocações para observar os jogos em direto, como a grande maioria dos jogos são observados no norte do país só em deslocações despendemos em média 7 horas, a juntar-se o facto da maioria dos jogos serem à noite.

Nem todos os clubes autorizam a filmagem técnica dos jogos observados, o que em algumas situações compromete a análise mista.

A compatibilidade do software utilizado sobretudo quando os treinadores utilizam sistemas operativos diferentes. Este pormenor dificulta por vezes a qualidade estética do trabalho (muito importante nesta área).

Dificuldade em o observador desvincular-se do rótulo de informático. Sobretudo por ser ainda uma função recente e desconhecida por alguns agentes desportivos.

9. Recomendações

Este ponto tem como objetivo algumas recomendações para futuros observadores ou estudos:

O observador deverá ter competências e experiencia enquanto treinador para que a sua perceção do fenómeno do futebol seja especializada.

A função de observador de uma equipa de Alto Rendimento requer prática, sobretudo ao nível do treinar o olho, pelo que toda a experiencia que se possa adquirir até esse patamar será importante.

Ser observador de uma equipa de alto rendimento requer muito trabalho e capacidade de adaptação face aos diversos contextos e formas de trabalhar. A metodologia de uma equipa técnica no que diz respeito à área de observação e análise de uma equipa pode ser muito díspar. As exigências de uma equipa técnica podem ser muito diferentes de outra e cabe ao observador adaptar-se. Claro está que se o observador acompanhar sempre a mesma equipa técnica pode atenuar essa adaptação.

É muito importante para o trabalho desenvolvido por um observador o domínio do modelo de jogo da sua equipa, de forma a poder analisá-lo de forma coerente e que vá ao encontro das ideias e necessidades do seu treinador. Assim a presença nos treinos sobretudo no período preparatório ajuda em muito essa aquisição.

Dado a necessidade da observação da equipa adversária estar sempre avançada em pelo menos numa semana é fundamental que o observador faça uma revisão de toda a informação transmitida à sua equipa técnica antes do jogo da sua equipa. Este pequeno pormenor é muito importante para não existirem trocas de informação face ao adversário no momento da competição.

Seria interessante realizar um estudo de forma a poder correlacionar estes momentos de transição com o método de jogo ofensivo predominante das equipas da 1ª liga contra as Equipas Grandes (Sporting, Benfica e Porto). Pois na nossa opinião, fundamentada nas várias análises

que elaboramos ao longo desta época do adversário, a grande maioria das equipas tem como método de jogo predominante Ataque rápido ou Contra-Ataque o que naturalmente aumenta substancialmente o número de vezes que a nossa equipa teve de anular este tipo de situação.

Por último deixar-vos uma proposta de um microciclo tipo de um Observador de alta competição, tendo em conta a nossa ideologia:

DIA	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
M A N H Ã	ANÁLISE DO JOGO DO PRÓXIMO ADV (Último Jogo)	- RECOLHA DE INF. - TREINO - PREPARAR REUNIÃO TÉCNICA (1) - REUNIÃO TÉCNICA (1)	- RECOLHA DE INF. - MEETING (1) - TREINO - REUNIÃO TÉCNICA (2)	- RECOLHA DE INF. - MEETING (2) - TREINO - ANÁLISE INDIRETA ADV	- RECOLHA DE INF. - MEETING (3) - TREINO - RELATÓRIO ADV	- RECOLHA DE INF. - MEETING (4) - TREINO - REUNIÃO TÉCNICA (3)	- ESTÁGIO - RECOLHA DE INF. - REUNIÃO TÉCNICA (4)
T A R D E	- ANÁLISE/RELATÓRIO DO JOGO (Complementar informação referente ao último Jogo)	- ELABORAR MEETING (1E2) - ANÁLISE INDIVIDUAL DA PRÓPRIA EQUIPA	- ANÁLISE INDIRETA ADV - TREINO	- ANÁLISE INDIRETA ADV - ELABORAR MEETING (3E4)	- RELATÓRIO ADV	- ELABORAR MEETING (5) - IND. ADV + GR	-MEETING (5) - ENTREGA DOC. ADV SEGUINTE
NOI TE	- ANÁLISE/RELATÓRIO DO JOGO	- PLANEAR OBSERVAÇÕES - PREPARAR REUNIÃO TÉCNICA (2)	- ANÁLISE INDIRETA ADV	- RELATÓRIO ADV	OBSERVAÇÃO DIRETA ADV	OBSERVAÇÃO DIRETA ADV	JOGO

Quadro.11 Microciclo Tipo de um Observador de uma Equipa de Alta Competição

Legenda: Reunião Técnica:(1) – Análise de equipa referente ao último jogo; (2) – Análise do próximo Adversário; (3) – Definição/Identificação dos conteúdos abordar no Meeting (5); (4) – Ultimar plano de Jogo; Meeting (1) – Visionamento do último jogo (processo ofensivo); Meeting (2) - Visionamento do último jogo (processo defensivo); Meeting (3) – Visionamento Adversário (processo ofensivo); Meeting (4) – Visionamento Adversário (processo defensivo); Meeting (5) -Prelecção Final.

9. Bibliografia

- Araújo, J. (1994). *Ser Treinador*. Editorial Caminho
- Castelo, J. (1996), *Futebol A Organização do Jogo*, Ed. Autor.
- Castelo, J. e col. (2009), *Futebol – Conceção e Organização de 1100 exercícios específicos de treino*, Ed. Visão e Contextos. Lisboa.
- Castelo, J. (2009), *Futebol A Organização Dinâmica do Jogo*, Ed. UL. Lisboa.
- Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Santos, P., Carvalho, J. & Vieira, J. (2000). *Metodologia do Treino Desportivo*. Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.
- Carvalho, C. (2001). “No treino de futebol de rendimento superior. A recuperação ... muitíssimo mais que “recuperar”. Indústrias gráficas – Braga.
- Costa, J. (2005). *A Formação do Treinador de Futebol. Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação*. Tese de Mestrado não publicada. FMH-UTL. Lisboa.
- Chronique du football Genevois », Jacques Ducret, 2002, éd Slatkine.
- Des Charmilles au Stade de Genève : une aventure épique », Jacques Ducret, Jean-François Develey, 2003, éd. Slatkine
- Ensum, J., Taylor, S. & Williams, M. (2002) A quantitative analysis of attacking set plays. *Insight* 4(5), 68-72.
- Faria, R. (1999), “Periodização Tática – Um imperativo conceito-metodológico do rendimento superior em futebol” – Tese Seminário. FCDEF – Porto.
- Garganta, J. (2004). *Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol*. In Júlio Garganta.
- Grant, A. (2000). Ten key characteristics of successful team performance. *Insight*, 4 (3), 26-27.
- Manso, J, (1996), “Bases teóricas del entrenamiento deportivo. Principios e aplicaciones”. Gymnos Editorial. España.
- Mourinho, J. (2001): “Programação e periodização do treino em futebol”. In palestra realizada na ESEL, disciplina POAEF.
- Neto, J. (1999). “A preparação física e psicológica do árbitro de futebol. Edições Asa.
- Oliveira, R. (2005). “A planificação, programação e periodização do treino em futebol. Um olhar sobre a especificidade do jogo de futebol”. UTAD – Vila Real.

Peseiro, J., Santos, A. e Costa, J. (2000). “Futebol I e II” – Sebenta de apoio ao Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém. Rio Maior.

Santos, A.; Spínola, J. & Almeida, T. (2006). Análise de Jogo. Trabalho de Grupo da disciplina de “Futebol I” do Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém. Rio Maior.

Reilly, T.; Bangsbo, J. & Hughes, M. (1997). Introduction. In T. Reilly, J. Bangsbo & M. Hughes (Eds.), Science and Football III. London: E & F Spon.

Educação Física e Desporto”. Elementos de Apoio FMH-CDI, Lisboa.

Sarmiento, P e al. (1990). “Pedagogia do Desporto II – Instrumentos de Observação Sistemática de Educação Física e Desporto”. Elementos de Apoio FMH-CDI, Lisboa.

Servette Football Club », Jacques Ducret, 1976, éd. L'Age d'Homme <http://www.rsssf.com>

Anexos

Anexo 1 – Calendário de jogos da Liga Zone Sagres, Taça de Portugal e Taça da Liga

LIGA ZON SAGRES					SISTEMA DE COMPETIÇÕES				
1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase
6.ª Fase	7.ª Fase	8.ª Fase	9.ª Fase	10.ª Fase	1.ª Fase	2.ª Fase	3.ª Fase	4.ª Fase	5.ª Fase

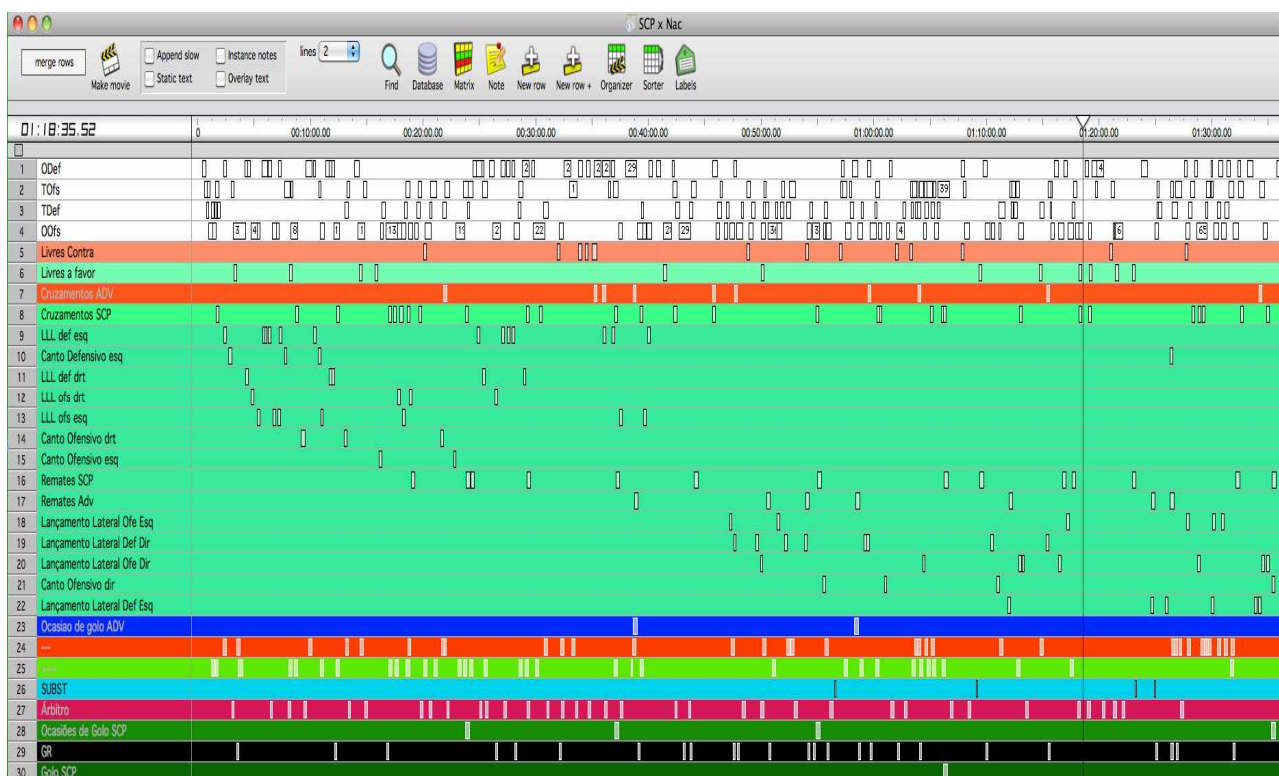


Data	Fase da Competição
1 de Setembro de 2013	1ª Eliminatória
25 Setembro 2013	2ª Eliminatória
20 de Outubro 2013	3ª Eliminatória
9 de Novembro 2013	4ª Eliminatória
5 de Janeiro 2014	5ª Eliminatória
5 de Fevereiro 2014	6ª Eliminatória
26 de Março 2014	7ª Eliminatória – 1º Jogo
16 de Abril 2014	7ª Eliminatória – 2º Jogo
18 de Maio 2014	Final da Taça de Portugal



Data	Fase da Competição
26 de Julho de 2013	1ª Fase
31 de Julho 2013	1ª Fase
4 de Agosto 2013	1ª Fase
25 e 26 de Setembro 2013	2ª Fase
30 e 31 de Outubro 2013	2ª Fase
29 e 30 de Dezembro 2013	3ª Fase
15 e 16 de Janeiro 2014	3ª Fase
25 e 26 de Janeiro 2014	3ª Fase
12 e 13 de Fevereiro 2014	½ Final
26 de Abril	Final

Anexo 2 - Codificação retirada do programa Sportscore da



Análise da Equipa

Anexo 3 - Apresentação (retirada do programa Sportscore) para a preleção 1

Alba e Porto	
1	Faltas Porto
2	Momentos Menos Bons
3	16 Ações de risco 2.5 1ª bola defendida 3.1 Passe de risco 3.5 Passe de risco
4	Momentos Positivos
5	3 5 3 5 1.5 Jogo entre linha 1.9
6	
7	Momentos a Explorar
8	10 No decorrer da 1.6 1.4 Caso um dos médios adversários 7 Na 2ª FC do a
9	Iniciativa interior dos DL para superar a organi 1.1
10	Movimentos em que são perigosos
11	4 São um 1.5 Sendo 3
12	11FC a 13, direcionada para par os laterais 6 12 11
13	Jackson, referência para a criação 1
14	Iniciativa interior dos DL para superar a organi 7
15	Cruzamentos 2
16	TO vertical à procura de Jackson 1
17	Lateralização para a corrida e cruzamento do 2